

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO
GROSSO DO SUL
CAMILA ANDRÉ DO NASCIMENTO DA
SILVA**

**O USO DE NEOLOGISMOS POR
EMPRÉSTIMO EM KAIWÁ: UM
ESTUDO PRELIMINAR DA VERSÃO
DO NOVO TESTAMENTO BÍBLICO**

**TRÊS LAGOAS - MS
2011**

**CAMILA ANDRÉ DO NASCIMENTO DA
SILVA**

**O USO DE NEOLOGISMOS POR
EMPRÉSTIMO EM KAIWÁ: UM
ESTUDO PRELIMINAR DA VERSÃO
DO NOVO TESTAMENTO BÍBLICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras/Área de Concentração: Estudos Linguísticos do Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira

**TRÊS LAGOAS - MS
AGOSTO/2011**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Vicente Ferreira – orientador – UFMS/CPTL

1º Examinador – Prof^a Dr^a Mônica Veloso Borges – UFG/Goiânia

2º Examinador – Prof. Dr. Edson Rosa Francisco de Souza – UFMS/CPTL

1º Suplente – Prof^o Dr. Ludoviko Carnasciali dos Santos – UEL/Londrina

2º Suplente – Prof^a Dr^a Marlene Durigan – UNIGRAN/Dourados

Três Lagoas, 22 agosto de 2011

Dedico este trabalho às pessoas que sempre me incentivaram a acreditar que posso romper meus limites e a todos que contribuíram de forma positiva para sua elaboração.

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho. Algumas talvez não saibam da importância de sua participação, no entanto este trabalho não teria sido realizado sem o auxílio prestimoso daqueles a quem agradeço neste momento:

Ao Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio do Programa CAPES, que me concedeu auxílio financeiro durante toda a pesquisa;

A todos os professores do Programa, pela preciosa contribuição, em especial ao Dr. Rogério Vicente Ferreira, meu orientador, por sua confiança, orientação e paciência;

À Coordenação e Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Letras – CPTL de Três Lagoas/MS, representado com eficiência nas pessoas de Kelcilene Grácia Rodrigues, Claudionor Messias da Silva e Camila Tonani de Oliveira Melo, pelo suporte institucional e incentivo para que eu pudesse chegar até o fim;

Especialmente aos povos kaiwá e guarani, minha gratidão pelo aprendizado sobre a vida e resistência: mesmo em condições desfavoráveis, mantêm a alegria e o riso;

Aos meus pais, Elmiro Nicolau da Silva e Creusa André do Nascimento da Silva, por me darem forças e coragem para explorar o mundo em busca de meus ideais de vida;

Aos meus irmãos Elmiro e Emílio, obrigada, pela solicitude, por acreditarem em mim e, sobretudo, pela solidez interna em que eu me espelhei;

Aos amigos da pós-graduação, agradeço pela amizade e pela participação reveladas em apoio, carinho e atenção em todos os momentos. Obrigada pelo suporte emocional, pelo exemplo de determinação, persistência, sensatez e principalmente por acreditarem em mim;

Minha mais profunda gratidão aos meus amigos, cujos nomes prefiro não mencionar para evitar injustiças, que sabem da importância de seu carinho, amparo e estímulo durante as idas e vindas que marcaram a trajetória desta dissertação e o meu percurso no mestrado. Obrigada pelo amparo e por se configurarem como uma nova família;

A toda a minha família, pelo apoio gratuito e absoluto. Obrigada, por estarem sempre comigo, torcendo pelas conquistas e amparando-me nos momentos difíceis;

A JEOVÁ, meu Guia incondicional, que me permitiu chegar até aqui, que me deu saúde, força, motivação, paciência, perseverança e sabedoria para que eu entendesse que os obstáculos encontrados foram para me fortalecer. Obrigada, meu DEUS, por iluminar minha vida e fazer, de meus caminhos, maravilhosos momentos de realizações.

RESUMO

Esta dissertação reflete sobre o fenômeno do empréstimo linguístico, pela língua kaiwá, segundo a perspectiva do contato de línguas, ocasionado tanto pela proximidade, quanto pela situação de bilinguismo que suscita entre os indígenas e a sociedade envolvente, na busca pela comunicação e compreensão de suas diferenças. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar empréstimos cedidos do português para a língua kaiwá. Os dados foram coletados na versão kaiwá do Novo Testamento da Bíblia Sagrada e ratificados por meio de entrevistas com informantes bilíngues que residem nas aldeias Jaguapiru e Bororó na reserva indígena de Dourados-MS. Para tanto, seguimos, como referencial teórico, obras referentes a processos de formação de palavras, especialmente neologismos por empréstimo (fonológico, sintático e semântico), no que diz respeito a processos de formação neológica, ao neologismo dentro do conceito de palavra, bem como a algumas considerações acerca de estrutura linguística e semântica, com destaque para Alves (1994), Barbosa (1998), Basilio (1991), Biderman (1978), Câmara Júnior (1975), Carvalho (1989, 2009) e Ullmann (1964). De um total de 137 neologismos por empréstimo analisados, 88 foram classificados como xenismos; 29 como empréstimos semânticos; 12, sintáticos – subdivididos em 3 por flexão, 1 por derivação prefixal, 4 por derivação sufixal, 1 por derivação parassintética, 2 por composição e 1 por conversão e 8 como empréstimos fonológicos. Tendo em vista os resultados obtidos com a análise dos dados, é possível afirmar que os neologismos por empréstimo semântico são fontes mais produtivas, em relação aos níveis sintáticos e fonológicos, embora predominem os casos de xenismo, confirmando a forte influência do contato com o português sobre a língua kaiwá.

Palavras-chave: Neologismos por empréstimo; processos neológicos; kaiwá.

ABSTRACT

This dissertation reflects about the phenomenon of linguistic borrowing, through Kaiwá language, from the language contact perspective, both caused by the proximity, as the bilingualism situation poses that contact between the Indians and their environment in pursuit of communication and understanding of their differences. The research aims to identify and analyze the loans granted from the Portuguese to the Kaiwá language. Data were collected in Kaiwá's New Testament of the Holy Bible version and ratified through interviews with bilingual informants living in Jaguapirú and Bororó villages, both of them Indian reserve in Dourados-MS. To reach that goal, we will use, as a theoretic referential, works related to word formation processes, especially neologisms by loan (phonological, syntactic and semantic), regarding the neologism formation processes, neologism in the concept of the word and some linguistic and semantics structure considerations, especially Alves (1994), Barbosa (1998), Basilio (1991), Biderman (1978), Câmara Júnior (1975), Carvalho (1989, 2009) and Ullmann (1964). From a total of 137 neologisms by loan analyzed, 88 were classified as "xenismos", 29, as semantic loans, 12, syntactic – subdivided into 3 by flexion derivation, 1 prefixal derivation, 4 suffixal derivation, 1 by parasynthesis derivation, 2 by composition and 1 by conversion and 8 by loan phonological. Considering the results obtained from the data analysis, we can say that the semantic neologisms by loan sources are more productive comparing to the syntactic and phonological levels, although what prevails is the "xenismo" case, confirming the strong influence of contact with the Portuguese over the Kaiwá language.

Key-words: Neologism by loan; neologism processes; Kaiwá.

LISTA DE SIGLAS

CIMI – Conselho Indigenista Missionário.

CTI – Centro de Trabalho Indigenista.

FUNAI – Fundação Nacional do Índio.

FUNASA – Fundação Nacional de Saúde.

ISA – Instituto Socioambiental.

NEPPI – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Populações Indígenas.

RID – Reserva Indígena de Dourados.

SIL – Summer Institute of Linguistics/Sociedade Internacional de Linguística.

SPI – Serviço de Proteção ao Índio.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1. Nova constituição interna da família Tupí-Guaraní.....	18
Quadro 2. Exemplos de neologismos por empréstimo semântico: sob a influência da ditadura militar na tradução bíblica kaiwá.....	48
Quadro 3. Neologismos na língua kaiwá.....	51
Quadro 4. Empréstimos linguísticos do português para o kaiwá.....	51
Quadro 5. Palavras supostamente neológicas em kaiwá.....	53
Quadro 6. Palavras neológicas em kaiwá.....	54
Quadro 7. Quadro fonêmico do português.....	83
Quadro 8. Empréstimos fonológicos.....	85
Quadro 9. Empréstimos linguísticos: xenismos.....	147
Tabela 1. Consoantes kaiwá.....	77
Tabela 2. Vogais kaiwá.....	77
Tabela 3. Realização e representação dos fonemas.....	78
Tabela 4. Consoantes e vogais.....	79
Tabela 5. Fone/Alofone.....	80
Tabela 6. Fonemas.....	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1. Distribuição das famílias linguísticas do tronco tupi.....	17
Mapa 2. Terras guarani-kaiwá.....	33
Mapa 3. Distribuição das terras guarani.....	34
Mapa 4. Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa.....	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
I POVOS INDÍGENAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI	16
1.1 O tronco tupi e suas famílias.....	16
1.2 Povos indígenas da família tupi guarani em Mato Grosso do Sul.....	19
1.2.1 Demografia da terra indígena em Mato Grosso do Sul.....	19
1.3 A reserva indígena de Dourados-MS.....	22
1.4 Um breve relato sobre o processo histórico do contato.....	24
1.5 Retrospecto dos principais estudos já realizados sobre os kaiwás.....	26
1.6 A língua.....	27
1.6.1 Situação sociolinguística.....	29
1.7 O povo.....	31
1.7.1 A localização.....	32
1.7.2 Aspectos socioculturais.....	35
1.7.2.1 Usos e costumes.....	36
1.7.3 Os problemas sociais.....	39
1.8 Panorama histórico-situacional: a realidade atual.....	42
1.9 A religião.....	42
II PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	47
2.1 Da definição dos objetivos.....	47
2.2 Arcabouço teórico.....	48
2.3 Pesquisa de campo.....	49
2.4 Apresentação do corpus.....	53
III RENOVAÇÃO LEXICAL: MECANISMOS DE FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS	55
3.1 Algumas considerações sobre o léxico.....	55
3.2 Neologia e neologismo.....	57

3.2.1 A gênese do neologismo.....	59
3.2.2 O neologismo no processo de formação de palavras.....	61
3.2.3 O neologismo dentro do conceito de palavra.....	63
3.3 Processos de formação neológica.....	66
IV NEOLOGISMOS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO KAIWÁ.....	73
4.1 Apresentação dos dados.....	73
4.2 Neologismo por empréstimo.....	74
4.2.1 Apresentação introdutória da fonologia do kaiwá.....	76
V DO PORTUGUÊS AO KAIWÁ: O USO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS.....	85
5.1 Neologismo por empréstimos fonológicos.....	85
5.2 Neologismo por empréstimos sintáticos.....	92
5.2.1 Flexão.....	93
5.2.2 Derivação.....	96
5.2.3 Derivação prefixal.....	96
5.2.4 Derivação sufixal.....	98
5.2.5 Derivação parassintética.....	102
5.2.6 Composição.....	103
5.3 Conversão (derivação imprópria).....	106
5.4 Neologismo por empréstimos semânticos.....	108
5.5 Outros processos neológicos: xenismo.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	153
APÊNDICES.....	165

INTRODUÇÃO

No Brasil, os estudos referentes aos processos neológicos em línguas indígenas são algo ainda pouco explorado, o que justifica a intenção desta pesquisa. Os estudos lexicais das línguas indígenas podem apresentar relevância significativa nesse tipo de pesquisa, pois a diversidade de fatos linguísticos permite verificar o que é diferente quanto aos processos de criações neológicas.

No âmbito da expansão vocabular, o fenômeno neológico torna-se objeto de muitas investigações, à medida que, segundo Carvalho (1989, p. 23), “os neologismos têm o objetivo de oferecer novos conceitos sobre o universo e assim acompanhar a evolução humana”.

Levando em consideração que as línguas vivem em constante desenvolvimento e variação e, com isso, são suscetíveis a mudanças, é de suma importância procurar fatores linguísticos que contribuem para essas modificações. Assim, o objetivo geral desta pesquisa é compreender o fenômeno da formação de novos itens lexicais e os mecanismos utilizados para essas renovações quando duas línguas distintas estão em situação de contato, como é o caso do kaiwá e do português, objetos de estudo nesta dissertação.

De acordo com Espíndola (2002, p. 8), a vida em volta da aldeia sempre influenciará a vida interna das comunidades indígenas: “Seja qual for a língua falada pelos habitantes externos, com certeza ela vai interferir na língua falada no âmbito interno desta comunidade”. Assim, é possível afirmar que a convivência entre etnias diferentes resulta em modificações linguísticas contínuas. Nesta pesquisa, a identificação de mudanças linguísticas ocorreu junto aos índios kaiwá da reserva indígena Francisco Horta Barbosa, situada nas proximidades da cidade de Dourados, em Mato Grosso do Sul. Nessa reserva, estão localizadas as aldeias Jaguapiru e Bororó, nas quais as crianças, desde bem pequenas, falam a língua materna, ou seja, o kaiwá. Nota-se que os indígenas usam o português apenas em situações de interação com os não indígenas, quando vão até a cidade e sentem a necessidade de comunicação, na maioria das vezes em momentos de comercialização. Para esse povo, a intensa interação com falantes de língua portuguesa foi inevitável e, portanto, comunicar-se em português tem sido o principal recurso usado pelos kaiwás¹ para relacionar-se com a sociedade envolvente.

¹ O uso do plural em kaiwá(s) e guarani(s) justifica-se pela *concordância nominal* no português.

Observamos que um dos resultados desse contato linguístico entre os kaiwás e o mundo exterior tem sido a criação lexical, ou seja, o uso de novas palavras para designar objetos e expressões introduzidos pelo não indígena, fenômeno denominado neologismo, fato linguístico que, de acordo com Basilio (1991, p. 9), pode decorrer da “utilização da ideia de uma nova palavra em uma ou outra classe gramatical; e a necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica”.

Com base em Basilio (1991), bem como nas concepções sobre formação de novas palavras expostas por Biderman (1978), Alves (1994), Barbosa (1996), Carvalho (1989), entre outros, este trabalho tem como objetivo específico identificar e descrever as renovações lexicais por empréstimo encontradas em textos bíblicos traduzidos do português para o kaiwá, destacando o fenômeno neológico a que cada uma delas pertence. A edição bíblica usada na pesquisa intitula-se *Nhandejáry Nhe'e* (A palavra do nosso Dono - “Deus”), cujos direitos estão reservados à Liga Bíblica Mundial. Trata-se apenas do Novo Testamento na língua kaiwá, cuja edição foi publicada, em 1986, pela linguista e antropóloga Loraine Irene Bridgeman.

A metodologia utilizada para a realização do trabalho obedece a procedimentos de pesquisa documental e de campo. Na primeira etapa, procedemos ao levantamento de itens lexicais possivelmente neológicos na Bíblia traduzida em kaiwá e, na fase seguinte, realizamos entrevistas com índios residentes em aldeias da reserva indígena de Dourados-MS para confirmação ou descarte dos itens. Também entrevistamos professores que estão em constante contato com o idioma e, em particular, um indígena que eventualmente já havia trabalhado com a tradução do Novo Testamento da bíblia em kaiwá e atualmente está auxiliando os tradutores do “Velho Testamento”.

Importa mencionar que nossa opção pelo trabalho de criação linguística como objeto de pesquisa vincula-se ao reconhecimento de que esse “trabalho” contribui para a compreensão e a interpretação da experiência do contato linguístico e dos elos entre as palavras novas e seus referentes, bem como o dinamismo linguístico e a resistência cultural, conforme ensina Pilla (2002).

De forma geral, pretende-se, com esta pesquisa, trazer ao conhecimento da sociedade a realidade linguística desse povo, o que implicou a estruturação do trabalho em cinco capítulos.

No primeiro, apresentamos uma breve representação do tronco Tupi e suas famílias em Mato Grosso do Sul e um relato sucinto sobre o processo histórico do contato,

além de uma retrospectiva dos estudos já realizados sobre os guaranis/kaiwás. Ainda neste capítulo abordamos o contexto sócio-histórico-cultural do povo kaiwá, especificamente dos que residem na reserva indígena Francisco Horta Barbosa.

No segundo capítulo, abordamos de forma bem concisa os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa. Destacamos o arcabouço teórico empregado, em seguida descrevemos a pesquisa de campo realizada e, por fim, apresentamos uma prévia do corpus coletado para a análise, já com alguns resultados e estatísticas.

O terceiro capítulo apresenta o referencial teórico empregado na pesquisa, que compreende considerações a respeito do léxico, as definições de neologia e neologismo, bem como a gênese do neologismo, evidenciando esse fato linguístico no rol dos processos de formação de palavras. Por fim, este capítulo caracteriza os processos de formação neológica com ênfase no neologismo por empréstimo, que é a base deste trabalho.

No quarto capítulo, caracterizamos de forma breve a fonologia do kaiwá, como suporte para a descrição e análise dos neologismos por empréstimo fonológico.

No quinto capítulo, apresentamos o levantamento das palavras utilizadas como neologismo por empréstimo e analisamos cada uma delas de acordo com a fundamentação teórica apresentada no segundo. Primeiramente, analisamos as palavras consideradas neologismos por empréstimo fonológico. Em seguida, analisamos os empréstimos sintáticos, observando os processos de flexão, derivação e composição, bem como o fenômeno da conversão e, por fim, os neologismos por empréstimo semântico e os xenismos.

No Apêndice I, o leitor encontra tabelas em que constam dados referentes ao corpus. No Apêndice II, consta uma lista de referências bibliográficas pertinentes a aspectos linguísticos, culturais e sociais da etnia kaiwá.

CAPÍTULO I

POVOS INDÍGENAS DA FAMÍLIA TUPI-GUARANI

1.1 O tronco tupi e suas famílias

De acordo com Melatti (2007, p. 61), o nome “tupi” pode ser usado segundo três níveis de compreensão. O primeiro corresponde ao nome da língua falada por indígenas do litoral quando chegaram os europeus. Em outro nível, esse nome é anexado ao nome “guarani” para denominar uma família linguística, a tupi-guarani, da qual faz parte a referida língua litorânea. No terceiro e último nível, “tupi” é o nome de um tronco linguístico que inclui a família tupi-guarani, além de outras.

O estado de Mato Grosso é a segunda mais importante região do Brasil em diversidade linguística, perdendo, nesse aspecto, apenas para o Amazonas. Nele, são faladas línguas dos quatro maiores agrupamentos genéticos da América do Sul: o tronco tupi, o tronco macro-jê, a família aruak e a família karíb (CABRAL, 2004, p. 1).

De acordo com Seki (1999, p. 259), “o tronco Tupi, estabelecido bem claramente, inclui 6 famílias genéticas: Tupi-Guarani (com 33 línguas e dialetos), Mondé (com 7 línguas), Tupari (com 3 línguas), Juruna, Munduruku e Ramarana (cada uma com 2 línguas), e 3 línguas: Aweti, Mawé e Puruborá”. Além dessas seis famílias e da tupi-guarani, o tronco tupi abrange ainda algumas línguas isoladas, no entanto a família tupi-guarani destaca-se entre outras famílias linguísticas pela notável extensão territorial sobre a qual estão distribuídas suas línguas.

Segundo Rodrigues (2002), além da família tupi-guarani, muitas outras famílias linguísticas têm sido reconhecidas na América do Sul. Algumas revelam parentescos mais remotos com a família tupi-guarani e, junto com esta, constituem um tronco, o tronco tupi. Ainda do ponto de vista do autor, no Brasil as línguas da família tupi-guarani são, atualmente, faladas no Maranhão, no Pará, no Amapá, no Amazonas, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Goiás, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, no Rio de Janeiro e no Espírito Santo, assim como fora do Brasil: na Bolívia, no Peru, na Venezuela, na Guiana Francesa, na Colômbia, no Paraguai e na Argentina, evidenciando uma enorme

dispersão geográfica (RODRIGUES, 2002, p. 32, 42), que pode ser evidenciada no mapa a seguir².

Mapa 1. Distribuição das famílias linguísticas do tronco tupi.



Fonte: Promotora Española de Linguística (PROEL)

² Neste mapa não estão incluídas todas as línguas, das famílias linguísticas do tronco tupi, por exemplo, o mapa não apresenta as línguas Avá-Canoeiro e Juruna.

Com relação ao tronco tupi, este é um grande grupo de línguas, com uma enorme ramificação. A maioria das línguas pertence a um ramo único, da família tupi-guarani, e, como mencionado, o grupo de línguas tupi-guarani é um dos mais difundidos na América do Sul, conforme se pode visualizar no quadro 1.

Quadro 1: Nova constituição interna da família Tupí-Guaraní

Ramo I:	<ul style="list-style-type: none"> • Guaraní Antigo
	<ul style="list-style-type: none"> • Kaiwá (Kayová, Pãí), Ñandeva (Txiripá), Guaraní Paraguaio
	<ul style="list-style-type: none"> • Mbyá
	<ul style="list-style-type: none"> • Xetá (Serra dos Dourados)
	<ul style="list-style-type: none"> • Tapieté, Chiriguano (Ava), Izoceño (Chané)
	<ul style="list-style-type: none"> • Guayakí (Axé)
Ramo II:	<ul style="list-style-type: none"> • Guarayo (Guarayú) • Sirionó, Horá (Jorá)
Ramo III:	<ul style="list-style-type: none"> • Tupí, Língua Geral Paulista (Tupí Austral) • Tupinambá, Língua Geral Amazônica (Nhe'engatú)
Ramo IV:	<ul style="list-style-type: none"> • Tapirapé • Asuriní do Tocantíns, Parakanã, Suruí (Mujetire), • Avá-Canoeiro • Tembé, Guajajára, Turiwára
Ramo V:	<ul style="list-style-type: none"> • Araweté, Ararandewára-Amanajé, Anambé do Cairarí • Asuriní do Xingu
Ramo VI:	<ul style="list-style-type: none"> • Kayabí, Apiaká • Parintintín (Kagwahíb), Tupí-Kawahíb (Tupí do Machado, Pawaté, Wiraféd, Uruewauwau, Amondáva, Karipúna, etc.) • Juma
Ramo VII:	<ul style="list-style-type: none"> • Kamayurá
Ramo VIII:	<ul style="list-style-type: none"> • Wayampí (Oyampí), Wayampípukú, Emérillon, Jo'é • Urubu-Ka'apór, Anambé de Ehrenreich • Guajá • Awré e Awrá • Takunhapé

Fonte: RODRIGUES e CABRAL, Belém: EDUFPA, 2002.

1.2 Povos indígenas da família tupi guarani em Mato Grosso do Sul

1.2.1 Demografia da terra indígena em Mato Grosso do Sul

Em relação aos povos indígenas Guaranis do Brasil, merece destaque a história desses povos guaranis no estado de Mato Grosso do Sul. De acordo com Darrault-Harris (2000, p. 53), Mato Grosso do Sul “é o segundo estado do Brasil que mais possui indígenas, o censo dessa população, divulgado pela FUNAI, corrobora essa afirmação apresentando um total de 45.259 índios, sendo cerca de 25.000 da nação guarani/kaiowá”.

No dizer de Brand (2001), cinco povos destacam-se hoje no cenário multicultural do estado de Mato Grosso do Sul: os Kaiwás/Guaranis, os Terenas, os Kadiwéus, os Guatós e os Ofaiés. Os Guaranis³ contemporâneos são, convencionalmente, divididos em três subgrupos: os Ñandevas/Chiripás, os Mbyás e os Kaiwás. Já os Kaiwás/Guaranis e os Terenas são destacados por apresentarem a maior população indígena do estado, com, respectivamente, 25 mil e 20 mil pessoas, além de constituírem, quantitativamente, duas das mais importantes populações indígenas do país. (BRAND, 2001, p. 2).

Em consequência de um processo histórico extremamente desfavorável, essas populações encontram-se confinadas, vivenciando crescentes problemas relacionados à sua sustentabilidade interna. A história dos Guaranis em Mato Grosso do Sul remete-nos a processos de colonização, desapropriação de territórios, demarcação de terras, criação de reservas, exploração de terras para empresas privadas, exploração da mão de obra indígena e confinamentos, questões que têm sido alvo de pesquisa em diferentes áreas do conhecimento (História, Geografia, Antropologia, Sociologia, entre outras) e podemos classificar como fatores extralinguísticos que podem influenciar a língua de um determinado povo.

As primeiras propostas de aldeamento dos indígenas surgiram em meados do século XIX. Nota-se que, a partir de 1910, com a criação do SPI, os critérios para a instalação de reservas foram determinados por orientação fundiária do SPI. Com a instituição desse serviço, o território atual de Mato Grosso do Sul foi dividido em oito reservas indígenas destinadas aos Guaranis. No final da década de 1950, do território original de aproximadamente 20 mil Km², restavam, legalmente, aos kaiwás, apenas um total de 18.124 ha, que estavam divididos em oito reservas distintas. (BRAND, 1997, p. 119).

³ Neste trabalho pluralizamos os nomes dos povos indígenas respeitando a classificação de concordância verbal que estes remetem, ao invés de manter apenas nomes no singular como determinantes da etnia.

O autor ainda afirma que o SPI, juntamente com o governo do estado, instituiu o confinamento dos índios kaiwás em pequenas porções de terra para, de forma oportuna, liberar, para os colonizadores, o território até então ocupado por aldeias indígenas, favorecendo especialmente empresas privadas. O deslocamento dos indígenas para as áreas reservadas caracterizou, no entanto, um confinamento obrigatório, pois o objetivo era desocupar a região, criando espaços para a instalação de empresas privadas cujo intuito era explorar o território. De acordo com o autor, a partir de 1890, a Cia Mate Laranjeira instala-se na região e ocupa o território kaiwá, deslocando inúmeras aldeias para exploração da erva mate no sul do estado de Mato Grosso.

Nota-se que, na iniciativa do Governo Federal em outorgar terras à Companhia Mate Laranjeira⁴, a exploração da erva-mate difunde-se em todo o território indígena do sul do estado. Com a instalação da Companhia nos territórios ocupados pelos guaranis, estabeleceram-se disputas pelas terras da região, o que ocasionou a migração forçada desses povos às áreas demarcadas:

Embora a Cia Matte Laranjeira [sic] inicialmente não estivesse interessada na propriedade da terra, a exploração da erva-mate e o amplo engajamento dos Kaiowá e Guarani nesta tarefa, impôs já o deslocamento de índios em seus acampamentos. Algumas Reservas foram criadas em função desta interferência da Cia Matte Laranjeira na ocupação espacial tradicional (BRAND, 1997, p. 132).

O ponto de vista de Brand (1997) permite-nos declarar que a Companhia Mate Laranjeira interessava-se pelos ervais nativos localizados dentro da terra indígena e pela mão de obra necessária à exploração. Ademais, com o desmatamento sistemático da região, dezenas de aldeias foram abandonadas e tomadas pelos fazendeiros que se utilizavam da mão de obra indígena enquanto necessária. Os indígenas podiam permanecer em suas aldeias, porém, concluído o desmatamento, eram expulsos e transferidos para dentro das reservas. Esse processo de confinamento pode ser declarado como o responsável pela perda e destruição das aldeias tradicionais, pois, além de gerar a superpopulação e a sobreposição de aldeias dentro das mesmas reservas, fixou novas ordens e desarticulou a economia tradicional, colocando em vigor a prática do assalariamento, “primeiro na colheita da erva-mate, depois

⁴ Foi um dos maiores arrendatários de terras do Brasil, um grupo privado de exploração da erva-mate. Associou-se ao Banco e, dessa união, originou-se a Companhia Mate-Laranjeira.

nas derrubadas e no trabalho de implantação das fazendas de gado e, por fim, nas usinas de álcool”. (BRAND, 1997, p. 263).

Do mesmo ponto de vista, Nascimento (2007) menciona que foi a partir da instalação de empresas privadas nas terras indígenas que surgiu, com maior força, o empenho pela demarcação de terras, já que era de interesse dos colonos a expulsão dos índios de suas próprias terras visando à exploração dessas áreas. O autor assegura que a instalação dos colonos em território indígena resultou primariamente em sua transferência para outros espaços. Entre os anos de 1915 e 1928, o SPI “demarcou oito reservas – pequenas extensões de terra, para usufruto dos guarani e kaiowá, perfazendo um total de 18.124 ha, com o objetivo de confinar os núcleos indígenas, liberando o restante do território para a colonização”. (NASCIMENTO, 2007, p. 18).

Retomando a afirmação categórica de Brand (1997), podemos dizer que a transferência das aldeias para dentro das reservas “não significou apenas o deslocamento geográfico dessas aldeias e a correspondente perda das terras”. A vida dentro das reservas infligiu transformações na relação entre os indígenas e seu território. Ao perderem sua aldeia, foram obrigados a disputar um pedaço de terra cada vez menor dentro das reservas, o que resultou em maneiras alternativas de subsistência, acompanhadas das frequentes imposições provindas dos colonizadores. (BRAND, 1997, p. 204).

Além disso, todo esse processo de confinamento e demarcação de terra não fez dos povos indígenas apenas vítimas passivas da ação das frentes pioneiras que entraram em seus territórios. Isso também os levou a desenvolver complexas relações de troca e negociação, ao lado de atos de resistência e lutas violentas, tendo sempre em vista a garantia de sua organização social. Com a criação das reservas, o Estado poderia liberar o restante do território para os colonos e, com isso, desenvolver o processo de colonização e ocupação da região, além de concentrar as populações indígenas em locais específicos, facilitando a mão de obra barata. Essa política de criação de reservas visava também inviabilizar o modo de ser tradicional dos povos indígenas, na tentativa de transformá-los em mão de obra, pois só seria possível essa transformação por meio do enfraquecimento de sua identidade, já que suas tradições lhes propiciavam muita resistência.

Outro objetivo do confinamento era facilitar a aproximação desses povos com a sociedade envolvente, inserindo os costumes da sociedade majoritária, em detrimento dos costumes indígenas. Houve, no entanto, uma mudança de percurso provinda da resistência desses povos; o tempo indica que foram capazes de preservar e cultivar sua organização

social, cultural, sua língua e costumes por mais de 500 anos, mantendo sua especificidade étnica na permanência de padrões convencionais.

Segundo Aylwin (2009, p. 11), apesar de tudo, os povos indígenas do Mato Grosso do Sul têm mostrado evidentes sinais de revitalização do ponto de vista cultural; as aldeias resistem de diversas formas às tendências integracionistas, retomando a prática de sua língua, tradições, religiosidade e formas de vida, desde o início da colonização até os dias atuais.

1.3 A reserva indígena de Dourados-MS

A reserva indígena de Dourados localiza-se ao norte da cidade; situa-se bem próxima ao perímetro urbano do município, a cerca de 5 km do centro, e é cortada pela Rodovia MS-156, que liga Dourados à cidade de Itaporã. As terras que hoje pertencem ao município de Dourados⁵ eram habitadas pelos Terenas, Nandevas e Kaiwás, cujos descendentes ainda podem ser encontrados nas aldeias indígenas do município.

Também conhecida por RID, a reserva é denominada *Francisco Horta Barbosa* e é composta pelas aldeias Jaguapiru e Bororó. Estima-se que, em Dourados/MS, segundo dados da FUNAI, haja uma das maiores populações indígenas do Brasil, com aproximadamente 12 mil indígenas, divididos em três etnias: terena, guarani-kaiwá e guarani-ñandeva.

Com o intuito de descrever a instituição da reserva de Dourados, Wenceslau (1990) afirma que, sensibilizado, Rondon, já no início do século XX, fez demarcar as terras que ainda restavam aos índios daquela região, e esse foi o ponto de partida para a origem da reserva indígena de Dourados. Ainda segundo o autor, em 1925, o Posto Indígena de Dourados foi instalado pelo então Inspetor do SPI, o major Nicolau Horta Barbosa, que fez a demarcação da área tendo em vista a doação feita pelo presidente da província de Mato Grosso, em 1915, de um lote de terra de 3,600 ha para os indígenas kaiwás de Dourados. As terras demarcadas, nomeadas de reservas, da atual Terra Indígena de Dourados, tiveram seu título definitivo de propriedade expedido em 26-10-1985 e legalizado em 14-12-1985, com 3539 ha. (WENCESLAU, 1990, p. 117).

Com relação à data em que a reserva foi instalada e à quantidade de terra que foi demarcada, foram encontradas, no entanto, algumas contradições entre os pesquisadores. Em

⁵ Cidade sul-mato-grossense situada a 250 quilômetros de Campo Grande, a capital do estado.

total harmonia com o que já foi dito por Wenceslau (1990) e Brand (1997), Espíndola (2002, p. 23-24) também afirma que o Posto Indígena de Dourados foi fundado em 1925. Tanto Gressler (1988) quanto Espíndola (2002) afirmam que o Parque Indígena de Dourados foi fundado em 1925, quando o inspetor Major Nicolau Horta Barbosa começou a demarcar sua área, com o amparo no Decreto nº 401, de 3 de setembro de 1915.

Em contraste ao que já foi citado, Martins (2005) apresenta a data de titulação da área e ainda revela uma discrepância na quantidade de terras que foi demarcada, levando em consideração que a posse definitiva demorou alguns anos para ser liberada:

O título definitivo de propriedade das terras que compõem o Posto Indígena (PI) de Dourados foi expedido em 21 de outubro de 1965 sendo registrado em 14 de dezembro de 1965, com uma área de 3.539 hectares, portanto com 61 hectares a menos que o previsto no artigo 1º do Decreto n. 401/1915 (MARTINS 2005, p. 118).

Lourenço (2008, p. 57), por sua vez, apresenta um desencontro de datas: o autor afirma que a reserva foi fundada em 1917 e que sua demarcação ocorreu somente 48 anos depois, “devidamente titulada e registrada na folha 82 do Livro n. 23, em 14 de fevereiro de 1965, no Cartório de Registros de Imóveis na Delegação Especial de Terras e Colonização de Campo Grande (MS)”.

Por conseguinte, as divergências encontradas nas datas que corroboram as demarcações e instalações de reservas indígenas, podem ser entendidas melhor com a afirmação de Troquez (2006):

[...] as Reservas Indígenas foram resultadas de um projeto claro de colonização e civilização que desconsiderou as especificidades (étnicas, culturais e históricas) dos indígenas e negou-lhes o direito a posse das terras que tradicionalmente ocuparam (TROQUEZ, 2006, p. 32).

Com base em todas essas afirmações, torna-se evidente que o deslocamento para dentro de reservas demarcadas retirou os indígenas das aldeias tradicionais, gerando um confinamento forçoso e impondo uma nova organização econômica, social e política para o povo enclausurado. O modo de ser tradicional desse povo foi profundamente atingido com o

deslocamento das aldeias tradicionais para as reservas, causando um confinamento não apenas geográfico, mas também cultural e, diante de todas as transformações sofridas, surgiu um modo de ser adaptado às novas situações com que depararam.

1.4 Um breve relato sobre o processo histórico do contato

O Brasil, antes da chegada dos colonizadores, já era habitado por diversos povos indígenas, sendo os guaranis um dos mais populosos e, por manterem um estilo de vida nômade, há registros de sua presença em diferentes localidades do país. Existem muitas fontes históricas que abordam os caminhos percorridos pelos povos Guaranis, exatamente por se tratar de uma das etnias mais documentadas de todos os tempos.

Segundo Monteiro (2003, p. 16-17), esses povos encontram-se hoje espalhados em “pequenos grupos pelo território nacional e outros países da América do Sul. Dominaram, em séculos passados, uma vasta região compreendendo os estados meridionais do Brasil e áreas limítrofes do Uruguai, Argentina e Paraguai”.

No entanto, de acordo com Souza (2004, p. 29), “quando chegaram os portugueses no Brasil, os índios tinham certa identidade linguística e cultural e viviam dispersos ao longo de toda a costa com ramificações pelo interior, normalmente acompanhando o vale dos rios”. Segundo os últimos relatos históricos, o primeiro contato ocorreu com povos tupis, que ocupavam toda a costa brasileira e cuja língua “foi a única estudada nos primeiros trezentos anos de colonização e os materiais linguísticos existentes foram produzidos sobretudo por missionários jesuítas portugueses”. (SEKI, 2000, p. 235).

Segundo Seki (2000, p. 161), informações sobre línguas não Tupis começaram a surgir no século XIX, por meio do trabalho de missionários e de estudiosos que estiveram em contato direto com os falantes nativos, embora se estime que,

no decorrer dos 500 anos de colonização, cerca de mil línguas se perderam devido ao desaparecimento físico dos falantes, em decorrência de epidemias, extermínio direto, escravização, redução de territórios, destruição das condições de sobrevivência e aculturação forçada, entre outros fatores que sempre acompanharam as frentes de expansão desde o período colonial até nossos dias (SEKI, 2000, p. 238).

Atualmente, é possível afirmar que a identidade indígena de muitos povos aos poucos está-se apagando e percebe-se um processo em que é possível assegurar que a presença do índio é paulatinamente relegada ao esquecimento. O apagamento da cultura e o processo de extinção das línguas indígenas são problemas ainda não resolvidos. Quando Rodrigues (2005, p. 36) assevera que houve uma redução de 1200 línguas para aproximadamente 180 línguas, evidencia o processo de desaparecimento desses povos. Ainda segundo o autor, é provável que, à época da chegada dos primeiros europeus ao Brasil, o número das línguas indígenas fosse o dobro do que é hoje. Podemos afirmar que essa redução teve como causa maior o desaparecimento dos povos que as falavam, em consequência das campanhas de extermínio ou de caça a escravos, das epidemias de doenças contagiosas, da redução de seus territórios e meios de subsistência e também da assimilação forçada aos usos e costumes dos colonizadores.

A respeito do tema, Seki (2000, p. 234) destaca que

um dos resultados do mencionado apagamento é o fato de que, no limiar do século XXI, ainda é bastante difundida a idéia de que o Brasil é um país monolíngüe e de cultura única. Entretanto, aos 500 anos de penoso contato, violências e discriminações, sobreviveram mais de duzentos povos indígenas, com suas crenças, costumes, organização social e visão de mundo próprios, falantes de cerca de 180 distintas línguas.

Seki (2000, p. 238) assegura também que o número ainda existente de línguas indígenas brasileiras representa uma grande diversidade linguística. Como já citado, as aproximadas 180 línguas existentes atualmente estão distribuídas da seguinte forma: Tronco Tupi, Tronco Macro-Jê, Família Karib, Família Aruak, Família Pano, havendo ainda nove outras famílias menores e dez famílias isoladas (MELATTI, 2007; RODRIGUES, 1986; SEKI, 1999). Observa-se que foi possível estabelecer uma classificação genética dessas línguas, agrupando-as em famílias e troncos linguísticos.

Na perspectiva de muitos estudiosos das línguas indígenas, todas as estimativas⁶ devem ser consideradas com certa cautela, pois as línguas indígenas encontram-se sob as mais diferentes pressões, sofrendo o impacto do crescente contato com a população envolvente e a língua majoritária, como vamos demonstrar nesta pesquisa.

⁶ Os dados sobre a quantidade de povos e populações indígenas no Brasil oscilam, dependendo da fonte.

Cunha (1992, p. 12) comenta que

[...] o que é hoje o Brasil indígena são fragmentos de um tecido social cuja trama, muito mais complexa e abrangente, cobria provavelmente o território como um todo [...] as sociedades indígenas de hoje não são, portanto o produto da natureza, antes suas relações com o meio ambiente são mediatizadas pela história.

Enfim, a afirmação de Cunha (1992) permite-nos inferir que os guaranis foram obrigados a se dispersar por vários estados brasileiros e por outros países da América do Sul e, por isso, hoje buscam reafirmar sua identidade como parte da luta pela sobrevivência.

1.5 Retrospecto dos principais estudos já realizados sobre os kaiwás

Segundo Cardoso (2008, p. 18), “os primeiros estudos da língua guarani datam já do século XVI, mas o primeiro trabalho publicado, e de grande envergadura, foi a obra do missionário jesuíta Atonio Ruiz de Montoya”.

No que se refere aos estudos linguísticos científicos sobre o kaiwá, destacamos aqui os materiais escritos por membros do *Summer Institute of Linguistics* (SIL); do Etnolinguística Línguas Indígenas da América do Sul; do Programa guarani-kaiowá – UCDB; do Centro de Trabalho Indigenista (CTI); do Instituto Socioambiental (ISA); do Conselho Indigenista Missionário (CIMI); do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Populações Indígenas (NEPPI), entre outros.

De modo geral, os estudos linguísticos sobre o kaiwá são poucos. No Brasil, os principais estudos linguísticos direcionados ao kaiwá são os realizados pelos missionários do SIL: Bridgeman (1960, 1961, 1981), Taylor & Taylor (1966a) e Taylor (1984a 1984b). Um vocabulário médico pode ser encontrado em Garcia (2000) e narrativas em kaiwá podem ser encontradas em Taylor & Taylor (1966b), em Taylor (1976), em Garcia & Ribeiro (2000) e em Garcia (2003).

Citamos também alguns pesquisadores do povo kaiwá: Cardoso (2008); Azevedo (1991); Brand (1997); Espíndola (2002); José Filho (2001); Morgado (1991); Nascimento (2007); Paschoalick (2008); Siqueira (2007); Wenceslau (1990); Almeida (1991); Bello (1995); Bernardes (1992); Bezerra (1994); Boschiglia (1998); Camy (1998); Chamorro-Arguello (1992); Coimbra (1997); Darrault-Harris (2000); Ferreira (2007); Garcia (2000); Grünberg (1991); Harrison e Taylor (1971); Leite (2004); Lewis (2009); Maciel (2005);

Manfroi (1998); Monteiro (2003); Mura (2006); Noal (2006); Oliveira (1993); Pacheco (2004); Pereira (2004); Picoli (1998); Pimentel (2000); Rossato (1998); Santos (1998); Silva (1982); Vieira (2007); Vietta (2007); entre outros⁷.

1.6 A língua

A língua foi uma forma que o homem encontrou para materializar seus pensamentos e representar o mundo em que vive; é uma das mais importantes chaves para se iniciar o conhecimento sobre um povo e talvez o instrumento mais importante de defesa da identidade de uma sociedade.

A língua guarani tornou-se a única língua indígena a obter um reconhecimento nacional e literário e a ser falada por um número expressivo de não nativos. No Paraguai, a língua guarani foi conservada sobretudo porque os padres jesuítas a tomaram como objeto de conversão religiosa.

O tupi-guarani era a língua indígena mais falada à época do descobrimento do Brasil, por volta de 1500. Sua gramática foi estudada pelos padres jesuítas, que a registraram. No início da colonização portuguesa no Brasil, o guarani era falado sobre uma enorme extensão ao longo da costa. Já no século XVI, ela passou a ser aprendida pelos portugueses, que, de início, eram minoria diante da população indígena. Aos poucos, o uso dessa língua intensificou-se e generalizou-se de tal forma, que passou a ser falada por quase toda a população da colônia, fato que levou os colonizadores a proibir seu uso com o intuito de favorecer o português. O contato entre as duas línguas acarretou, no entanto, fortes influências no português falado no Brasil.

De acordo com Rodrigues (2002), atualmente a língua guarani é falada por diferentes grupos/povos indígenas; no Paraguai, é língua oficial, juntamente com o espanhol.

Há, contudo, entre os guaranis, os subgrupos guarani-ñandeva, guarani-kaiwá e guarani-mbya existentes no Brasil, falantes de dialetos do idioma guarani, que se inclui na família linguística tupi-guarani, do tronco Tupi, com diferenças em suas formas linguísticas, costumes, práticas rituais, organização política e social, orientação religiosa, bem como em formas específicas de interpretar a realidade e de interagir segundo as situações. As variações

⁷ Não tivemos acesso a todos esses trabalhos; apenas a alguns, cujas referências estão registradas no Apêndice II, constando nas Referências Bibliográficas do trabalho apenas as obras efetivamente usadas como referencial teórico ou de análise.

linguísticas são observadas na pronúncia e nas sílabas tônicas, mas sobretudo no vocabulário e na sintaxe, de acordo com sistemas culturais próprios dos falantes da língua guarani.

É possível encontrar povos da etnia kaiwá tanto na região oriental do Paraguai, quanto no sul de Mato Grosso do Sul. De acordo com Cardoso (2008, p.18), “para os Kaiowá a reconquista de terras, a busca da auto-identificação, a valorização de sua cultura e o desenvolvimento de sua língua são aspectos diretamente ligados a sua identificação”. A pesquisadora enfatiza a necessidade de se consolidar um estudo sistemático do kaiwá que contribua para o fortalecimento da identidade cultural desse povo e, dessa forma, reafirmar esse grupo, metas que estão na gênese desta pesquisa.

Com base nos estudos linguísticos existentes sobre o kaiwá, é possível afirmar que “ainda não possui uma grafia unificada”, por isso utiliza-se da “grafia do guarani falado no Paraguai”, país em que a língua também é considerada oficial. Segundo alguns pesquisadores, a falta de consenso provoca, no interior da própria comunidade falante, confusões em relação à questão ortográfica, especialmente no âmbito escolar, pois faltam recursos pedagógicos para o ensino da língua materna, além de ser usada a ortografia da língua guarani do Paraguai. (JOSÉ FILHO, 2001; CARDOSO, 2008).

Com relação à educação, mesmo com a precariedade do ensino, em decorrência da falta de recursos, ainda é possível apresentar resultados positivos. Por exemplo, uma quantidade considerável de indígenas guaranis e kaiwás já concluiu o ensino fundamental. A Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, por intermédio do projeto *Ára Verá*, forma professores para as séries iniciais, e a Universidade Federal da Grande Dourados criou, em 2006, o curso de Licenciatura Indígena (Intercultural), que atende, sobretudo, aos Ñandevas e Kaiwás. Essas iniciativas possibilitam-lhes a conclusão do ensino fundamental, médio e até superior. O *Centro de Formação de Professores Indígenas de Mato Grosso do Sul Ára Verá*⁸, juntamente com os missionários do *Summer Institute of Linguistics* (SIL), e a *Universidade Federal da Grande Dourados*, entre outros colaboradores, são, atualmente, os responsáveis pela formação de professores indígenas de séries iniciais e de nível superior. O objetivo desses profissionais é sistematizar o ensino nas escolas das aldeias, com recursos didáticos próprios para o ensino da língua materna.

Visto que a produção de material pedagógico escrito em kaiwá é pequena e, em comentário geral, restringe-se à produção de cartilhas escolares, textos curtos sobre a cultura,

⁸ SED/MS – Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Guarani/Kaiowá – Projeto Ára Verá. Dourados/MS: Secretaria de Estado de Educação/MS, 1999.

além de apostilados sobre AIDS, DST, entre outros assuntos relativos à saúde preventiva, produzidos pelo Ministério da Saúde, é evidente a necessidade de elaboração de dicionários, gramáticas de referência e materiais de leitura que visem a auxiliar trabalhos em escolas de educação bilíngue de comunidades indígenas kaiwá. Os esforços da Secretaria Estadual de Educação do Mato Grosso do Sul, em providenciar recursos a favor dessa causa têm sido bastante visíveis.

Por fim, citamos o trabalho científico mais recente direcionado ao estudo do kaiwá: a tese de Cardoso (2008). Neste trabalho, o propósito da pesquisadora foi fazer um estudo de categorias sintagmáticas da língua kaiwá falada pelos índios que vivem no estado de Mato Grosso do Sul. A partir da interpretação dos dados da língua e da descrição de seus sintagmas, são mostradas as configurações de ordem em que são fixadas as categorias sintagmáticas, bem como a descrição de aspectos morfossintáticos de sua gramática. Seu objetivo foi oferecer uma descrição e análise de aspectos fundamentais da morfossintaxe do kaiwá (guarani), permitindo um conhecimento plausível de sua gramática.

1.6.1 Situação sociolinguística

De acordo com Paiva (2007), pesquisas científicas procuram elucidar a grande variedade de línguas existentes. Sabemos que a língua possui um papel fundamental na vida dos seres humanos, pois “permite aos homens interagirem entre si para construírem algo que consideram um bem para a comunidade”. Se, por um lado, uma língua pode ser usada para oprimir, explorar, subjugar, impor e, por outro, pode ser transmissora de conhecimento, de sentimentos, de informações, de interação, fica evidente que “a língua é resultado de relações sociais e, nesse sentido, reflete essas relações através dos usos que as pessoas dela fazem”. (PAIVA, 2007, p. 1-2). Para relacionar a língua à sociedade, os teóricos especialistas na área afirmam que a estrutura social pode influenciar ou determinar a estrutura da língua ou seu comportamento, o que prova que os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua, conforme veremos, embora tangencialmente, no decorrer de nossas análises.

A questão do ensino da língua materna nas escolas municipais da RID (Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa, Dourados-MS) leva-nos à seguinte consideração: a língua indígena está em desvantagem em relação à língua dominante, pois há falta de política linguística específica no caso da educação escolar indígena e da execução do ensino da língua

materna. E não podemos deixar de reiterar a importância da manutenção da língua materna para o fortalecimento da identidade étnica.

Além disso, o processo de contato linguístico entre a língua materna (L1) e a segunda língua (L2) torna-se bastante presente, em face da proximidade e da necessidade comunicativa. Para os índios, aprender a segunda língua é a única maneira de manter a comunicação com a sociedade não indígena, e é exatamente essa situação que encontramos nas aldeias Jaguapiru e Bororó na reserva indígena de Dourados. A proximidade das aldeias indígenas com a cidade faz que a interação entre sua língua materna e o português, a língua majoritária, seja inevitável. Assim, a junção das línguas se dá na mente de indivíduos que se relacionam em determinado lugar, ou seja, “há contato de línguas quando representantes de determinado povo e respectiva língua se deslocam e se encontram com representantes de outro povo e respectiva língua”. (COUTO, 2009, p. 179).

De fato, Couto (2009, p. 170) afirma que praticamente “tudo na dinâmica da língua pode ser encarado da perspectiva do contato”. O contato de línguas inicia-se com o *espaço*; logo, populações deslocam-se para o território de outra população, levando, assim, à interação entre os dois povos/línguas. Assim:

Com a convivência, as línguas serão processadas nas mentes dos indivíduos, o que pode levar um lado a apropriar-se da língua do outro, mesmo que fortemente marcada pela própria L1, ou ambos os lados formarem uma terceira realidade, um meio unificado de intercomunicação. (COUTO, 2009, p. 50)

Já que comunicar-se em português é, para esses falantes, o principal recurso para o contato com a sociedade envolvente, os kaiwás preocupam-se em falar em português, pois, para eles, o idioma é considerado um elo que aproxima o índio do mundo do não índio. O português é uma variante de prestígio para muitos indígenas, e ser entendido na língua que eles consideram ser de prestígio torna-os importantes para a sociedade envolvente, ratificando a premissa segundo a qual a língua aproxima o diferente, tornando-o aparentemente igual.

Enfim, as relações entre língua e sociedade levam-nos a afirmar que o indivíduo e a sociedade se definem reciprocamente por intermédio da língua, pois a língua concretiza os pensamentos do homem, marca sua existência no mundo, registra suas ideias, anseios, “defeitos” e qualidades, o que nos permite afirmar que a sociedade está contida na língua.

1.7 O povo

De modo geral, ao se falar do povo guarani, consideram-se os grupos indígenas do sul do Brasil e do Paraguai que falam essa língua, mas, em face das variações de culturas e dialetos, os guaranis subdividem-se em três grupos: mbyá, kaiwá e ñandeva, que são descendentes da família linguística tupi-guarani e pertencem ao tronco linguístico tupi.

Nesta dissertação, tratamos especificamente dos kaiwás, que ocupam pequenas áreas situadas em uma faixa de terra de aproximadamente 150 quilômetros de cada lado da fronteira do Brasil com o Paraguai, onde são denominados *Paĩ Tavyterã*. Tradicionalmente, são agricultores e praticam a caça, a pesca e a coleta como atividades secundárias.

De acordo com Rodrigues (2002, p. 33), ao todo 21 línguas da família tupi-guarani identificadas em território brasileiro são faladas por cerca de 33 mil pessoas. Conta com o maior número de falantes o kaiwá⁹, em Mato Grosso do Sul. Esses falantes, cujo número torna o kaiwá uma das línguas tupi-guarani mais “populosas” do Brasil, estão localizados na porção meridional do estado e apresentam, atualmente, “uma população significativa de 41.152, representando a segunda maior população indígena no Estado. Esta população se encontra ocupando 30 terras indígenas, com cerca de 40 mil ha de extensão”. (BRAND, 2008, p. 154).

A autodenominação “kaiwá” significa ‘povo da mata’, um significado bastante sugestivo levando em consideração que eles se relacionam com a natureza de forma harmoniosa, já que se consideram parte dela, além de escolherem, para a localização de suas aldeias, preferencialmente áreas de mata. É importante destacar também que os kaiwás são agricultores e profundos conhecedores da terra, dos melhores solos e variedades de plantas.

Tradicionalmente, a organização social do território kaiwá apoia-se na família extensa, reunida em torno de uma liderança, que compõe o poder político e religioso. Há cerca de vinte anos, esses indígenas moravam em uma única casa comunal, que abrigava suas famílias, geralmente extensas; viviam do que produziam ou colhiam e, juntamente com seus vizinhos, formavam as aldeias. Atualmente, embora mantenham proximidade territorial com membros da família, muitos aderiram a casas individuais, que abrigam apenas a família nuclear; a grande casa comunal está praticamente desaparecida, e os novos tipos de casas adotados são realmente bastante similares às casas regionais.

⁹ Também podendo ser designados por Paĩ-Tavyterã (no Paraguai) ou como Kayová, Kaiowá, Caiuá, Caiwá, Cayua.

De acordo com Schaden (1974), o desmembramento das famílias extensas em nucleares pode ter-se iniciado por influência jesuítica, no entanto a falta de espaço físico suficiente para o sustento de uma família extensa também deve ser levado em consideração como (suposta) causa dessa problemática. A escassez de terras pode até mesmo servir de justificativa para o abandono do estilo de vida nômade desses indígenas, visto que é preciso que se fixem às terras em que moram, pois, caso contrário, perdem o espaço para outras famílias.

Quanto à liderança política e religiosa dos kaiwás, podemos afirmar que, antigamente, o poder político dos kaiwás era diretamente relacionado às lideranças religiosas, que ficavam a cargo dos chefes de famílias e, segundo a tradição, quanto maior a família, maior o prestígio de seu líder. Gressler (1988, *apud* CARDOSO, 2008, p. 15) afirma que, “politicamente, os Kaiowá nunca formam uma unidade, no sentido em que encaramos um grupo como um todo, como um chefe único”. Dessa forma, podemos afirmar que, atualmente, o poder político desse povo é dividido, porém essa divisão não enfraquece o grupo em sua totalidade.

Já a religiosidade é pautada diretamente na afirmação étnica desse povo. Mesmo vivendo em uma situação completamente diferente da tradicional, esses indígenas mantêm condutas que reforçam sua cultura e religiosidade, por meio do exercício de rituais e cultos. Apesar de o efeito da catequização ser significativo, na variação étnica esses povos apresentam uma resistência invejável.

Em suma, a sociedade regional coloca os kaiwás em situação de pressão diante de um massacrante preconceito e apresenta-se como superior à cultura dos indígenas. Dessa forma, apesar de toda essa pressão por parte da sociedade envolvente, os índios ainda, e por causa disso, buscam exaltar sua identidade. No interior do processo de transformação imposto pelo não índio, os kaiwás tiveram sua cultura relegada num processo hostil de aculturação, que se vem impondo até os dias atuais.

1.7.1 A localização

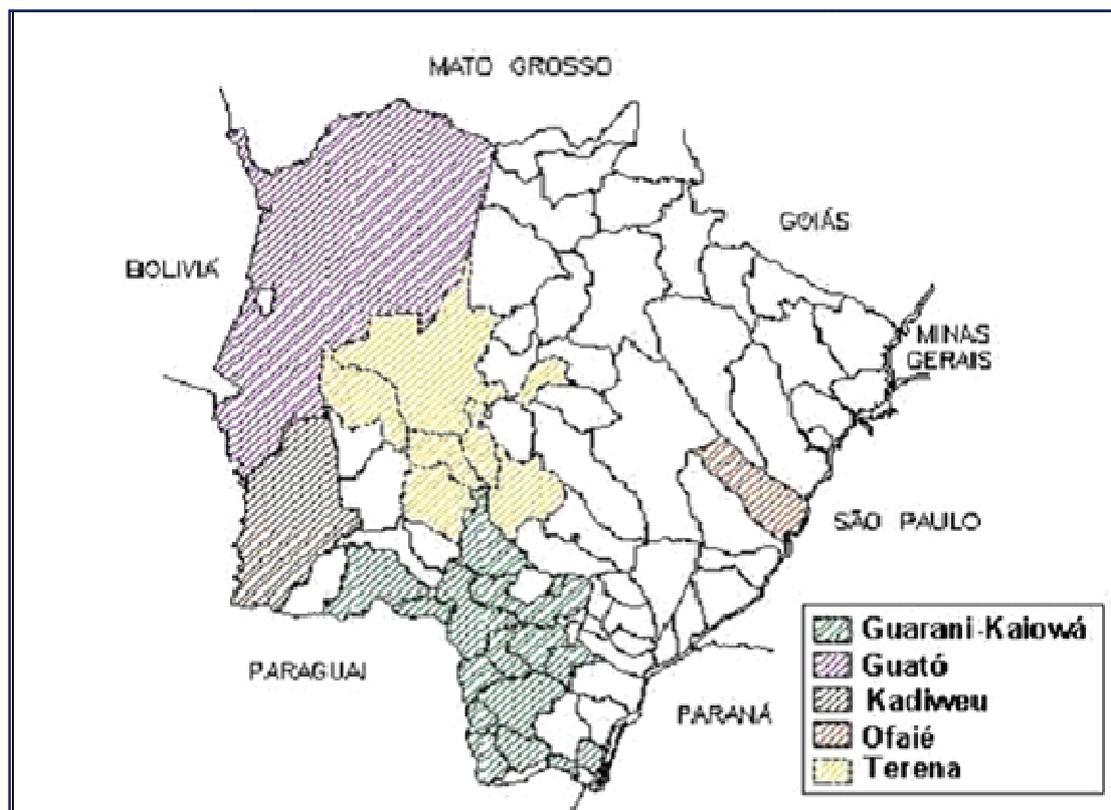
Os kaiwás chamam seu território de *tekoha*¹⁰, que significa ‘espaço’, ‘lugar’ (*ha*), ‘possível para o modo de ser e de viver’ (*teko*). A importância do *tekoha*, para esses povos, é tão grande, que a mesma palavra integra dois conceitos: vida e lugar. O território representa o

¹⁰ *Tekoha* é a denominação convencional para se referir à aldeia ou ao lugar onde moram.

espaço possível para a sua sobrevivência física e cultural, o que compreende um conceito maior que o espacial, pois abrange um significado que vem de seus antepassados, que ali estão sepultados. A terra deve ser lugar de muita fartura e, de preferência, perto de córregos, em áreas de mata. É muito comum, nas aldeias nas quais não há mais matas e córregos, as pessoas saírem em busca de pesca e caça em propriedades particulares, às vezes arriscando a própria vida, assim como acontece nas aldeias em Dourados. O frescor do mato, da sombra, o canto dos pássaros, tudo traz tranquilidade e equilíbrio para a vida desse povo.

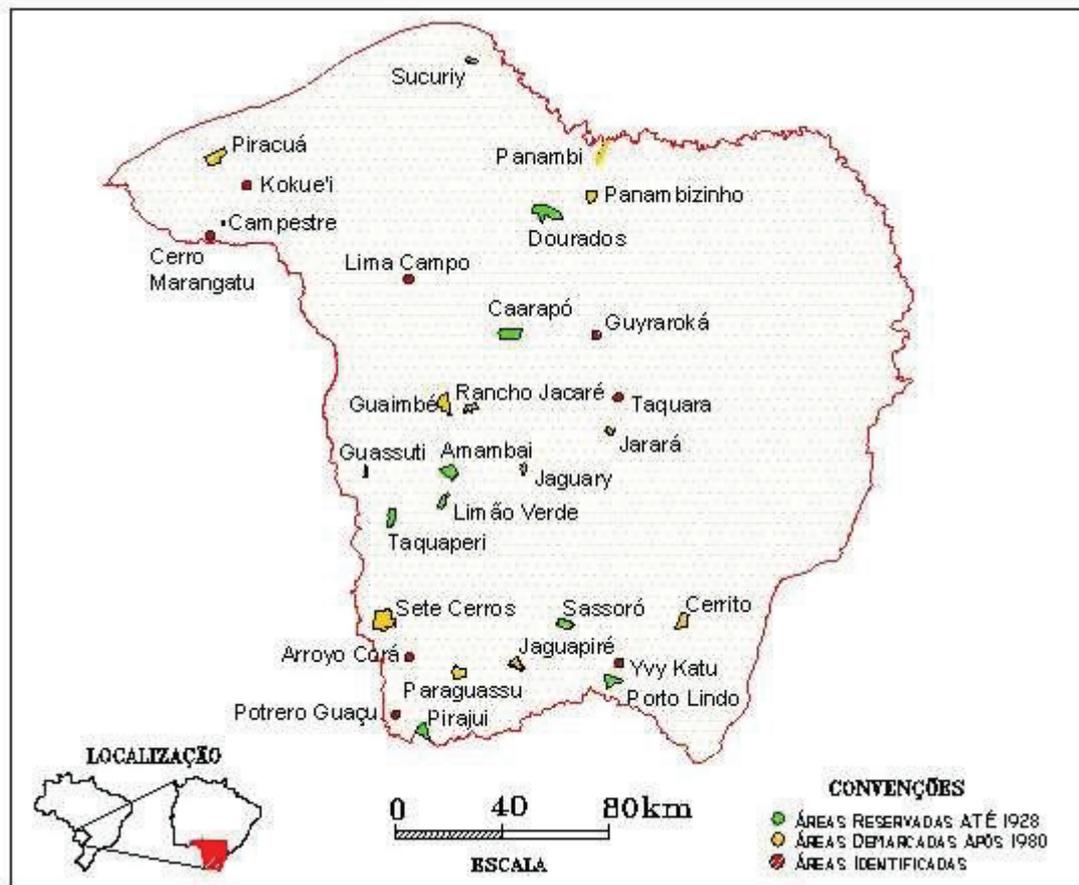
Ressaltamos que as áreas indígenas da população guarani (kaiwá e ñandeva) estão situadas em uma faixa de terra que faz fronteira entre o Brasil e o Paraguai, correspondendo, hoje, à porção leste setentrional do Paraguai e Mato Grosso do Sul. Os mapas a seguir fornecem maiores informações a respeito dessas áreas:

Mapa 2. Terras guarani-kaiwá



Fonte: Programa Kaiowá/Guarani – NEPI/UCDB – Geoprocessamento – Celso R. Smaniotto (2007).

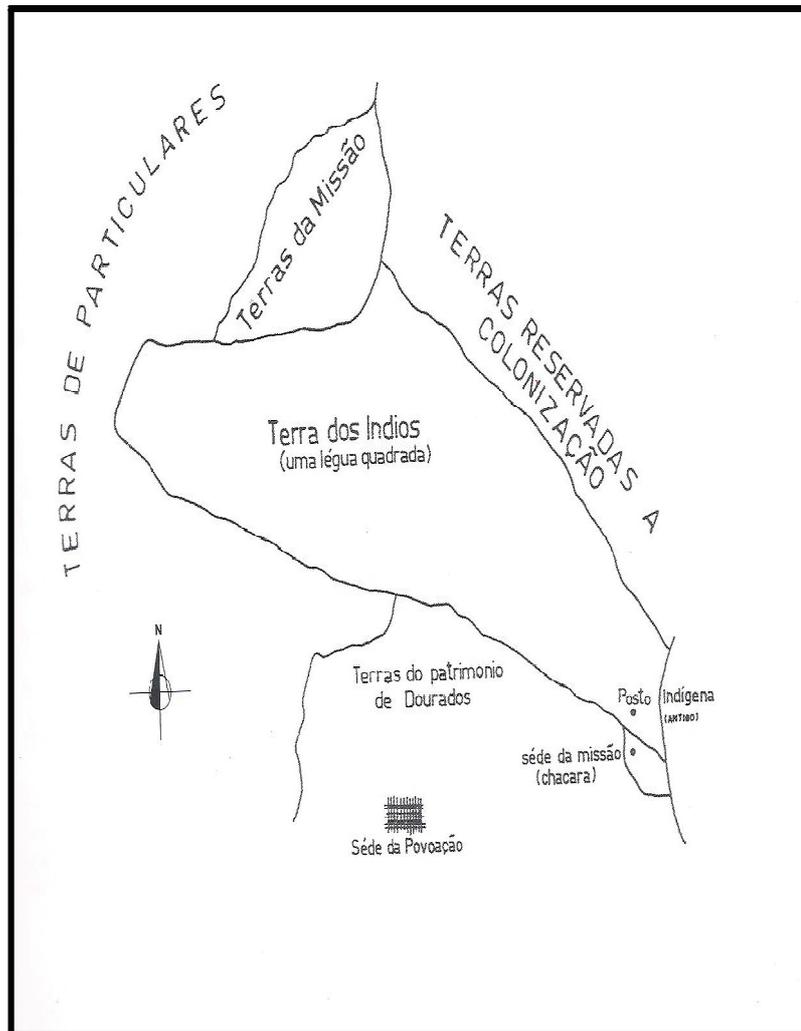
Mapa 3. Distribuição das terras guarani



Fonte: www.trilhasdeconhecimentos.etc.br/mato_grosso_do_sul/images/guarani_02.jpg/guarani_01.jpg

Na sequência, apresenta-se o mapa da reserva *Francisco Horta Barbosa*, localizada no município de Dourados – MS. Como já mencionado, nessa pequena porção de terra vivem três povos indígenas com culturas e línguas diferentes dividindo o mesmo espaço: os ñandevas, os kaiwás e os terenas:

Mapa 4. Reserva Indígena Francisco Horta Barbosa



Fonte: Maria de Lourdes Belti de Alcântara, 2007

1.7.2 Aspectos socioculturais

A organização social e cultural dos indígenas guaranis sofre historicamente sérios problemas ou dificuldades para preservar sua autonomia social no contexto das relações com a sociedade envolvente.

Considerando que a organização social é mais uma função da sociedade, que é uma estrutura em si, não podemos isolar a dimensão propriamente econômica das demais dimensões da vida humana. Siqueira (2007, p. 28) afirma que “a organização social abrange os aspectos político, econômico, religioso e cultural dos Kaiowá [sic] e guarani e diverge dos não índios, pois tudo está interconectado entre si”. Segundo a autora, há diferença no processo

de organização social do indivíduo em harmonia com sua cultura, e essas diferenças situam-se na sua estrutura.

Brand (2008), por exemplo, chama a atenção para a situação dos kaiwás e dos guaranis de Mato Grosso do Sul, cujas terras estão localizadas praticamente dentro do perímetro urbano. Ele afirma que essa proximidade vem com a intenção de facilitar a integração e pondera que, embora tenha sido estabelecida uma proximidade com o não índio, os kaiwás vêm crescentemente afirmando sua identidade.

Já Souza (2004, p. 14) define o que entende por “culturalmente transformados”: as transformações vivenciadas pelos povos indígenas no Brasil não devem ser encaradas como um fato negativo, pois toda sociedade carrega, em suas práticas, “sementes da transformação”. Ainda de acordo com o autor, a “transformação do modo de ser guarani evidencia o caráter ativo do indígena frente ao avanço colonial luso e espanhol e também é resultado de uma luta contra as representações impostas pelos jesuítas”.

Percebe-se, pois, que, apesar das transformações, esses povos possuem grande organização social e cultural, pois sua identidade étnica permanece, seus costumes e cultura são preservados e sua língua é conservada. Apesar da ação transformadora da sociedade majoritária, sua cultura é soberana, explicitada por meio das peculiaridades da sua etnia, o que lhes permite viver em culturas diferentes, com mundos próprios, embora geograficamente próximos.

1.7.2.1 Usos e costumes

A agricultura de subsistência é um processo fundamental para muitas famílias da etnia kaiwá e, mesmo com dificuldades, assume grande destaque na reserva. Nas aldeias, cultivam-se, na maioria das vezes, milho, batata-doce, feijão, banana, cana-de-açúcar, hortaliças e mandioca, sendo este o principal produto cultivado pelo povo kaiwá. Também fazem pequenas criações de galinhas, patos, porcos; quanto ao gado bovino, este é restrito a bem poucas famílias. Desses produtos cultivados, uma porção é destinada ao comércio fora das aldeias, pois é uma das formas de garantir uma parte da renda da família; o restante é para o próprio consumo.

As produções artísticas constituem um suporte da memória que contribui para a identificação de mudanças culturais. O artesanato, característico da cultura kaiwá, é hoje uma alternativa de comércio para poucas famílias, o que demonstra a perda dessa atividade

tradicional. Observamos algumas transformações ocorridas na arte indígena guarani e kaiwá, levando em consideração seus aspectos históricos e culturais, depois do confinamento em reservas. Atualmente, ainda podemos encontrar alguns artefatos (a seguir listados e descritos), produzidos tanto para uso próprio quanto para serem comercializados, conforme expõe Paschoalick (2008).

- 1) Armas: as que mais se destacam são as de ataque, utilizadas para a guerra, caça e pesca. A confecção de arcos, flechas, lanças e outros objetos empregados como armas de ataque, tem objetivo comercial. Esses são os objetos mais confeccionados pelas famílias na reserva Indígena de Dourados. O machado, o facão e o punhal também são fabricados para a venda, assim como o escudo (arma de defesa), porém são produzidos em menor quantidade. Nota-se que apenas as pessoas envolvidas no processo de venda produzem tais artefatos.
- 2) Tecidos: a arte de tecer alcançou grande relevância entre os índios em todo o Brasil. Conhecedores do algodão e de outras fibras têxteis, eles transformavam essas matérias-primas em fio, o que exigia grande habilidade manual, técnica utilizada normalmente na produção de redes de dormir, faixas, rede de pescar, bolsas, sacos-cargueiros e vestuários. Atualmente, com a falta do algodão, as mulheres abandonaram a prática de fiar, mas continuam tecendo com barbante, lã, fios de tecidos desfiados, estopa, linha, utilizando a mesma técnica de seus antepassados. A tecelagem é praticada predominantemente por mulheres, sendo muito comum encontrar, em cada família kaiwá, uma tecelã.
- 3) Adornos: incluem-se, aqui, objetos de uso pessoal que ornamentam o corpo, adereços de uso ritual ou cotidiano. São elaborados com materiais de origem vegetal, como: a cabaça, castanhas, bambu, sementes de pau-brasil, olho-de-cabra e outros, sendo estas as mais comuns. Com esses materiais, os indígenas confeccionam vários objetos, tais como: o colar, que é um adorno tradicionalmente feito com sementes, e o cocar, fabricado de várias maneiras e utilizado apenas nos rituais, normalmente feito com plumagem, linhas, trançados e penas tingidas. É importante destacar que os adornos corporais possuem, juntamente com o seu valor estético-decorativo, propriedades mágico-religiosas e são feitos com matérias-primas da flora, da fauna, de minerais e até mesmo de alguns produtos industriais.

4) Instrumentos musicais: os instrumentos e a música estão relacionados aos aspectos da cosmologia e da organização social guarani e kaiwá. São utilizados geralmente instrumentos de sopro, como as flautas; raramente vemos o uso de instrumentos de corda. Outro aspecto a ser observado é que a voz, apesar de não ser um instrumento, é a “produção” mais comum de música entre estes povos. Os instrumentos musicais, assim como os objetos utilizados nos rituais, ficam guardados dentro da casa de reza. Tanto o canto quanto a dança são apresentados como constituintes da cultura; a dança é também uma forte característica dos kaiwás, podendo-se dizer que é o “cartão de visitas” desse grupo.

5) Cerâmica: a confecção da cerâmica guarani geralmente cabia à mulher. Entende-se necessária a inclusão da produção de cerâmica na cultura guarani dada a importância que assume como forma de identificação étnica. A matéria-prima para a confecção de cerâmica é a argila, e os padrões decorativos são os mesmos aplicados na pintura corporal, cestaria e tecelagem. Atualmente, a cerâmica não é muito desenvolvida e, na reserva de Dourados, não se confeccionam mais tais objetos, mas a técnica tradicional de confecção é conhecida por muitos.

A confecção desses artefatos foi, durante muito tempo, praticada somente para atender às necessidades individuais ou do grupo, em rituais. Seus aspectos formais possuem uma representação simbólica e características próprias do povo a que pertencem. Hoje, a maioria desses trabalhos é feita com objetivo comercial, com valores estéticos e decorativos. Paschoalick (2008, p. 100) afirma que, apesar das transformações ocorridas na arte kaiwá, “o novo modo de ser reflete as respostas que estes indígenas encontraram para se adaptarem às novas situações com que se deparam”.

No que diz respeito às festas¹¹, são realizadas com o intuito de descontrair e unir os moradores das aldeias Jaguapiru e Bororó, mas os mais velhos sempre fazem questão de lembrar que já houve momentos em que tais comemorações foram utilizadas nos ritos. Segundo Espíndola (2002), hoje as festas são utilizadas para comemorar um aniversário, festa da terra ou mesmo uma reunião familiar, caracterizando, assim, uma perda cultural.

Com relação às inovações provindas do contato, alguns anciãos das aldeias afirmam que nem tudo direcionado ao contato é negativo. A vestimenta e a alimentação existentes nas aldeias hoje, provindas do não índio, foram consideradas como algo favorável à

¹¹ As festas aqui tratadas envolvem tanto as tradicionais (rituais) como as não tradicionais.

comunidade guarani e kaiwá. A vestimenta foi considerada como um dos principais pontos positivos da modernização das aldeias. Segundo os indígenas, houve melhoria nesses produtos em virtude da qualidade dos materiais utilizados para a confecção, que hoje apresentam maior elasticidade, conforto, além de modelos diferenciados. A matéria-prima utilizada anteriormente, composta por palhas de coqueiro e couro de animal, não favorecia a mobilidade, o conforto e o aquecimento nos dias frios. Já em relação à alimentação, o alimento consumido atualmente é considerado eficiente pela maioria, sobretudo pela facilidade no preparo e pela variedade de sabores.

Enfim, apesar das transformações sofridas em seus usos e costumes, o novo modo de ser reflete as respostas que esses indígenas encontraram para se adaptar às novas situações apresentadas a cada dia.

1.7.3 Os problemas sociais

Entre os problemas sociais existentes na reserva indígena de Dourados, os mais graves são os que se referem à desintegração social e, conseqüentemente, à violência que afeta a comunidade, bem como o crítico estado de saúde da população.

A desintegração social vivida pelas aldeias guaranis já era, na década de 1970, proveniente de experiências aculturativas e da mestiçagem crescente, que rompera a primitiva homogeneidade étnica, conforme destaca Schaden (1974). Segundo o autor, a ruptura religiosa refletia-se nos constantes desentendimentos e nas inimizades surgidas no interior do grupo, o que dificultava a realização de cerimônias religiosas, das quais todos os membros deveriam participar, originando, assim, a desintegração social.

Outro fator que pode ser considerado com relação à desintegração é a problemática do confinamento da população indígena dentro das reservas. As aldeias têm demonstrado uma política desastrosa, além do crescimento demográfico excessivo, o que acarreta a superpopulação e a sobreposição de aldeias e chefias, bem como a problemática do desgaste dos recursos naturais. (CARDOSO, 2008, p. 13).

Com relação à saúde, em 1963 foi inaugurado, em Dourados, o *Hospital e Maternidade Indígena Porta da Esperança*, que atende, exclusiva e gratuitamente, a população indígena, os obreiros e funcionários da missão. Além disso, desde o ano de 2001, a missão mantém convênio com a Fundação Nacional de Saúde (FUNASA) para dar atendimento à população indígena de todo o estado de Mato Grosso do Sul.

É certo que há muitas barreiras no atendimento à saúde do povo kaiwá. Os próprios kaiwás interrompem o tratamento por não entenderem o que o profissional de saúde diz, ou por não terem suas crenças e costumes levados em conta na hora do tratamento. Para minimizar esses problemas, foi preciso inserir o serviço de intérprete e, de acordo com experiências contadas por profissionais da área de saúde que trabalham na FUNASA, há diversos casos de sucesso, seja pela interpretação das línguas, seja pela conciliação entre os costumes da etnia e a medicina tradicional não-indígena.

São altos os índices de desnutrição e mortalidade infantil; muitas crianças subnutridas ficam suscetíveis a várias doenças e morrem por falta de busca de atendimento. Casos de diarreia infantil, por exemplo, são muito comuns. Esses problemas já vêm sendo relatados desde a década de 1990 e permanecem até os dias atuais. Nota-se que o hospital é utilizado como última opção; o indígena apenas busca atendimento médico quando todos os recursos tradicionais da cultura de cada etnia já foram utilizados e não lograram êxito.

Já a questão da violência é bem apresentada por Espíndola (2002): constantemente os índios da RID estão no noticiário, geralmente em decorrência de crimes, suicídios e outras mazelas. Atualmente, projetos vêm sendo desenvolvidos com a intervenção do Poder Público, bem como com a ação dos missionários e voluntários, a fim de contornar esses problemas. Segundo a autora, “as mulheres são as maiores vítimas da violência dentro da Reserva. Sofrem agressão física de seus maridos constantemente, às vezes até em frente a estranhos, mas ninguém se envolve para ajudá-las ou afastar o marido raivoso”. (ESPÍNDOLA, 2002, p. 43). Isso decorre, geralmente, da ingestão exagerada de bebida alcoólica ou de ciúme. Outra forma de violência contra a mulher apontada pela pesquisadora é o abandono, pois muitas vezes os maridos saem para trabalhar e não voltam e, em alguns casos, constituem outra família em outro lugar. Na cidade de Dourados, há um orfanato onde é possível encontrar várias crianças indígenas que lá são abrigadas em consequência desse abandono familiar. Vale lembrar que, nesses abrigos, outra problemática vivenciada pelas crianças é a de ter sua cultura relegada, pois passam a conviver apenas com não índios.

Por fim, não podemos deixar de citar a violência existente contra os povos indígenas, especialmente aquelas praticadas contra o seu patrimônio, suas terras, que estão no centro das disputas políticas e econômicas. Essas disputas demonstram o interesse pelo desenvolvimento a qualquer custo, sem que os direitos indígenas sejam respeitados ou garantidos. A comunidade indígena kaiwá, em especial, precisa criar estratégias de sobrevivência e recriar o sentido da vida no limite de suas possibilidades.

A situação do povo kaiwá revela-se um ícone da violência, dada a recorrência do confinamento, das ações contrárias à demarcação de territórios para abrigar as comunidades, do preconceito, do descaso, entre outros problemas. Em face dessas condições, os kaiwás são conduzidos a uma enorme frustração, de que decorre um desinteresse total pela vida, o que faz com que se entreguem completamente a um círculo vicioso que inclui a cachaça, a mendicância, a violência, as drogas, a prostituição e o suicídio. Nessas situações, ocorre uma inversão: o atacado, que seria a vítima, é transformado em réu.

Na somatória de tudo isso e como um tipo de ápice, está o suicídio, que tem sido um problema sério nas aldeias de Dourados. Alguns estudiosos afirmam que, entre as reservas indígenas, a RID é a que apresenta o maior índice de suicídios do Brasil. O que leva o indígena dessa região de Dourados/MS a esse tipo de ato é um tema bastante debatido entre antropólogos, linguistas e indigenistas, tais como Brand (1997), Chamorro (2008), Espíndola (2002), Morgado (1991), Oliveira e Neto (2003), Santos (2007), Schaden (1962), Wenceslau (1990), entre outros.

Wenceslau (1990, p. 142) menciona que os suicídios provêm das agressões corporais, expulsões e repressões por meio de detenções sob as ordens do capitão. “Os índios repreendidos passam por uma fase de depressão e sua reação imediata é a de tirar a própria vida”. Já para Morgado (1991, p. 585), para explicar a epidemia do suicídio entre os indígenas guaranis-kaiwás, “propõe-se a hipótese do recuo impossível¹², onde se verifica o esgotamento de qualquer possibilidade de recuar no espaço, diante da civilização ocidental, e simultaneamente, seus valores de dignidade humana são aviltados”. Por sua vez, Espíndola (2002, p. 41) relata que “a crença no místico e no sobrenatural faz com que muitos defendam a ideia de que o suicídio praticado, em sua maioria por adolescentes, seja influência de espíritos maus presentes na reserva, ou de feitiços que fizeram contra eles”. Percebe-se, no entanto, que são muitas as versões explicativas para a ocorrência do suicídio em aldeias indígenas.

A problemática do suicídio direciona-nos à falta de perspectiva de vida, superpopulação, situação de encurralamento, separação da terra-mãe, miséria, fome, falta de espaço, desnutrição, violência, vícios. Muitos indígenas afirmam que não há muito a ser feito diante de tantos problemas e, por isso, os suicídios acontecem mais facilmente. E, para uma suposta solução, ouvimos que é preciso uma reconstrução do “modo de ser e viver” desse povo.

¹² Grifo nosso.

Não há, no entanto, dúvidas de que as dificuldades em alcançar o eixo da causa verdadeira também contribuem para o apego a pseudocausas, associadas no tempo e no espaço. Consideramos que a tragédia mencionada explique-se melhor pela hipótese do *recuo impossível* apresentada por Morgado (1991), porém apresentar a *verdadeira causa* que tem levado os guaranis e kaiwás a cometer o suicídio é já se comprometer com sua superação.

1.8 Panorama histórico-situacional: a realidade atual

Nas aldeias Jaguapiru e Bororó, situadas na RID, as casas são de alvenaria, muitas das quais foram construídas pelo Município e pelo Estado, mas ainda existem muitas famílias sem moradia. Com isso, encontram-se, na reserva, algumas famílias que vivem sob lonas ou casas de madeira cobertas de sapé. Há algumas casas/ocas comunais construídas de forma tradicional, mas estas são geralmente utilizadas apenas como lugares para reza.

Com relação à infraestrutura dessa localidade, há iluminação em quase todas as casas e estabelecimentos, mas a reserva não tem iluminação pública; o saneamento básico é bastante precário e, quanto à água potável, por questões de saúde, eles fazem uso da água tratada, no entanto o órgão responsável não tem conseguido atender a toda a demanda da comunidade, sendo a falta desse bem um problema constante.

Outro ponto que chama a atenção para a realidade dessa reserva é a presença do não indígena nas aldeias. Para muitos kaiwás e guaranis, essa presença é considerada positiva, por causa das benéficas inovações, porém, nas aldeias da RID, essa inserção de novos costumes tem desestimulado, sobretudo, os mais jovens. Com isso, a conservação ou manutenção de seus usos e costumes tradicionais, como danças, cerimônias espirituais, agricultura, artesanato e outros, tem sido subestimada particularmente em decorrência da proximidade e frequência de contato entre os índios e a sociedade majoritária.

1.9 A religião

No que diz respeito à religião, apresentamos breves considerações que possibilitem ao leitor entender algumas características dos sistemas de crença existentes entre os povos indígenas guarani-kaiwá de Mato Grosso do Sul.

Alguns missionários alegam que muita coisa precisa ser feita para ajudar os índios a vencer falsos conceitos religiosos e hábitos morais antibíblicos. A religião foi considerada o

aspecto que sofreu as modificações mais importantes na cultura kaiwá, pois representa a interferência dos missionários evangélicos que atuam nas aldeias há muitos anos. E é de fundamental importância reconhecer que a religião guarani sofre grandes influências de conceitos genuinamente cristãos até os dias de hoje.

O antropólogo Egon Schaden (1962), especialista em cultura guarani, classificava as religiões indígenas em dois grandes grupos: as religiões da palavra e as religiões do rito.

Um grande desafio, em relação às religiões indígenas, diz respeito a apreender o mundo mítico, ou melhor, o universo simbólico indígena expresso nas narrativas, nos rituais e nos cantos. Trata-se de apreender a lógica desse mundo no qual, por meio da mediação de especialistas, são estabelecidas relações com espíritos que geralmente se localizam no interior da floresta ou nas profundezas da terra. Na perspectiva de Paschoalick (2008, p. 43), os indígenas “possuíam uma relação baseada em regras sociais, políticas e religiosas. Cada grupo possuía crenças e rituais religiosos diferenciados, mas todos acreditavam nas forças da natureza e nos espíritos dos antepassados”.

Acreditar em diversas entidades como protetoras faz parte da cultura kaiwá, desde a intervenção dos jesuítas, no início do século XX, até os dias de hoje. As práticas religiosas e as crenças nos deuses e em diversas entidades estão entre as principais práticas que não sofreram alterações com o decorrer do tempo. Até hoje, ainda é possível presenciar muita feitiçaria; as aldeias têm muitos indígenas que praticam o feiticismo e demonstram confiança no feitiço, na mágica, ainda guardados em suas memórias graças aos relatos dos mais velhos. No ponto de vista de Schaden (1962, p. 126), “assim como outras culturas, a dos guarani tende enfim a confundir duas esferas - religião e magia - embora se baseiem, como sabemos, em duas atitudes fundamentalmente contrárias do espírito humano”.

Segundo Schaden (1962, p. 147-148), “se é verdade que a religião constitui o núcleo de resistência da cultura guarani em face das forças desintegradoras, isto não significa, em absoluto, que não há aculturação nesse domínio”. Apesar de apresentarem um elevado grau de resistência, a religião guarani sofre algumas transformações, no entanto continua sendo “uma religião eminentemente familiar e mesmo individual, em virtude da importância atribuída às experiências e vivências sobrenaturais do indivíduo para a consecução de seu ideal de vida”.

Atualmente, na região de Dourados, a maioria dos índios reconhece a existência de um Criador onipotente, embora muitos ainda creiam na existência de espíritos sobrenaturais, alguns bons, outros maus. Alguns indígenas ainda fazem menção a um grande

senhor, chamando-o em sua língua de *Tupã*, que significa *trovão*, uma entidade da mitologia tupi-guarani. Na verdade, segundo Schaden (1962), o conceito *Tupã* já existia antes da catequização, não como divindade (deus), mas como uma manifestação de um deus na forma do som do trovão. Com o tempo, supomos que o trabalho de adaptação da catequese levou muitos índios a acreditar em *Tupã* como o deus da criação, o deus da luz, o sopro, a vida, e sua morada seria o sol, mas, ainda assim, muitos o definiam como um demônio, temido por controlar o raio e o trovão e, assim, conseqüentemente, a morte e a destruição.

A partir dessas ponderações podemos dizer que a crença religiosa dos índios kaiwá representa um sentimento de respeito e medo das diversas representações espirituais. Os indígenas passaram a acreditar, também, na existência de *Nhanderüete* (o liberador da palavra original) ou *Nhandejáry* (Nosso Dono) como um deus todo-poderoso, um deus superior a todos, que pode tudo; e, a partir dessa fé, simbolizaram *Tupã* e *Nhanderüete* ou *Nhandejáry* (mais utilizado) como um só deus, a representação simbólica de “Deus”¹³ para os não índios. Na tradução utilizada nesta pesquisa, encontramos versículos em que consta “*Tupã*” (Mateus 14:9); outros em que se faz referência a “*Tupã Nhandejáry*” (Mateus 14:33) e ainda outros apenas com *Nhandejáry* (Mateus 24:1), todos caracterizando um único significado, “Deus”, uma divindade única, de conformidade com a religião “da palavra”.

Com base nas diferenças entre os sistemas religiosos, Schaden (1962, p. 107) faz uma caracterização geral dos elementos fundamentais da religião e da concepção de mundo dos guarani em face do cristianismo. O autor menciona as “influências que ligam a existência humana, individual e coletiva, a uma determinada interpretação do sobrenatural, isto é, de que maneira a religião se revela responsável por certas características de outras esferas culturais”. Para o autor, o elemento fundamental de toda religião é “a atitude valorativa em face da vida terrena com referência ao destino do homem”, no entanto os sistemas religiosos diferem uns dos outros à medida que suas doutrinas divergem na interpretação da existência humana, em conexão com a natureza.

Na concepção de Schaden (1962, p. 107-108), “o indivíduo é bom ou mau por natureza, há uma ligação entre o destino da alma e a responsabilidade moral do indivíduo”. O certo é que os kaiwás “professam de modo geral uma doutrina dualista”, ou seja, a alma é dividida em duas partes, uma sublime, com uma encarnação de origem celeste ou espiritual, e a outra parte menos sublime, a parte ruim da alma, formada durante a existência terrena do

¹³ “DEUS” é caracterizado no cristianismo como: ser supremo, criador do universo, princípio e fim absoluto de todas as coisas, infinito, eterno, sobrenatural, superior e divino entre outros.

indivíduo¹⁴. Com base nesses conceitos, é difícil fazer uma “descrição com exatidão da religião Guarani, tanto na doutrina, quanto no ritual”, pois há uma enorme variabilidade entre as aldeias. As divergências são numerosas, pois cada indivíduo possui a “sua experiência religiosa própria”, com uma multiplicidade de idéias e uma fusão de doutrinas¹⁵, o que nos permite afirmar que, assim como a língua, a religião (ainda) é um fator de identificação, de que deriva a resistência em submeter-se à “palavra”.

No ponto de vista de Schaden (1962, 113-114), segundo a doutrina guarani, a natureza da alma humana é por si só suficiente para tornar o indivíduo apto não somente para a vivência religiosa, mas também para levá-lo ao destino que lhe cabe. Do ponto de vista do autor, os kaiwás seguem o princípio da emanação¹⁶ para explicar a origem de todas as coisas, princípio este que contribui “para a identificação mística da humanidade terrena com a celeste” por intermédio da concepção da reencarnação. Para os kaiwás, a morte é um fato que se repete na existência de cada um de nós “o indivíduo morre pelo desejo de ir para o Além, simplesmente por acreditar que deve morrer”, pois, para eles, a morte não equivale necessariamente à destruição; o falecido continua a viver e pode até renascer¹⁷, princípios que se entrecruzam a algumas doutrinas espíritas.

Segundo Schaden (1962, p. 125), é interessante notar que a “conversão” tornou-se necessária devido ao “conflito de idéias de vida”. Assim, as “cerimônias de purificação” fazem uma analogia com a confissão cristã, cujo objetivo é retirar tudo o que for reprovável, incluindo “as idéias que aprendera com os civilizados”. Ainda de acordo com o autor, há rezas para tudo: “os kaiwás têm rezas contra a chuva, contra a seca, contra a tempestade, para curar mordedura de cobra e quaisquer doenças, para conquistar mulher e outras coisas mais”. Recorrem, no entanto, “a elementos cristãos para explicar o mau resultado das cerimônias e para, assim, reinterpretar o mito original. Fenômenos de mudança cultural e de desorganização social são utilizados, por sua vez, como argumentos e recursos de demonstração¹⁸”.

Para Schaden (1962, p. 127), entre os kaiwás, predomina a crença de que as doenças e a morte, pelo menos em sua maioria, encontram a sua explicação nas más intenções de pessoas conhecedoras e portadoras de recursos mágicos. O autor descreve que “a magia

¹⁴ (idem, p. 121)

¹⁵ (idem, p. 110-111)

¹⁶ De acordo com Houaiss (2009), “emanação” significa: “segundo o pensamento de Plotino (205-270) ou Schelling (1775-1854), processo no qual a divindade suprema irradia, emite ou propaga sua própria substância, criando o universo, uma extensão de sua natureza divina, de maneira processual, contínua e permanente”.

¹⁷ (idem, p. 133)

¹⁸ (idem, p. 174)

negra parece invadir, de algum modo, o domínio da religião”; eles possuem rezas de fazer o mal, rezas que neutralizam o efeito maléfico, rezas boas, cantos mágicos e outros¹⁹, no entanto, segundo o autor, o não índio é considerado imune contra todo e qualquer feitiço indígena em geral.

Nos contatos diretos com os kaiwás da RID, pudemos verificar muitas transformações no âmbito da religião. Desde o tempo das missões jesuíticas até os dias de hoje, o sistema religioso perdeu muitos traços originais, a despeito da resistência cultural, em meio a profundas revoluções nas condições de vida deste povo, nas várias esferas culturais. Uma evidência dessas transformações é a versão da bíblia para o kaiwá, (que apresenta uma mescla das duas culturas e das duas línguas) e trata-se do objeto de análise desta dissertação.

De forma geral, neste primeiro capítulo, apresentamos uma breve representação do tronco Tupi e suas famílias em Mato Grosso do Sul e um relato sucinto sobre o processo histórico do contato, além de uma retrospectiva dos estudos já realizados sobre os guaranis/kaiwás e o contexto sócio-histórico-cultural deste povo, especificamente dos que residem na reserva indígena Francisco Horta Barbosa.

No próximo capítulo, abordaremos os procedimentos metodológicos utilizados durante a pesquisa. Destacando o arcabouço teórico empregado, a pesquisa de campo realizada e, por fim, uma prévia do corpus coletado para a análise.

¹⁹ (idem, p. 129)

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

2.1 Da definição dos objetivos

A finalidade deste capítulo é explicitar a metodologia adotada para a realização deste trabalho, visando buscar contribuições no campo da pesquisa que possam, ao longo do processo, favorecer a explicação quanto ao objetivo da dissertação.

Esta dissertação analisa as renovações lexicais por empréstimo encontradas em textos bíblicos do Novo Testamento traduzidos para o kaiwá, destacando o fenômeno neológico a que cada uma delas pertence. O trabalho tem como fontes secundárias quatro versões bíblicas. A primeira versão é a *Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas*, revisão de 1986, em língua portuguesa, pela Sociedade Torre de Vigia de Bíblias e Tratados²⁰; a segunda versão é a *Bíblia Sagrada*, revisão de 2005, em língua portuguesa, traduzida por João Ferreira de Almeida; a terceira intitula-se *A Bíblia Sagrada. Tradução na linguagem de hoje*, revisão de 1988, em língua portuguesa, pela Sociedade Bíblica do Brasil; a quarta e última versão, trata-se do *Novo Testamento na língua kaiwá*, intitulado *Nhandejáry Nhe'ẽ*, publicado no ano de 1986, pela Liga Bíblica Mundial, pela linguista e antropóloga Loraine Irene Bridgeman. Nas análises, utilizamos apenas o *Novo Testamento* das versões apresentadas e utilizadas na pesquisa.

No histórico da missão kaiwá produzido pela “Secretaria de Missões”²¹, consta que, em 1956, chega à Missão a Dra. Loraine Irene Bridgeman, missionária da Missão Wicliff, enviada, pelo então ministro Dr. Darci Ribeiro, para o trabalho de tradução da Bíblia para a língua Kaiwá. Um pouco mais tarde, em 1960, chega também o casal Taylor para ajudar no trabalho de tradução. E assim, em 1985, entregam para os índios kaiwás o Novo Testamento em sua própria língua.

A versão impressa utilizada nesta pesquisa é datada de 1986. De acordo com os dados obtidos pela “Secretaria de Missões”, as datas que registram o início e o fim desse trabalho de tradução da bíblia do português para o kaiwá evidenciam que foi exatamente

²⁰ Traduzida por intermédio da versão inglesa de 1984, mediante consulta constante ao antigo texto hebraico, aramaico e grego pela Watch Tower Bible and Tract Society of Pennsylvania.

²¹Disponível em: http://www.ipb.org.br/uph/arquivo/secretaria_missoes/geral_caiua.html. Acesso em: 18 de julho de 2011.

durante o período de ditadura que os missionários desenvolveram esse trabalho, e esta pode ser a justificativa de muitas palavras utilizadas na tradução com características do período da ditadura militar, iniciado em 31 de março de 1964. Note abaixo alguns exemplos que justifiquem essa afirmação:

Quadro 2. Exemplos de neologismos por empréstimo semântico: sob a influência da ditadura militar na tradução bíblica kaiwá

3. Capitão (Mateus 8:5)	Página 110
4. Coronel (Atos 21:33)	Página 111
5. Polícia (Mateus 5:25)	Página 112
6. Soldado (Mateus 5:41, 22:7; Filipenses 1:13;)	Página 113
7. Preso (Romanos 16:7; Efésios 6:20, 3:1; Hebreus 13:23; Mateus 18:3)	Página 115

O objetivo desta pesquisa vai, pois, além de compreender o fenômeno da formação de novos itens lexicais e os mecanismos utilizados para essas renovações; pretendemos identificar e descrever tais renovações num contexto específico, destacando o fenômeno neológico a que cada uma delas pertence. O corpus é constituído por fragmentos do Novo Testamento bíblico traduzido do português para o kaiwá, em que constam neologismos por empréstimo. Para a averiguação do status de empréstimo linguístico, contamos com o auxílio de indígenas kaiwás residentes nas aldeias, que, por meio de entrevistas *in loco*, corroboraram as informações coletadas nos textos religiosos.

2.2 Arcabouço teórico

Para a construção do referencial teórico, foi realizado o levantamento de obras pertinentes ao estudo de neologismos, bem como a processos de formação de palavras.

As obras de Alves (1994), Barbosa (1998), Basilio (1991), Biderman (1978) e Carvalho (1989; 2009), entre outros autores, apresentam um referencial teórico rico acerca de processos de formação de novas palavras, especialmente sobre neologismos por empréstimo, renovação lexical e conceito de palavra. Quando o foco foi à estrutura linguística e a mudança semântica, Câmara Júnior (1975) e Ullmann (1964), respectivamente, forneceram informações relevantes para a elaboração dos itens pertinentes a esses aspectos.

Considerando que este trabalho tem como objetivo específico identificar e descrever as renovações lexicais por empréstimo encontradas em textos bíblicos traduzidos do português para o kaiwá, destacando o fenômeno neológico a que cada uma delas pertence, também foram desenvolvidas pesquisas de campo, incluindo a observação, gravação de entrevistas, descrição e análise de documentos referentes aos processos em questão. As entrevistas foram realizadas *in loco* e fundamentadas em uma metodologia de trabalho de campo proposta por: Samarin (1967), Kibrik (1977), Craig (1979), Everett (2006), Bown (2008), entre outros.

2.3 Pesquisa de campo

A pesquisa de campo obedeceu a uma metodologia de trabalho de campo baseada em: Samarin (1967), Kibrik (1977), Craig (1979), Everett (2006), Bown (2008), entre outros.

Ancorados em Samarin (1967, p.1), definimos o trabalho de campo como “um modo de obtenção de dados linguísticos e de estudos dos fenômenos linguísticos”. Segundo o autor, a pesquisa de campo é, sobretudo, uma maneira de obter dados para a análise de fenômenos linguísticos.

Kibrik (1977, p.45) complementa a afirmação de Samarin (1967), destacando que a pesquisa de campo “consiste na manifestação dos dados linguísticos por parte de uma pessoa (o informante) que é provocada pelo linguista de acordo com o objeto de seu interesse”.

Everett (2006, p.4), por sua vez, apresenta o trabalho de campo como uma atividade pela qual o pesquisador descreve e analisa as partes de uma língua, com o intuito de compreender a coerência entre o idioma e a cultura, tendo em mente que tudo que se diga ou se faça, precisa ter coerência com o seu objeto de estudo e com o objetivo de sua pesquisa.

Quanto ao processo de coletar e registrar o *corp*us, sabemos que o trabalho de campo não se resume em simplesmente coletar e registrar dados linguísticos. Para uma boa coleta de dados e, conseqüentemente, uma boa análise, segundo Bown (2008), é preciso que haja procedimentos que garantam a ética, a convivência em campo e a qualidade na escrita.

Seguindo as técnicas sugeridas por Bown (2008) e outros teóricos da área de trabalho de campo, o *corp*us utilizado no capítulo de análise deste trabalho consiste em um

conjunto de dados coletados em diferentes momentos da pesquisa. Os dados apresentados foram coletados em 2009, 2010 e 2011.

Esses dados foram coletados junto aos falantes kaiwá que vivem na Reserva Indígena “Francisco Horta Barbosa”, nas aldeias Jaguapiru e Bororó, localizadas no município de Dourados-MS. O conjunto de dados coletados durante a pesquisa linguística de campo inclui entrevistas previamente elaboradas e dados elicitados por intermédio de leituras realizadas no “Novo Testamento” da Bíblia, já traduzido para o kaiwá. Nota-se que a extensão do texto religioso, associada à confirmação dos dados por meio de entrevistas, justifica a origem de um relevante banco de dados.

Durante o trabalho de campo, foram realizadas seis viagens. A primeira foi realizada em julho de 2009. Coincidentemente, a primeira pessoa com quem tentamos conversar, assim que entramos na aldeia, era bastante conhecida na comunidade: um professor de matemática e também diretor da escola *Tengatui Marangatu*. Com poucas palavras, em português, ele se disponibilizou em ajudar-nos, mesmo sem nos conhecer, mas já deslumbrado pela proposta da pesquisa. Depois de explicar os objetivos da pesquisa, a maneira como iríamos coletar as informações, bem como as contribuições deste trabalho para a comunidade, ele nos indicou alguns professores indígenas que poderiam auxiliar-nos.

Depois de conseguirmos contato com as pessoas indicadas, iniciamos as entrevistas, em janeiro de 2010. O projeto saía do papel e começava a adquirir forma. Naquele momento, nosso objetivo era realizar um estudo sobre o português falado pelos guaranis. No mês de junho de 2010, depois de algumas tentativas, conseguimos a autorização da FUNAI para realizar a pesquisa e, aproveitando a oportunidade concedida, permanecemos na aldeia por 20 dias e coletamos todas as entrevistas que foram propostas no projeto inicial. No entanto, na junção dos dados coletados, observamos a existência de muitas formações neológicas na língua, o que suscitou algumas mudanças no projeto. Voltamos a Dourados em setembro de 2010 com o intuito de coletar palavras que poderiam ser analisadas (até o momento, as ideias eram ainda embrionárias) como um fenômeno neológico. O objetivo foi alcançado: encontramos muitos neologismos na língua, alguns dos quais constam no quadro a seguir:

Quadro 3. Neologismos na língua kaiwá

Kanoagwasu = arca (canoa grande)
Kuiru (Kuairū) = anel
Mboka = arma
Ñe'ẽha Mombyry (Mbyryha) = telefone
Po rehegua = luva (roupa para a mão)
Py rehegua = meia (roupa para o pé)
Pyryru = chinelo
Tekorã = mandamento
Tesapy = computador
Uva rykuere (uvarykue) = vinho (caldo de uva)
Y' he'e = refrigerante (água doce)
Kasõ Mbyky = short
Mba'epú = rádio

Nesse momento da coleta, mudamos o objeto da pesquisa para aquele que está descrito no início deste capítulo: identificar e descrever neologismos na versão bíblica em kaiwá.

Durante essa nova coleta de dados, foi encontrado, entre os neologismos, um grande número de empréstimos linguísticos do português ao kaiwá; mais uma vez, o corpus coletado nos surpreendia e, então, iniciamos uma nova busca. Desta vez, nós nos detivemos no uso de neologismos por empréstimo (do português ao kaiwá). Em novembro de 2010, iniciamos entrevistas direcionadas especificamente para os empréstimos linguísticos, e identificamos alguns exemplos, organizados no quadro 4.

Quadro 4. Empréstimos linguísticos do português para o kaiwá

Kurusu = cruz
Hesu = Jesus
Cristo (Kirito) = Cristo
Kasõ = calça
Kamisa = camisa

Kamisa'i = camiseta
Sapatu = sapato
Motoko (móto) = moto
Micicleta = bicicleta
Suko = suco
Hente (Hénte) = gente/pessoa
Arro (aro) = arroz
Fechão = feijão
Zelote = zeloso
Ovexa = ovelha
menda (momenda) = casar
Plata = prata

Em abril de 2011, realizamos a última viagem para trabalho de campo, quando encontramos uma quantidade suficiente de palavras para a realização da pesquisa. Embora o tempo destinado para o trabalho de campo tenha sido curto para consolidar nossas hipóteses, pudemos sempre contar com a receptividade e simpatia por parte dos indígenas entrevistados. Estes sempre demonstravam interesse e curiosidade para entender os motivos pelos quais havíamos escolhido esse tema, esse povo e essa aldeia como objeto de pesquisa.

Para a obtenção dos dados, contamos com o apoio de vários falantes da língua kaiwá, todos bilíngues (kaiwá - português), e realizamos as entrevistas com indígenas que se autoidentificaram como pertencentes ao grupo indígena kaiwá. Entrevistamos professores que estão em constante contato com o idioma e, em particular, um indígena que eventualmente já havia trabalhado com a tradução do Novo Testamento da Bíblia em kaiwá e atualmente está auxiliando os tradutores do “Velho Testamento”.

Em todas as etapas do trabalho de campo, permanecemos hospedados no perímetro urbano da cidade de Dourados. Diariamente, logo pela manhã, nós nos deslocávamos para a aldeia e retornávamos antes do anoitecer. Entre uma entrevista e outra, deslocávamo-nos dentro das aldeias, a pé, observando o cotidiano de cada família. Os homens sempre estavam envolvidos em atividades agrícolas e as mulheres, em atividades domésticas, enquanto as crianças brincavam no quintal ou nas estradas da aldeia.

Para finalizar este item, gostaríamos de destacar a generosidade e a sabedoria desse povo, bem como agradecer pela acolhida em sua comunidade.

2.4 Apresentação do córpus

No decorrer de nossa pesquisa, foi levantado um número considerável de vocábulos que representam o fenômeno do neologismo por empréstimo e que são apresentados em quadros no capítulo de análise.

O córpus utilizado consiste em um conjunto de dados coletados em diferentes momentos da pesquisa de campo. O principal método utilizado para a coleta de dados inclui a confirmação dos dados obtidos na tradução bíblica em kaiwá, por meio de perguntas a indivíduos bilíngues dispostos a colaborar com a pesquisa. Foi preciso elaborar uma lista de palavras que supúnhamos ser neológicas, com base em uma versão bíblica em português, para obtermos os neologismos que supúnhamos existir na língua kaiwá, como é o caso dos exemplos constantes no quadro a seguir.

Quadro 5. Palavras supostamente neológicas em kaiwá

Mandamento
Ressurreição
Trindade
Parábola
Predestinação
Profeta
Resgate
Dízimo
Paraíso

A partir da lista apresentada, pudemos indagar o significado de cada palavra apresentada, com base na versão bíblica em kaiwá. Os resultados proporcionaram exatamente o que estávamos buscando: uma quantidade significativa de empréstimos do português ao kaiwá. Observe alguns exemplos no quadro 6.

Quadro 6. Palavras neológicas em kaiwá

Kente = gente/pessoa
Domingo = domingo
Entéro = inteiro/todo
Soldado = soldado
Trigoty = trigo
Kanóa = canoa/barco
Oração = oração
Páscoa = páscoa
Opaga = pagar
Moeda = moeda
Vaka = vaca
Kópo = copo

Pilla (2002, p. 11), por sua vez, indica que, “em princípio, tudo é passível de ser traduzido de uma língua para a outra, mas, muitas vezes, ao custo da criação de novas palavras”, porque novos significados demandam novos significantes. Assim, segundo a autora, há

duas situações geradoras de novas palavras. A primeira, [...] ocorre quando um significante cujo significado já existente em uma dada língua precisa ser traduzido para outra em que ele ainda não existe. A segunda, quando é preciso prover um significante para um significado engendrado na própria cultura e para o qual ainda não se dispõe de um nome (PILLA, 2002, p. 11-12).

No capítulo ulterior apresentamos o referencial teórico empregado na pesquisa, incluindo algumas considerações a respeito do léxico, definições de neologia e neologismo, bem como algumas acepções sobre a gênese do neologismo, evidenciando esse fato linguístico no rol dos processos de formação de palavras e caracterizando os processos de formação neológica com ênfase no neologismo por empréstimo.

CAPÍTULO III

RENOVAÇÃO LEXICAL: MECANISMOS DE FORMAÇÃO DE NEOLOGISMOS

“A língua é viva, dinâmica, está em constante movimento – toda língua viva é uma língua em decomposição e em recomposição, em permanente transformação. É uma fênix que de tempos em tempos renasce das próprias cinzas”.

(Bagno, 2006, p. 117).

3.1 Algumas considerações sobre léxico

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), o termo “léxico” pode ser definido como “conjunto de vocábulos de um idioma”. Concebido de outras perspectivas, “o léxico de uma língua é o seu inventário de morfemas juntamente com a informação sobre a maneira como tais morfemas podem ser combinados para formar unidades lexicais mais complexas assim como as palavras”. (LANGACKER, 1977 *apud* SILVA, 2002, p. 81). Para Carvalho (2009, p. 19), “o léxico é sinônimo de vocabulário. É o inventário completo dos vocábulos que constam sempre em dicionários de uma língua”.

Em busca de definições ou conceitos mais específicos para léxico, encontramos vários conceitos, dentre os quais destacamos o ponto de vista de Biderman (1978), para quem o léxico consiste em um sistema aberto em expansão. É um exemplo vívido de que a língua muda e se renova e de que o sistema léxico é uma junção de experiências acumuladas da cultura de uma sociedade, pois são as mudanças culturais e sociais que modificam e enriquecem o léxico, originando novas palavras ou acrescentando (novos) sentidos a palavras já existentes.

Basilio (1991), por seu turno, traz dois conceitos que se entrelaçam. Um, mais restrito e técnico, que considera o léxico como “um depósito de signos, uma lista de entradas lexicais e um conjunto de regras que definem a classe das palavras possíveis na língua”, ou seja, uma espécie de banco de dados, um depósito de elementos para a construção de enunciados na língua (BASILIO, 1991, p. 5). Outro, mais amplo, que envolve heranças e empréstimos. A autora chama a atenção, no entanto, para o fato de que o léxico não pode ser definido apenas como um conjunto de palavras de uma língua, pois a língua se modifica e se

renova com o tempo e por uma série de outros fatores, entre os quais a busca por expressividade, de que decorre uma significativa dinamicidade no processo de formação de novas unidades léxicas e aquisição de novas palavras.

Vilela (1994), por sua vez, cujo conceito aproxima-se do que propõe Biderman (1978), define o léxico como parte da língua que configura a realidade extralinguística e conserva o saber linguístico da humanidade, ou seja: é o repositório do saber linguístico e a janela através da qual um povo vê o mundo. Assim, além do sentido de totalidade das palavras numa língua, o léxico envolve o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística, acerca das propriedades lexicais das palavras e de seu “poder” de representação da cultura.

Ainda segundo Vilela (1994, p. 14), o léxico é o responsável por exprimir as inovações de uma determinada língua e, portanto:

[...] é o subsistema da língua mais dinâmico, é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo, e por isso é nele que se refletem mais clara e imediatamente todas as mudanças ou inovações. O léxico tem três possibilidades para se adaptar a situações novas: câmbios semânticos, empréstimos e formação de palavras.

Neste trabalho, o conceito de “léxico” situa-se na confluência entre os conceitos apresentados, deixando para segundo plano apenas o sentido de “depósito” e priorizando as propriedades lexicais e semânticas das palavras e o enriquecimento de uma língua pela inclusão de (novos) itens lexicais, com destaque para os neologismos por empréstimo.

Não aprendemos somente palavras isoladas; nosso “vocabulário” interage com a realidade extralinguística e com as regras que governam a formação de palavras ou as mudanças linguísticas, o que nos permite criar ou recriar palavras, atribuir novos significados a palavras que já existem, ou criar (novas) significações para novos contextos. Por ser a língua o elemento mais eficaz no processo de comunicação, ela acompanha as transformações de uma sociedade, renovando-se constantemente. O conjunto de itens léxicos de qualquer língua viva reflete o processo evolutivo de seus falantes e, por isso, a necessidade de nomear novos objetos ou seres gera termos.

Carvalho (2003) ressalta que a criação lexical deve estar de acordo com as regras do sistema da língua, de modo que a aceitação ou a rejeição do neologismo são linguisticamente determinadas. Se o sistema lexical é a soma de experiências da sociedade e

da sua cultura, as atividades humanas são as responsáveis pelo surgimento e aceitação de novas unidades léxicas ou criações neológicas (CARVALHO, 2003, p. 27-28) e, portanto, o léxico, por sua dinamicidade, continuará sempre aberto às novas incorporações. Apesar de muitas palavras caírem em desuso, outras tantas serão inseridas, conforme veremos no capítulo de análise do *cópus*.

Na concepção de Borges (2007, p. 35), o léxico de uma língua é encarado como “um componente das línguas que tem por função produzir, armazenar, processar e transmitir signos”, ou seja, o léxico tem por função “modelar e compor o código lingüístico, a fim de que os indivíduos de determinada comunidade linguística possam se utilizar do mesmo código para codificar e decodificar mensagens entre si”.

Conforme pondera Carvalho (2009, p. 7), em todas as línguas o léxico renova-se e, nesse processo de renovação, surgem os neologismos, que “podem ser criados com elementos da própria língua, formando derivados e compostos, sobretudo, ou com elementos oriundos de outros idiomas, denominados empréstimos”. A autora destaca que “toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, que resultam em dois processos: o processo de criação dentro da própria língua; o processo de adoção e adaptação de um termo de língua estrangeira” (CARVALHO, 2009, p. 35), que é o foco desta pesquisa.

3.2 Neologia e neologismo

De acordo com Dubois (1993, p. 430), a palavra *neologia* define-se como “o processo de formação de novas unidades léxicas”. Já *neologismo* é definido como “toda palavra de criação recente ou emprestada há pouco de outra língua, ou toda acepção nova de uma palavra já antiga”²². Assim, com base nessas definições podemos afirmar que a palavra *neologia* trata-se do registro das novas unidades léxicas que formam um conjunto de neologismos.

Na concepção de Alves (1994, p. 5), “o acervo lexical de todas as línguas vivas se renova” e, ao processo de criação lexical dá-se o nome de neologia. O elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”. Ainda de acordo com a autora, “o neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma

²² (idem, p. 431)

palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado a um outro código linguístico”²³.

Dessa forma, com base nas definições apresentadas por Alves (1984; 1994) a *neologia* é definida como um fator dinâmico de renovação lexical e diz respeito a fenômenos que surgem em certos momentos numa dada língua. Também é definida como processo de formação de novas palavras ou a adaptação de algumas que já existem para designar novas realidades. Por *neologismo*, consideramos aqui o elemento resultante do processo de criação lexical, a unidade léxica que é sentida como nova pela comunidade linguística, o resultado tangível da operação de produção linguística inédita, isto é, a unidade nova capaz de ocupar espaço no léxico.

Já Barbosa (1996, p.80) concebe a *neologia* como processo pelo qual a mudança linguística provoca o aparecimento de novas formas de significante e significado ainda não encontradas na língua que está sendo analisada. Logo, o vocábulo *neologismo* é definido como um significado novo que uma palavra ou uma expressão de uma determinada língua pode assumir. Portanto, a autora assevera que “o neologismo é um suporte particularmente eficiente de transmissão de uma informação, de um conhecimento, uma vez que a um novo referente corresponde uma nova forma lexical”.

Carvalho (1984), por sua vez, declara que o “neologismo” define-se como toda palavra ou expressão de criação recente. Para a autora, as palavras “cinema” e “moto”, por exemplo, surgiram como neologismos por se constituírem em um encurtamento das palavras “cinematógrafo” e “motocicleta”, respectivamente. Também se considera neologismo uma nova acepção atribuída a uma palavra já existente no léxico. Nesse caso, um bom exemplo disso são as palavras “gato”, no sentido de ‘ligação clandestina de eletricidade’, e “laranja”, designando ‘falso proprietário’. Nos neologismos, encontramos representações bastante fiéis da sociedade.

Nos estudos sobre neologia e neologismo, ainda não há consenso entre os autores, embora haja muitas opiniões convergentes. Carvalho (1984) destaca que, além de testemunharem a criatividade e a imaginação fértil de seus falantes, os neologismos têm profunda ligação com as manifestações do mundo exterior e as mais diversas áreas de conhecimento, pois a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é por intermédio de construção, e sim de mudança de sentido.

²³ (idem, 1984, p. 119).

Já Alves (1994) afirma que o falante, ao criar um neologismo, tem consciência, muitas vezes, de que está inovando, gerando novas unidades léxicas, porém não basta a criação do neologismo para que ele passe a integrar o acervo lexical de uma língua. É, na verdade, pelo uso do neologismo ou pela sua não difusão que se decide pela integração ou não dessa nova formação ao idioma.

Para Barbosa (1996, p. 77-78), “o estudo da neologia consiste em reunir uma série de novas palavras de uma comunidade lingüística”. E o estudo da renovação lexical é muito importante à medida que exhibe de maneira clara as transformações pelas quais o sistema de valores compartilhados por um grupo passa. A partir do momento em que o neologismo é criado, ele só passa a ter estatuto neológico se for usado generalizadamente a ponto de ser um vocábulo disponível para pelo menos um grupo de indivíduos e se começar a ser empregado, difundindo-se. Segundo a autora, o processo inverso também ocorre: a desneologização. O neologismo pode perder o status de fato neológico à medida que seu uso aumenta, diminuindo, portanto, seu impacto de “novidade”.

Em suma, para atender às transformações socioeconômicas e culturais, a língua vale-se da criação de novos termos ou de novos significados para termos já existentes, e esse processo recebe o nome de *neologia*, processo de criação lexical cujo produto é o *neologismo*. E a palavra nova pode ser formada por intermédio de mecanismos da própria língua, por empréstimo ou por processos “autóctones”.

3.2.1 A gênese do neologismo

Sobre a criação de neologismos, Guimarães Rosa (1985), um dos maiores criadores de neologismos na nossa literatura, “palavrizou” bastante em toda a sua obra. Costumava dizer que escrevia em um “idioma próprio”. Em *Hipotrélico*, um dos quatro prefácios do livro *Tutaméia*, o autor declara: “saia todo mundo a empinar vocábulos seus e aonde é que vai se dar com a língua tida e herdada?”. Essa declaração tem sua argumentação baseada na consequência de se criarem palavras novas²⁴ para novos referentes, apontando, todavia, para os riscos a que se lança a língua quando se exagera na “criatividade”.

Monteiro Lobato (1979), por sua vez, em *Emília no País da Gramática*²⁵, declara, pela boca de seu personagem, a boneca Emília:

²⁴Disponível em: <http://www.dimap.ufrn.br/pipermail/logica-l/2008-September/002927.html>. Acesso em: 10 de março de 2011.

²⁵Disponível em: <http://books.google.com.br>. Acesso em: 10 de março de 2011.

Este é o NEOLOGISMO. Sua mania é fazer as pessoas usarem expressões novas demais, e que pouca gente entende. Emília, que era grande amiga de Neologismos, protestou. Está aí uma coisa com a qual não concordo. Se numa língua não houver neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, para que a humanidade não se acabe, também é preciso que haja na língua contínua entrada de neologismos. Se as palavras envelhecem e morrem, como já vimos, e se a senhora impede a entrada de palavras novas, a língua acaba acabando. Não! Isso não está direito e vou soltar este elegantíssimo Vício, já e já [...].

Tanto a declaração de Guimarães Rosa (1985) quanto a manifestação de Lobato (1979) encerram um aspecto significativo (embora não necessariamente o mais relevante): a língua não é estática, mas sujeita a mudanças decorrentes de manifestações de criatividade. Quando falamos de criatividade linguística, não podemos, no entanto, aludir apenas à imaginação ou à originalidade, mas especialmente a uma propriedade do uso da língua, fixada na linguagem humana, embora seja certo que toda inovação principia por um ato criativo e individual. Inicialmente, pode-se assinalar que é ao criar um neologismo que o falante tem convicções de que está inovando e gerando novas unidades léxicas. E essas unidades lexicais podem ser criadas por razões estilísticas (como é o caso de Rosa), ou para denominar novas realidades ou novos conceitos (como parece ser a argumentação do personagem de Lobato).

O estudo da neologia lexical permite a observação da evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Conforme argumenta Barbosa (1996, p. 120, 123), as palavras neológicas têm a função de evocar uma cultura, uma ideologia ou uma filosofia dominante e, enquanto a língua se constrói, constrói-se a cultura de um povo. Ambas, língua e visão do mundo, surgem ao mesmo tempo e caminham juntas em seu desenvolvimento.

Ao discutir a “vida” do neologismo, Barbosa (1996, p. 117) destaca tratar-se de um “processo dinâmico que vai do momento de sua criação até a desneologicidade e, desta, para uma nova situação neológica, processo que determina uma flutuação de consciência neológica”.

Nota-se que o problema da gênese do neologismo está nos vários momentos que envolvem sua criação, ou seja, não é pelo fato de uma palavra ter um caráter inédito que ela é imediatamente considerada uma palavra neológica. De acordo com Barbosa (1996), há três fases no processo de criação neológica: a primeira corresponde ao instante de sua criação, a segunda é a pós-criação e a terceira é o momento da desneologização.

Na obra *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*, organizada por Azeredo (2008), a pesquisadora Barbosa (2008, p. 2)²⁶ chama a atenção para um aspecto bastante significativo do neologismo:

A gênese do neologismo, assim considerada, conduz a examiná-lo do ângulo de sua utilização como instrumento de uma ideologia, de determinada época, do pensamento de um grupo. Por essa razão, muitos neologismos, depois de se integrarem ao vocábulo usual, tornam-se signos-símbolos de certas facetas culturais, de universos de discurso, de discursos manifestados.

Quando um neologismo é registrado no dicionário, é sinal de que sua aceitabilidade atingiu o nível de norma do grupo, pois o dicionário reflete uma aceitação já comprovada. O caráter de neologicidade sofre, no entanto, um processo de esvaziamento progressivo, ou seja, uma palavra é neológica no momento de sua criação, mas seu uso frequente tira-lhe essa característica e, no mesmo universo de discurso em que foi criada, perde o estatuto de palavra neológica. (BARBOSA, 1996, p. 144-154).

Enfim, podemos afirmar que cada língua funciona de acordo com o seu próprio código e, portanto, tudo o que provém de outra língua é dependente de outro código e passa a adaptar-se à língua de destino, estando sujeito a “adaptações”, que podem afetar o plano do significado, o do significante ou esses dois componentes, que podem ser modificados de forma simultânea no processo de criação neológica.

3.2.2 O neologismo no processo de formação de palavras

Cada língua tem seus mecanismos de formação de palavras novas, uns até mais concisos do que outros. Basilio (1991, p. 6-7) explica por que formamos palavras e os problemas que circundam ou afetam esse processo de inovação. A autora afirma que formamos novas palavras por pura necessidade, como, por exemplo, “para utilizar o significado de uma palavra já existente em um contexto que requer uma classe gramatical diferente”. O problema maior é, no entanto, a “aceitação ou não de combinações de formas”, pois há palavras que parecem ser bem naturais e outras que soam estranho e, por isso, nem sempre são aceitáveis.

²⁶ Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

Em uma análise criteriosa, a pesquisadora aponta que a mudança de classe gramatical não é a única explicação existente para a formação de novas palavras, pois, além da utilização da ideia de uma palavra em outra classe gramatical, a renovação lexical também ocorre por meio de acréscimos de significado a uma palavra já existente. Neste caso, a nova palavra que se forma mantém uma relação semântica fixa com a palavra-base, e cada mudança de classe ou acréscimo semântico poderia originar uma palavra diferente.

Com isso, Basilio (1991, p. 10) afirma que a razão básica de formarmos palavras “é a de que seria muito difícil para nossa memória – além de pouco prático – captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em diferentes contextos e situações”, além de que o processo de comunicação se tornaria menos eficiente. Assim, a criação neológica permite-nos maior eficiência e flexibilidade, com o mínimo de elementos básicos de comunicação estocados na memória (economia).

Há, segundo Vilela (1994, p. 51-52), três maneiras de atender a essa necessidade de renovação lexical: (1) formar uma nova palavra; (2) importar um termo de outra língua; (3) conferir um novo significado a uma palavra já existente. Na perspectiva de Vilela (1994), “a formação de palavras é um processo importante na constituição do léxico das línguas particulares”. O autor esclarece que “a formação de palavras é o domínio da linguística que identifica, descreve e analisa as combinações de morfemas, que não podendo ser consideradas como construções sintáticas livres, correspondem ao conceito de palavra”. Para o autor:

Entendemos por “processo” de formação de palavras o modo como as palavras formadas são constituídas e a respectiva distribuição dos elementos formativos pelos produtos formados. Mais explicitamente, a classificação das palavras formadas como processo e como produto é feita em termos de derivação (sufixação, prefixação e derivação parassintética), composição, conversão e encurtamento (VILELA, 1994, p. 59).

Pilla (2002, p. 11), por sua vez, indica que, “em princípio, tudo é passível de ser traduzido de uma língua para a outra, mas, muitas vezes, ao custo da criação de novas palavras”, porque novos significados demandam novos significantes.

Essas considerações chamam a atenção justamente para a irregularidade entre as novas realidades a serem denominadas, pois, como sustenta Pilla (2002, p. 92), não nos falta nem criatividade, nem recursos linguísticos para criar palavras; falta-nos apenas consciência

dessa possibilidade, pois “todo e qualquer falante de uma determinada língua adquire competência linguística suficiente para entender novas palavras e expandir o léxico de sua língua materna”.

De acordo com Pilla (2002, p. 80-81), “o processo de formação de palavras surge como uma resposta às necessidades linguísticas das comunidades de fala, sem a qual haveria prejuízo para a comunicação e para a evolução da língua”. Ainda da perspectiva da autora, “os fatores puramente linguísticos que afetam as novas criações lexicais dizem respeito às liberdades e restrições fonológicas, morfológicas, sintáticas e até semânticas, oportunizadas ou impostas pela língua como sistema”.

Vale citar, também, o ponto de vista de Amorim (2002, p. 67): cada língua tem seus mecanismos próprios de formação de novas palavras, porque esse processo “acompanha o ritmo evolutivo da sociedade”, absorvendo novos significados, desprezando outros que não servem mais e movendo-se de forma rigorosa e inflexível em direção ao futuro. Para o autor, a criação neológica pode ser caracterizada como transformadora da língua, mas obedece aos princípios que governam os processos de formação de palavras já conhecidos e descritos na gramática tradicional.

Encerrando este item, destacamos que palavras novas surgem por mecanismos da própria língua ou de palavras oriundas de outras línguas. De acordo com Ilari (2006, p. 73), “nenhuma língua escapa de sofrer influências externas”. Para o autor, para formarmos palavras novas e sentidos novos na língua, devemos primeiramente reconhecer os principais processos de formação de palavras que utilizam material linguístico previamente existente na língua e mostrar que esses processos se distinguem entre si não só pelo tipo de produto que geram, mas por sua produtividade e pela frequência com que são usados.

3.2.3 O neologismo dentro do conceito de palavra

A definição mais comum encontrada para “palavra” foi: “pequenas unidades significativas da fala”, no entanto, com base na afirmação de Ullmann (1964, p. 60), “a menor unidade significativa não é a palavra, mas sim o morfema”. Segundo o autor, a tentativa de maior sucesso para definir “palavra” foi a de Leonard Bloomfield, para quem “as palavras são evidentemente formas livres, visto que podem --- em respostas, exclamações, etc. --- existir isoladas e agir ainda assim como elocuições completas”. (ULLMANN, 1964, p. 61).

Bloomfield (1926 *apud* BASILIO 2009, p. 10) afirma que a palavra “é a forma livre mínima: uma forma que pode ocorrer isoladamente, por si só constituindo um enunciado, e não podendo ser totalmente subdividida em formas livres”. Segundo o autor, essa definição enfoca a palavra como unidade de estrutura do enunciado, ou seja, dado um enunciado, podemos fracioná-lo em palavras por intermédio dessa definição de potencialidades. Assim, podemos afirmar que a palavra é uma unidade linguística básica que pode constituir-se de mais de um elemento e possui uma estrutura articulada no eixo radical/afixos.

De acordo com Borba (1971, p. 109), as palavras são unidades sentidas pelo falante como separadas umas das outras por um determinado tipo de pausa, o que na escrita é representado por um espaço em branco. A essas unidades, a comunidade cultural indo europeia atribui uma significação e uma função específicas.

Para Basilio (2009, p. 9), “o conceito de palavra é de grande dificuldade, dadas as múltiplas dimensões em que esta unidade pode ser enfocada, as quais nem sempre coincidem, além de apresentarem diferentes graus de relevância”. As palavras e expressões de uma língua podem ser utilizadas de acordo com o lugar, a cultura e os costumes de cada grupo social, contudo não podem ser observadas levando-se em consideração somente a sua constituição formal, isto é, considerando somente as letras ou os fonemas que as constituem. Para que os estudos morfológicos dos vocábulos sejam feitos sobre uma base rigorosa, é necessário atentarmos para as suas unidades mínimas significativas ou morfemas, ou mesmo para sua constituição fonológica e para aspectos sintáticos e semânticos.

Basilio (2009, p. 10) afirma que, na Gramática Tradicional, “a palavra é a unidade mínima da análise linguística”, mas, no estruturalismo, o foco de descrição passa a ser o morfema, de modo que a palavra deixa de ser a unidade mínima de análise linguística e torna-se uma unidade com menor relevância na estrutura da língua.

A palavra analisa e objetiva o pensamento individual, tendo também um valor coletivo. Podem também ser consideradas emblemas culturais, símbolos com significados sociais, que conservam a experiência da atividade humana, e o estudo de palavras pode ser o fio condutor para o conhecimento de uma comunidade.

No interior do conceito de palavra, o neologismo consiste em um fenômeno linguístico resultante da criação de uma nova palavra, ou da atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente, ou ainda da incorporação, no “vocabulário” de uma língua A, de um item lexical de uma língua B. Geralmente, os neologismos são criados a partir de processos

que já existem na língua: justaposição, prefixação, aglutinação, verbalização e sufixação. “Na verdade, não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma”, argumenta Alves (1994, p.11). Assim, podemos dizer que neologismo é toda palavra ou expressão que não existia e passou a existir, no inventário da língua, independente do tempo de vida e de como ou de onde surgiu.

Há, no entanto, algumas restrições à incorporação desses itens no léxico da língua. Segundo Alves (1994, p. 11), o próprio mecanismo da comunicação impede a vivacidade da neologia, a fim de garantir a eficácia da mensagem, pois “a unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor”. Esses limites decorrem do fato de a língua ser um patrimônio comum a todos os seus falantes, possuir caráter social e desenvolver resistência a todo e qualquer tipo de inovação linguística, embora essa oposição a (novas) criações lexicais não impeça a evolução; apenas impõe regras para que as evoluções procedam por meio de recursos específicos. (ALVES, 1994, p. 12).

Amorim (2002, p. 55-56), para quem o neologismo “é uma invenção humana para concretizar uma necessidade linguística”, considera que:

A capacidade criativa aliada ao poder encerrado pela palavra dentro da existência humana, tornam o emprego do neologismo uma espécie de novo “instrumento mágico”, chave para outras dimensões. A palavra em si contém um encanto e uma força dentro da vida do ser humano que nenhum outro elemento detém: ela parece ser a expressão do próprio pensamento, aliás, a palavra e o pensamento possuem uma relação tão íntima e simbiótica que, muitas vezes, confundem-se, travestem-se um do outro e separá-los constitui tarefa árdua de se empreender.

Dessa forma, o neologismo representa-se como um “expoente da força encerrada nas palavras, como elemento constituinte de uma realidade, reflexo da constante busca por termos novos e inovadores que permitam a tradução das realizações, avanço e evoluções do ser humano”. (AMORIM, 2002, p. 57).

Alves (1994, p. 5), por sua vez, reflete sobre a influência do fator temporal sobre o uso/desuso de formas linguísticas: algumas palavras deixam de ser utilizadas e outras são criadas gradativamente por falantes de uma determinada comunidade linguística. Nesse processo, concorrem mecanismos “nativos”, da própria língua, e itens léxicos derivados de outros sistemas linguísticos.

Mediante o exposto, observamos que as palavras estão em constante processo de evolução, o que torna a língua um fenômeno vivo, que acompanha o ser humano ao longo de sua trajetória. Alguns vocábulos caem em desuso, outros nascem e muitos mudam de

significado com o passar do tempo; eis a dinâmica do neologismo. É por essa razão que Biderman (1978) defende não haver uma única definição de palavra para todas as línguas, pois cada língua traduz a realidade do mundo com modelo próprio, expresso nas suas categorias gramaticais e léxicas.

3.3 Processos de formação neológica

Segundo Guilbert (1975), a classificação dos diferentes tipos de neologismos (ou processos de criação neológica) depende de alguns postulados que se extraem da observação do funcionamento da língua.

O primeiro deles é que uma língua funciona de acordo com seu próprio código e é por meio dele que são produzidos os atos de fala e as formações lexicais. Tudo aquilo que provém de outras línguas deve ser considerado relevante, porém como pertencente a outro código.

O segundo é que, assim como os demais signos da língua, o neologismo comporta duas faces – um significante e um significado e, quando ocorre a criação neológica, essas duas faces são modificadas conjuntamente, mesmo que a transformação ou alteração pareça repousar apenas sobre um dos planos (fônico, mórfico, sintático ou semântico).

Um outro postulado é que a formação neológica não é uma unidade mínima de significação; ela resulta de uma relação estabelecida entre (outros) elementos mínimos existentes na língua.

O quarto postulado é que a criação de um neologismo, embora se constitua como um fato da língua como sistema, não pode ser dissociada da fala.

Não seria demais acrescentar, segundo o autor, que, se os neologismos apresentam um aspecto “oral” e um aspecto escrito, as modificações gráficas também deveriam ser consideradas relevantes para a neologia. Haveria, então, neologismos gráficos, cuja discussão está fora do escopo deste trabalho.

Neste item, ancorados nos conceitos de neologia apresentados por Biderman (1978); Barbosa (1996), Carvalho (1989) e Alves (1994), focalizamos quatro tipos de processos geradores da neologia lexical: neologia fonológica, sintática, semântica e neologia por empréstimo. À medida que se fizer necessário, outros autores, como Basilio (1991), Renault-Lescure (2002), Vilela (1994), Pilla (2002) e outros serão evocados.

O neologismo, que pode ser criado na própria língua ou importado de uma língua estrangeira, geralmente ocorre quando o indivíduo quer se expressar, mas não encontra a palavra ideal ou o significado desejado. Portanto, os neologismos são criados para satisfazer a necessidade de comunicação e expressão dos usuários da língua, tendo em vista que o falante procura utilizar o sistema de um idioma da melhor forma possível ou de um modo que lhe seja conveniente ou que seja compatível com a situação de interação.

Segundo o ponto de vista de Barbosa (1996, p.97), o neologismo só pode ser entendido e definido em situações de interação pela linguagem, tornando possível a afirmação de que a lexia neológica adquire sua plenitude com a comunicação. Renault-Lescure (2002, p. 87-89) argumenta, no entanto, que as denominações neológicas pertencem a hábitos sociais, necessidades individuais e competência linguística. Segundo a autora, o trabalho de criação linguística ajuda-nos a compreender e interpretar a experiência do contato; as relações que ligam as palavras novas a seus referentes; a organização de alguns campos semânticos; o dinamismo linguístico e a estratégia de resistência cultural.

Diante disso, o acervo lexical de todas as línguas vivas sempre se renova; enquanto algumas palavras caem em desuso, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada. O processo de criação lexical de uma língua ocorre pela utilização do acervo e de mecanismos já existentes na própria língua, ou por intermédio do contato linguístico entre comunidades, de que decorre o neologismo por empréstimo e o estrangeirismo. Nas palavras de Alves (1994), a língua pode criar palavras completamente novas, neologias fonológicas, algumas formações onomatopaicas, ou recriar significantes já existentes (elementos lexicais e gramaticais), além de tomar emprestadas palavras de outras línguas.

Barbosa (1996, p. 174-175) faz uma síntese dos processos de formação de palavras neológicas, destacando cinco aspectos importantes: (1) o neologismo pode decorrer da criação de um novo signo; (2) derivar de uma alteração no plano do significante, que ocasione mudança de significado; (3) pode provir de uma alteração no significado, conservando o mesmo significante; (4) pode resultar de uma transformação sintagmática, em que não há mudanças e sim combinações inéditas de morfemas no plano do significante com a conseqüente alteração no plano do significado; (5) o neologismo pode decorrer da importação de um termo que pertença a outro sistema linguístico.

Esses processos estão divididos em quatro formas básicas: os processos de formação de neologismo fonológico, semântico, sintagmático e por empréstimo.

A neologia essencialmente fonológica supõe, segundo Alves (1994, p. 11) e Barbosa (1996), a criação de um item léxico inédito, sem base em nenhuma palavra já existente. Dois exemplos de criação inédita citados por Alves (1994) são: a unidade léxica “gás”, interpretada como oriunda do grego “Khaos”, e “bebemorar”, uma associação entre as bases verbais “beber” e “comemorar”.

Ao primeiro processo, Barbosa (1996) chama de “criação fonológica propriamente dita ou específica” e considera que o emprego de neologismos fonológicos com item lexical inédito é bastante raro. Barbosa (1996, p. 176, 179) concebe “a produção onomatopaica específica” como uma “criação fonológica inédita” e, como tal, “ocorre com menor frequência em todas as línguas, sendo mais comum em discursos literários”. Ao segundo embora não use o mesmo exemplo de Alves (1994), denomina-o de “criação fonológica como processo complementar”. (BARBOSA, 1996).

Embora não tenham sido encontrados casos de neologismos onomatopaicos nos dados coletados, é importante ressaltar que a criação onomatopaica está fundamentada em significantes inéditos, motivada por um som que se quer representar linguisticamente e corresponde a uma adaptação de gritos e ruídos. Muitas vezes, o som onomatopaico é tão rico que substitui palavras e explicações. Podemos citar como exemplos: “tique-taque” (onomatopeia de som regular e ritmado, batimento cardíaco); “miau” (voz do gato); “tim-tim” (ruído de bater de copos, usado pelos que saúdam com copos de bebida); “zum-zum-zum” (zumbido [ruído semelhante ao produzido pelo vento e por certos insetos]; boato), entre outros. Enfim, o neologismo fonológico é aquele em que a palavra surge de uma combinação inédita de fonemas, que não procedem de nenhuma palavra já existente na língua.

Em oposição ao neologismo fonológico, o *neologismo sintático* resulta, segundo Alves (1994, p. 14), da “combinatória de elementos já existentes no sistema lingüístico português”. Os neologismos sintáticos são formados pelos processos de derivação e composição e são elencados como estratégias de criações lexicais bastante produtivas. Para a autora, os neologismos sintáticos são formados pela derivação prefixal e sufixal, pela composição coordenativa e subordinativa e pelas siglas ou acronímicos. São denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita apenas ao âmbito lexical; estende-se ao nível frásico, podendo haver uma alteração na classe gramatical da palavra-base ao ser acrescentado um sufixo. Podemos citar, como exemplos, elementos neológicos constituídos de prefixos caracterizadores de “superioridade”, como: super-, hiper-, mega-, ultra-.

Já o processo de formação do *neologismo semântico*, do ponto de vista de Barbosa (1996, p. 191), pode ser definido como empréstimo de significado, à medida que, em geral, não pressupõe alterações no significante. O neologismo semântico constitui-se de palavras já existentes, porém utilizadas com novas acepções, ou seja, forma-se uma palavra por neologismo semântico quando se dá um novo significado, somado ao que já existe; trata-se do surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico, que passa a ser uma nova unidade de significação. Por exemplo, a palavra “legal” significa ‘dentro da lei’; a esse significado, somamos outro: ‘[alguém] bom’.

Segundo Carvalho (2009, p. 38-39):

Como sempre, necessidades novas são as causas mais frequentes para iniciar uma alteração semântica. Ao transitar de uma língua para outra, o novo termo quase nunca conserva a sua acepção inicial. Acrescenta outras conotações às suas de origem e por vezes subverte o significado. Isto porque mesmo que as significações de uma palavra procedam de seus usos passados, elas se modificam e se adaptam aos novos fatos permanentemente, apesar de os falantes não perceberem e crerem ser a língua uma realidade estática.

O processo de formação do *neologismo sintagmático*, por sua vez, define-se como a produção de “uma nova palavra, a partir da junção de elementos mórficos já existentes na língua” e, “ao contrário do neologismo fonológico, que faz uma combinatória inédita de fonemas, o neologismo sintagmático resulta da combinatória inédita de signos e vocábulos, segundo os modelos de estrutura vocabular de uma tipologia de língua”. (BARBOSA, 1996, p. 264).

O neologismo sintagmático ou sintático supõe a combinatória de elementos já existentes no sistema da língua e ocorre por meio de derivação (sufixal e prefixal) e composição de duas palavras-base, sintetizando uma frase que lhes corresponde em sintagma. Para Alves (1994, p. 50), “processa-se a composição sintagmática quando os membros integrantes de um segmento frasal encontram-se em uma íntima relação sintática, tanto morfológica quanto semanticamente, de forma a constituírem uma única unidade léxica”.

A esse respeito, Barbosa (1996, p. 270-271) pondera que:

Por outro lado são todos derivados porque se apóiam sempre em conceitos já existentes, para formar o novo conceito, e partem sempre de uma base lexical já existente, a qual se integram ou prefixos ou sufixos ou mesmo outras palavras que permitam sintetizar a referida expressão.

Concebendo os processos de derivação e composição como fenômenos distintos, entendemos como mais precisas as reflexões de Alves (1994) e definimos neologismo sintagmático como resultado da derivação e da composição de unidades lexicais, sendo consequência da assimilação, em forma de lexia, de um segmento da frase. Segundo Alves (1994, p. 52), “na neologia sintagmática, o significado resulta em parte dos semas característicos dos elementos integrantes do sintagma em parte de uma convenção já aceita pela comunidade linguística”. A autora cita como exemplos: “cesta básica” (conjunto de alimentos para o sustento de uma família), “produção independente” (criança cuja mãe não depende da assistência paterna), “condomínio fechado” (conjunto de casas em que não é permitida a entrada de pessoas que não residam ali).

Já o processo de formação de *neologismo por empréstimo* assinala as mudanças que uma língua sofre quando é afetada pelo contato linguístico, ou seja, trata-se de um elemento de mudança que faz parte do funcionamento histórico-social das línguas. Ocorre quando uma língua incorpora uma palavra existente em outra língua, que pode não sofrer grandes alterações e manter o sentido original, ou mudar de significado na língua de destino, ou ainda ser alterada para compatibilizar-se com as regras ou princípios da língua que a toma emprestada.

Existem, portanto, três tipos de empréstimo linguístico. O primeiro ocorre quando a forma e a significação das palavras são adaptadas ao sistema fonológico da nova língua; o segundo realiza-se quando a significação é emprestada, mas a forma é a original; o terceiro pode ser verificado quando a significação é emprestada, mas a forma é adaptada ou traduzida.

Toda vez que se fizer necessário nomear um novo objeto, um novo termo será criado ou emprestado, ou então será usado um termo já existente na língua que assumirá o novo significado. Carvalho (1989, p. 24), ao refletir sobre os empréstimos, destaca que a ampliação do léxico pelo empréstimo não resulta “propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação”.

Barbosa (1996, p. 291), em harmonia com a afirmação de Carvalho (1989), ratifica que o empréstimo linguístico realmente “não consiste na criação do signo, mas na sua adoção”, com ou sem adaptações. Para a autora, se o termo emprestado permanece inalterado é denominado de “xenismo”, “um termo estrangeiro que permanece sempre estrangeiro”, ou seja, uma palavra de origem estrangeira que gradativamente se torna habitual na língua receptora, sem que nenhuma alteração linguística ocorra. Por exemplo: “jazz”, “gospel”, “best-sellers”, “rock’n’roll”, “stress”, “stricto sensu”, entre outros. Já se o termo emprestado

sofre alterações, denomina-se “empréstimo linguístico com adaptação”, como: “bife”, “futebol”, “abajur”, “xampu”, “blecaute”, “sanduíche”, “surfe”, entre muitos outros. Como podemos perceber, essas palavras passam por um processo de aportuguesamento, obscurecendo a influência que outras línguas exercem sobre a nossa.

Carvalho (2009, p. 48), por sua vez, concebe empréstimo como

[...] uma tentativa de reproduzir em uma língua os padrões linguísticos já existentes em outras e uma consequência do contato entre as línguas. A língua que cede o termo é considerada a língua fonte, e a que recebe, língua receptora. O traço cedido é o modelo de empréstimo que poderá ou não sofrer adaptações segundo os padrões da língua receptora.

Os empréstimos são inseridos de diversas formas em uma língua. O contato entre populações que convivem em um mesmo território e o poder econômico de uma nação, decorrente do predomínio cultural, são dois exemplos de influência lexical em forma de empréstimo linguístico em uma determinada língua. (CARVALHO, 2009, p. 8).

A autora apresenta duas justificativas para a origem dos empréstimos: a primeira é o contato interpessoal, a convivência dos falantes em virtude da proximidade territorial; a segunda é o contato à distância, voltado para a influência e intervenção política e cultural, que se traduz na interferência linguística.

Diante do exposto, podemos observar que o estudo do léxico nos mostra como o falante pode ser criativo a partir dos recursos oferecidos por uma língua, utilizando-se da possibilidade de enriquecê-la com os neologismos, em geral pela falta de um item lexical que designe adequadamente um novo objeto. Uma das formas de inovação linguística é o uso de empréstimos, pois a importação de unidades léxicas de outros sistemas linguísticos também contribui para o enriquecimento da língua de um povo.

Contudo, na busca de teorias que consolidasse a estrutura deste trabalho, mais especificamente quando nos referimos ao processo de formação de *neologismo por empréstimo* obtivemos um fenômeno neológico pouco discutido pelos teóricos utilizados como apoio nessa pesquisa, sendo este o neologismo por *flexão*.

Em Alves (1984), encontramos uma apresentação introdutória referente aos dois paradigmas de flexão, a dinâmica e a estática; nesse trabalho a autora faz uma relação dos prefixos dos dois paradigmas; uma descrição de duas classes de radicais que recebem a flexão

estática; um resumo da flexão de verbos transitivos e intransitivos; e uma pequena discussão sobre classes de palavras que podem ocorrer em função do predicado.

Com base nessa apresentação realizada por Alves (1984) concluímos que há dois esquemas ou paradigmas principais de flexão: o paradigma da flexão *dinâmica* e o da *estática*. Ambos tratam principalmente dos prefixos que indicam pessoa e número. A flexão dinâmica ocorre apenas como flexão de sujeito em verbos transitivos e em certa classe de verbos intransitivos. Já os verbos que pertencem a esta classe, que chamamos de *verbos dinâmicos*, geralmente relatam eventos ou acontecimentos; são verbos que são comumente usados como respostas a perguntas do tipo: "O que houve/aconteceu/ocorreu?". Notamos que a flexão estática aplica-se a quaisquer outros participantes: ao objeto direto de verbos transitivos, ao sujeito de certos verbos intransitivos (que chamamos de *verbos estáticos*), a participantes que exerçam posse e ainda outros casos como substantivos que ocorrem antes de posposição.

Segundo Alves (1984, p. 122-123), "os neologismos por empréstimo introduzidos em uma língua integram-se normalmente a seu sistema de flexão em gênero e número. Quando emprestado a línguas que se flexionam quanto ao gênero, o termo estrangeiro quase sempre segue a língua original". No entanto, a autora afirma que se a língua doadora não possui flexão em gênero, "o elemento emprestado tende a receber um, ao integrar-se a um sistema linguístico provido dessa flexão".

Já em relação à flexão em número, Alves (1984, p. 123) deixa claro que "o termo estrangeiro geralmente conserva em português o número original". Na verdade, "o neologismo por empréstimo pode guardar a flexão em número da língua de que provém por um período limitado e na medida em que se integra à língua importadora, tende a adaptar-se ao seu sistema de formação de plural".

Neste capítulo apresentamos os mecanismos de formação de neologismos, no capítulo subsequente, caracterizamos de forma breve a fonologia do kaiwá, como suporte para a descrição e análise dos neologismos por empréstimos fonológicos, sendo este o primeiro processo neológico analisado no capítulo de análises.

CAPÍTULO IV

NEOLOGISMOS E ASPECTOS LINGUÍSTICOS DO KAIWÁ

“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades, muda-se o ser, muda-se a confiança; todo o mundo é composto de mudança, tomando sempre novas qualidades”.

(Camões).

4.1 Apresentação dos dados

Segundo Magalhães (2001, p.145), desde as “Constituições da Companhia de Jesus já se determinava que os catequizadores procurassem ‘tomar bien la lengua’, a fim de aplicá-las nas escolas que se estabelecessem”. Assim,

O compulsar dos textos produzidos por religiosos, mormente jesuítas, permite afirmar, sem incidir em erro, que, nos dois primeiros séculos de atuação em terras americanas, os missionários tinham como meta primordial aprender e bem conhecer a língua dos naturais da terra. (MAGALHÃES, 2001, p. 145).

Dessa forma, “foram feitas descrições linguísticas (publicadas sob o nome de *gramática*), organizadas lições de doutrina cristã em línguas indígenas e preparados dicionários e vocabulários, a maior parte bilíngues” (MAGALHÃES, 2001, p. 145), no entanto, com a dispersão de povos e línguas, houve uma propagação de estudos e ensinamentos, ao longo do tempo, e essas línguas sofreram alterações. Este trabalho tem por intuito fazer um levantamento de algumas dessas modificações, particularmente das criações neológicas por empréstimo que se encontram com frequência nos textos bíblicos traduzidos da língua portuguesa para o kaiwá.

Carvalho (1989, p. 31) afirma que o léxico é modelado por um recorte analógico que mantém e ao mesmo tempo renova as línguas:

Na relação entre duas línguas, a vizinhança ou coexistência espacial tende a modelar o léxico de uma e de outra por um recorte analógico do mundo objetivo, e desta maneira cada língua conserva suas formas fônicas, porém introduz um novo conteúdo gramatical ou conceitual. Nos contatos, esporádicos ou sistemáticos, a interferência, embora em menor grau, está sempre presente.

Amorim (2002, p. 49-50) vai além; para ele, os neologismos, ao mesmo tempo em que captam riquezas linguísticas e culturais, transformam línguas, propondo novas formas e novos sentidos que são capazes de satisfazer as necessidades e as intenções comunicativas do indivíduo, “quer se trate de uma nova palavra, quer de um sentido novo, ou de uma transferência gramatical”.

4.2 Neologismos por empréstimo

De acordo com Carvalho (1989, p.42), o empréstimo linguístico tem sua origem no momento em que objetos, conceitos e situações nomeados em línguas estrangeiras transferem-se para outra cultura, ou seja, o fenômeno ocorre no momento em que “duas línguas de estruturas bem diversas entram em contato, nenhuma ação modificadora se produz, a não ser empréstimos lexicais adaptados”. (p. 36). Quando a autora afirma que “o empréstimo resulta do contato com outros sistemas, ocasionando a adoção de traços linguísticos diversos do sistema primitivo”, logo levamos em consideração que os empréstimos são palavras integradas em uma determinada língua, mas que já existem em outras²⁷.

O empréstimo linguístico é um processo de renovação lexical²⁸ que, neste trabalho, envolve o português e o kaiwá, sendo a língua portuguesa a língua fonte, porque cede o novo termo, e o kaiwá a língua receptora, que recebe o item léxico.

Os *empréstimos* consistem basicamente no processo pelo qual uma língua incorpora ao seu inventário léxico ou gramatical formas ou padrões empregados em outra língua com a qual mantém algum tipo de contato, ou seja, trata-se da adoção de um item léxico e, em vários casos, de sua modificação.

Ullmann (1964, p. 342) afirma que o empréstimo semântico, “será particularmente frequente quando houver um contato íntimo entre duas línguas, das quais uma sirva de modelo à outra”. Para o autor, há uma necessidade natural nas línguas de nomear um objeto novo, evidenciando a causa da mudança semântica.

Sempre que seja necessário um novo nome para designar uma idéia ou um objeto novo, podemos fazer uma destas três coisas: formar uma palavra nova a partir de elementos já existentes; importar um termo de uma língua estrangeira ou de qualquer outra fonte; finalmente, alterar o significado de uma palavra antiga. A necessidade de encontrar novos nomes é assim uma causa extremamente importante das mudanças semânticas (ULLMANN, 1964, p. 436).

²⁷ (idem, p. 36-37)

²⁸ Relativo à neologia: processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas.

De acordo com as afirmações de Guimarães (2005, p. 99), o linguista brasileiro Câmara Jr. (1965), assegura que o empréstimo é um dos elementos que reescrevem mudanças por especificação. Trata-se de um conjunto de mudanças que uma determinada língua sofre quando entra em contato linguístico com outras línguas e adota traços linguísticos diversos dos do sistema tradicional, conforme afirmava Bloomfield (1961 *apud* CÂMARA JR, 1965), envolvendo, portanto, sistemas linguísticos e não apenas o léxico em si. Na forma como Mattoso Câmara Jr. apresenta a questão, o empréstimo é, tal como a evolução, um elemento de mudança, ou seja, ele é parte do funcionamento histórico das línguas. (CÂMARA JR., 1965 *apud* GUIMARÃES, 2005, p. 99, 101, 102).

Para Carvalho (1989, p. 9), “o empréstimo linguístico é tão antigo quanto a história da língua, ou melhor, quanto a própria língua” e marca as influências que uma língua “sofreu através dos tempos, pelos elementos linguísticos estrangeiros que adotou, retrato dos elementos culturais diversos, que também importou”. Assim, podemos afirmar que o empréstimo consiste em introduzir, no interior de um sistema, segmentos linguísticos com estrutura fonológica, sintática ou semântica proveniente de outro(s) sistema(s).

Ainda segundo Carvalho (1989, p. 24), “a ampliação do léxico, pelo empréstimo, é resultado não propriamente de uma inovação, mas de uma adoção que é a adequação da língua como saber linguístico à sua própria superação e tem como determinante fins culturais, estéticos e funcionais”. Dessa forma, não se trata de uma criação linguística propriamente dita nem de um “transporte” de uma língua a outra, já que são feitos ajustes ao sistema da língua receptora, conforme veremos adiante. Toda língua viva tem seus mecanismos de ampliação do léxico, resultante do processo de criação dentro da própria língua e do processo de adoção e adaptação de termos de língua estrangeira, e o empréstimo pode ser uma das formas mais produtivas de renovação lexical.

São consideradas *empréstimos linguísticos* as palavras importadas que sofrem modificações morfológicas e fonológicas para se adaptarem à língua importadora, embora, no processo de importação, existam algumas palavras que não sofrem alteração ou adaptação aos padrões da língua receptora. São palavras importadas e usadas sem adaptações relacionadas à língua importadora, permanecendo a mesma escrita da língua de origem. Carvalho (1989, p. 44) define essas palavras emprestadas que não sofrem adaptações como “xenismos”: “palavras que permanecem na forma original, apesar da grande frequência de uso”; termos estrangeiros que permanecem sempre estrangeiros, ou seja, palavras de origem estrangeira que gradativamente se tornam habituais na língua receptora, sem que nenhuma alteração

linguística ocorra. Entre os xenismos estão basicamente nomes próprios, nomes de lugares²⁹ (países, cidades e acidentes geográficos) e alguns objetos que fazem parte da realidade da língua importadora sem correspondência perfeita na cultura da língua que toma o objeto emprestado.

Nesta pesquisa, concebemos que o empréstimo configura-se quando um item lexical de uma língua é usado em outra com adaptações no plano fonológico ou sem essas adaptações. Também concordamos com os autores pesquisados quanto ao fato de esse fenômeno ser consequência do contato entre línguas, que pode decorrer da convivência dos falantes, seja pela proximidade territorial, seja pela colonização.

Todas as palavras em kairwá apresentadas na sequência deste trabalho foram avaliadas de acordo com a *Gramática Pedagógica da Língua Kairwá*, elaborada por Audrey e John Taylor, com o auxílio do Summer Institute of Linguistics (SIL), bem como com o texto: “Dicas para quem quer escrever em kairwá”, edição experimental julho de 2002, elaborado por Loraine Bridgeman (SIL).

4.2.1 Apresentação introdutória da fonologia do kairwá

Carvalho (1989, p.41) afirma que os empréstimos de fonemas são raríssimos; existem apenas em situações de bilinguismo:

Em relação ao sistema fonético-fonológico, o empréstimo é sempre rejeitado. Os falantes adaptam, a sua maneira, os fonemas estrangeiros; os empréstimos lexicais (termos), quando introduzidos auditivamente na fala cotidiana, não conservam em regra os fonemas estrangeiros.

Alves (1994, p. 11), por sua vez, assegura que “a neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente”. (ALVES, 1994, p.11).

A palavra que passa pelo processo de empréstimo possui um padrão em sua língua original, o chamado modelo, que sofrerá uma reanálise na língua receptora. Assim, desde o início do processo de empréstimo, esse modelo está sujeito a modificações, pois causa, em sua importação, uma inovação na língua que o recebe. Na tentativa de reproduzi-lo, o falante pode

²⁹ Encontramos uma grande quantidade de xenismos que destacam nomes próprios e nomes de lugares, mas estes não foram anexos aos dados, pois não trariam tantas contribuições ao estudo proposto. Citamos como exemplo o nome dos 27 livros que fazem parte do Novo Testamento, além de mapas que registram lugares descritos em português, comprovando o uso do empréstimo por xenismo dentro do texto já traduzido para o Kairwá.

substituir um traço fonológico por um padrão similar em sua língua, uma vez que fará uma comparação linguística entre os dois sistemas linguísticos.

Nos quadros a seguir, apresentamos o sistema fonológico do kaiwá, elaborado por Cardoso (2008, p.27-28), que consideramos relevante para a descrição dos empréstimos fonológicos. A tabela 1 apresenta o sistema fonológico consonantal do kaiwá, que “é constituído de quinze fonemas, sendo: cinco obstruïntes, cinco sonorantes e outros cinco fonemas contínuos”. (CARDOSO, 2008, p. 27).

Tabela 1. Consoantes kaiwá

	Bilabial	Alveolar	Palato- alveolar	Palatal	Velar	Lábio- velar	Glotal
Obstruïnte	p	t			k	kw	ʔ
Sonorante	m	n		ɲ	ŋ	ŋw	
Contínuo	w	s r	ʃ				h

Fonte: Cardoso (2008, p. 27)

Na segunda tabela, a autora expõe o sistema de vogais do kaiwá, afirmando que estas “podem ser orais ou nasais”³⁰. Veja o quadro:

Tabela 2. Vogais kaiwá

VOGAIS ORAIS				VOGAIS NASAIS			
	Anterior	Central	Posterior		Anterior	Central	Posterior
Fechada	i	ɨ	u	Fechada	ɨ̃	ɨ̃	ũ
Aberta	e	a	o	Aberta	ẽ	ã	õ

Fonte: Cardoso (2008, p. 27)

Na terceira e última tabela, Cardoso (2008, p. 27-28) apresenta “os fonemas, seus fones (ou alofones) e exemplos respectivos à realização de cada um desses fones”.

³⁰ (idem, 2008, p. 27)

Tabela 3. Realização e representação dos fonemas³¹

Fonema	Fone/alofone	Realização Fonética e Fonológica		'tradução'
/p/	[p]	[pɛ'ʔe'ta]	/pɛ'ʔeta/	'caracol'
/t/	[t]	[taɾa've]	/taɾawe/	'barata-do-mato'
/k/	[k]	[mɔ'kɔʃ]	/mokɔɲ/	'dois'
/kw/	[kw]	[kwa'a]	/kwaa/	'saber'
/ʔ/	[ʔ]	[so'ʔo]	/soʔo/	'carne'
/m/	[m]	[kũnũ'mi]	/kununĩ/	'menino'
	[mb]	[tukũ'mbɔ]	/tukũmo/	'corda'
	[b]	[bopi'ri] ~ [mbopi'ri]	/mopiri/	'morcego'
/n/	[n]	[ʃiɾi'nɔ]	/ʃiɾinɔ/	'beija-flor'
	[nd]	[mãndɛ'dʒu]	/mãniɲu/	'algodão'
	[d]	[de] ~ [nde]	/ne/	'você, 2ª.sg'
/ɲ/	[ɲ]	[ɲã'nde]	/ɲãne/	'nós, 1ª.pl'
	[dʒ]	[dʒa've]	/ɲawe/	'quando'
	[j]	[mboj]	/moɲ/	'cobra'
	[ʃ]	[kã'ʔãj]	/kãʔãɲ/	'pimenta'
/ɲ/	[ɲ] ²⁰			
	[ɲg]	[tũɲgu'su]	/tũɲusu/	'pulga'
	[g]	[ga'ʔu]	/ɲaʔu/	'desejo'
/ɲw/	[ɲw]	[ɲwã'hẽ]	/ɲwãhẽ/	'chegar'
	[w̃]	[wã'hẽ]	/ɲwãhẽ/	'chegar'
	[ɲgw]	[itɛɲgwa'ra]	/itɛɲwara/	'narina'
	[gw]	[gwa'ʔa]	/ɲwaʔa/	'arara'
/w/	[w]	[paɾa'kaw]	/paɾakaw/	'papagaio'
	[v]	[vãj] ~ [wãj]	/wãɲ/	'ruim, feio'
/s/	[s]	[hã'sẽ]	/hasẽ/	'choro'
/ɾ/	[ɾ]	[ɾɛgwa'su]	/ɾɛɲwasu/	'galinha'
/ʃ/	[ʃ]	[ʃiɾi'nɔ]	/ʃiɾinɔ/	'beija-flor'
/h/	[h]	[ta'hãj]	/tahãɲ/	'formiga'

³¹ Observa-se na (Tabela 3.) que nos dados do fonema /i/ e /ĩ/ há um equívoco da autora, sendo o correto /huʔi/ e /ɲãʔiʔũ/, respectivamente na realização fonética e fonológica.

/i/	[i]	[hu'ʔi]	/huhi/	'beiju'
/ĩ/	[ĩ]	[mĩ'ʃi]	/mĩʃi/	'pequeno'
/ĩ/	[ĩ]	['ĩ]	/ĩ/	'água'
/ɛ̃/	[ɛ̃]	[ɲãtɛ̃'ʔũ]	/ɲãtɛ̃hũ/	'pernilongo'
/u/	[u]	[pu'ku]	/puku/	'comprido'
/ũ/	[ũ]	[hũ]	/hũ/	'preto'
/e/	[e] [ɛ]	[te'dʒu] ~ [tɛ'dʒu]	/teju/	'calango'
/ẽ/	[ẽ] [ɛ̃]	[ɲẽ'ʔẽ] ~ [ɲɛ̃'ʔɛ̃]	/ɲẽʔẽ/	'falar'
/o/	[o] [ɔ]	[ko'ʃi] ~ [kɔ'ʃi]	/koʃi/	'queixada'
/õ/	[õ] [ɔ̃]	[ʃõrõ'rõ] ~ [ʃɔ̃rɔ̃'rɔ̃]	/ʃororõ/	'espécie de nambu'
/a/	[a]	[aku'tɛ̃]	/akutɛ̃/	'cotia'
/ã/	[ã]	[ãnda'ʔi]	/ãnaʔi/	'abobora'

Fonte: Cardoso (2008, p. 27-28)

Dando continuidade à apresentação do sistema fonológico do kaiwá, os dados apresentados na Tabela 4 foram retirados da *Gramática Pedagógica da Língua Kaiwá*, organizada por John e Audrey Taylor, com o auxílio do Summer Institute of Linguistics:

Tabela 4. Consoantes e vogais

Consoantes		Vogais	
Som	Símbolo	Som	Símbolo
p	p	i	i
t	t	e	e
k	k	a	a
dj	j	o	o
mb	mb	u	u

nd	nd	i	y
ng	ng		
kw	kw		
gw	gw		
ngw	gw ã		
m	m		
n	n		
ñ	nh		
g	g		
r	r		
w	v		
s	s		
s	x		
h	h		
ʔ	'(oclusiva glotal)		

Fonte: John e Audrey Taylor (s/d)

Já as tabelas 5 e 6 apresentam informações baseadas no texto *Dicas para quem quer escrever em Kaiwá*, elaborado por Loraine Bridgeman, também com o auxílio do Summer Institute of Linguistics. Trata-se de uma breve apresentação dos fones ou (alofones) dos fonemas escritos em kaiwá da mesma maneira que se escreve em português e das vogais nasalizadas em kaiwá que não ocorrem nasalizadas em português:

Tabela 5. Fone/Alofone

Kaiwá	Português
a	a
e	e
i	i
o	o
u	u
ã	ã
õ	õ

m	m
n	n
p	p
t	t
v	v
ẽ ³²	(vogal não ocorre nasalizada em português)
ĩ	(vogal não ocorre nasalizada em português)
ũ	(vogal não ocorre nasalizada em português)
ȳ ³³	(vogal não ocorre nasalizada em português)

Fonte: Bridgeman (2002).

A lista da Tabela 6 apresenta alguns sons em kaiwá escritos de uma maneira bem próxima ao português, mas não exatamente igual:

Tabela 6. Fonemas

Kaiwá	Português
b	mb
d	nd
g	ng
h	rr
j	d (/dʒ/ <u>dia</u>)
k	<u>ç</u> (ante de a, o, u) e <u>qu</u> (antes de e, i)
r	r
s	s/c/ss/ç (em kaiwá nunca tem o som de Z)

³² De acordo com Bridgeman (2002), as vogais [ẽ], [ĩ], [ũ], não ocorrem nasalizadas em português, contudo diferente do que a autora afirma, existem exemplos destas vogais nazais em português. Observe os exemplos: ['mẽntʃĩ] 'mente' (nasal x nasalizada), ['pĩntu] 'pinto'(nasal x nasalizada), ['mundu] 'mundo' (nasal x nasalizada).

³³ De acordo com Bridgeman (2002), a vogal [ȳ] não ocorre nasalizada em português, contudo esta vogal não ocorre nem mesmo oralmente no português.

t	t (em kaiwá nunca tem o som de tch)
x	x/ch
y	Não há em português
' (oclusiva glotal – é a parada rápida)	Não há em português

Fonte: Bridgeman (2002).

Com base nas tabelas apresentadas, podemos observar que o sistema fonológico do kaiwá é bastante amplo. Na perspectiva de John e Audrey Taylor s/d³⁴, “a *nasalização* está marcada na última vogal, às vezes ocorre sobre toda a palavra, mas será marcada sobre a última vogal nasalizada. Já a *tonicidade* ocorre na última sílaba a não ser que esteja marcada noutra”.

Para Bridgeman (2002)³⁵, há três símbolos usados de uma maneira especial em kaiwá. São eles o acento agudo (´), o hífen (-) e o til (~). O acento agudo é usado para marcar a sílaba mais forte quando esta não é última e é também usado para marcar a vogal mais forte num ditongo não nasalizado. O til é usado para indicar que a palavra é nasalizada, isto é, cujos sons são produzidos com saída pela cavidade nasal. Já o hífen indica que todas as sílabas seguintes são fracas. Também indica que as formas seguintes podem pertencer tanto a uma palavra como a frase anteriores.

Já Cardoso (2008, p. 144) cita as possibilidades de estrutura oracional do kaiwá. No ponto de vista da autora, “SV & VO, e SV & OV, definem dois tipos tradicionais de ordem: SVO e SOV”.

Portanto, depois desta apresentação introdutória da fonologia do kaiwá, buscamos com base no projeto: “Sonoridade em artes, saúde e tecnologia” de Thaís Cristófaros Silva e Hani Camille Yehia, o “Quadro fonêmico do Português”³⁶ com o intuito de servir como artefato de comparação nas análises realizadas com a língua kaiwá e o português, sendo ambas objetos de pesquisa desse trabalho.

³⁴ Informação retirada do texto: *Gramática Pedagógica da Língua Kaiwá*, organizada por John e Audrey Taylor com o auxílio do Summer Institute of Linguistics.

³⁵ Informação retirada do texto: *Dicas para quem quer escrever em Kaiwá*. Trata-se de uma edição experimental e foi elaborada por Loraine Bridgeman com o auxílio do Summer Institute of Linguistics.

³⁶ Disponível em: http://www.fonologia.org/quadro_fonemico.php. Acesso em: 18 de setembro de 2011.

Quadro 7. Quadro fonêmico do português

- Consoantes

Fonemas	Alguns alofones
/p/	[p]. [p ^w]
/b/	[b]. [b ^w]
/t/	[t]. [t ^w]. [t ^j]. [tʃ]
/d/	[d]. [d ^w]. [d ^j]. [dʒ]
/k/	[k]. [k ^w]. [k ^j]
/g/	[g]. [g ^w]. [g ^j]
/f/	[f]. [f ^w]
/v/	[v]. [v ^w]. [h]
/s/	[s]. [s ^w]. [s ^j]. [h]. []
/z/	[z]. [z ^w]. [z ^j]. [h̃]. []
/ʃ/	[ʃ]. [ʃ ^w]. [h]
/ʒ/	[ʒ]. [ʒ ^w]. [h]
/m/	[m]. [m ^w]
/n/	[n]. [n ^w]. [n ^j]
/ɲ/	[ɲ]. [ỹ]
/l/	[l]. [w]. [l ^j]. [ɫ]
/ʎ/	[ʎ]. [l ^j]. [y]
/r/	[r]. []
/R̃/	[h]. [h̃]. [x]. [y]. [ɹ]. [r]

Arquifonemas	
--------------	--

/R/	[h]. [h̃]. [x]. [y]. [ɹ]. [r]. []
/N/	(nasaliza as vogais)
/S/	[s]. [ʃ]. [z]. [ʒ]
Total = 19 fonemas consonantais e 3 arquifonemas	

- Vogais

Fonemas	Alguns alofones
/i/	[i]. [ɪ]. [ĩ]. [ɪ̃]. []
/e/	[e]. [ɛ]. [ẽ]. [i]. [ɪ]
/ɛ/	[ɛ]. [e]
/a/	[a]. [ã]. [ə]
/ɔ/	[ɔ]
/o/	[o]. [ɔ]. [õ]. [u]. [u]
/u/	[u]. [u]. [ũ]. [ũ]
Total = 7 fonemas vocálicos	

Fonte: http://www.fonologia.org/arquivos/tb_quadro_fonemico_pt.pdf

Por fim, ressaltamos que esta apresentação introdutória da fonologia do kaiwá é pré-requisito para que se entenda o processo que será apresentado, nas ocorrências de 1 a 8, que ilustram exemplos de empréstimos linguísticos fonológicos encontrados na língua kaiwá, o que será apresentado no próximo capítulo.

CAPÍTULO V

DO PORTUGUES AO KAIWÁ: O USO DE EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS

Busca palavras límpidas e castas, novas e raras, de clarões radiosos, dentre as ondas mais pródigas, mais vastas dos sentimentos mais maravilhosos.

(Cruz de souza).

O processo de formação dos *neologismos fonológicos* remete à ideia de uma sequência inédita e pouco comum. Segundo Alves (1994, p. 11), “a neologia essencialmente fonológica supõe a criação de um item léxico cujo significante seja totalmente inédito, isto é, tenha sido criado sem base em nenhuma palavra já existente”, no entanto, segundo a autora esta ocorrência é extremamente rara em todas as línguas. Dificilmente criamos a partir do nada, ou seja, as criações partem de outros elementos já existentes ou ainda dos empréstimos.

De acordo com Alves (1994, p. 11), “é o próprio mecanismo da comunicação que impede a vivacidade da neologia fonológica, a fim de garantir a eficácia da mensagem”. Todavia alguns recursos fonológicos podem ser usados com a intenção de provocarem alterações no item lexical, conforme veremos nos exemplos que serão analisados a seguir.

5.1 Neologismos por empréstimos fonológicos

Todos os versículos bíblicos citados na sequência de cada exemplo referem-se à versão bíblica em kawaiá descrita no capítulo II. Em seguida, apresentamos três versões distintas em português sendo: (a): Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas; (b): Bíblia Sagrada Traduzida por João Ferreira de Almeida e (c) A Bíblia Sagrada Tradução na Linguagem de Hoje.

Quadro 8. Empréstimos fonológicos

Vocábulo em kawaiá	Transcrição Fonética em kawaiá	Tradução do vocábulo kawaiá	Transcrição fonética em português
1. Ovexa	[ove'ʃe]	‘Ovelhas’	[o'velɐ]
2. Vése	['vɛse]	‘Veze’	['vezɪs]
3. Xikéro	[ʃi'kɛro]	‘chiqueiro’	[ʃi'kerɐ]

4. Kavaju	[kava'dʒu]	‘Cavalo’	[ka'valY]
5. Gáju	['gadʒu]	‘Galo’	['galY]
6. Kavara	[kava'ra]	‘cabra’	['kabra]
7. Entéro	[ɛ̃n 'tɛro]	‘inteiro’	[ĩ'terY]
8. Kente	[kɛ̃n'te]	‘gente’	['gɛ̃tɛI]

1. **Ovexa (Mateus 25:32)**³⁷, do português **ovelha**. Nas versões bíblicas em português: **(a) ovelhas**³⁸; **(b) ovelhas**³⁹; **(c) ovelhas**⁴⁰

Entéro tetã tetã mygwa ko yvy-py oĩ va'e gwive onhomboatypa va'erã ou-vy Xe renonde-py. Ogwahẽ ramo ou-vy xe renonde-py aipe'a pe'a va'erã ojóhugwi hembiapokwe-rami. Herekwa cabrito kwéry-gwi **ovexa** oipe'aha-rami ave xe aipe'a va'erã hekoha vai va'e-gwi hekoha porã va'e, he'i.

- (a)** E diante dele serão ajuntadas todas as nações, e ele separará uns dos outros assim como o pastor separa as **ovelhas** dos cabritos.
- (b)** E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as **ovelhas**;
- (c)** Todos os povos da terra se reunirão diante dele, e ele separará uns dos outros, assim como o pastor separa as **ovelhas** dos cabritos.

A palavra /o'velɐ/ do português é adaptada para /ove'ʃɐ/ em kaiwá. O sentido da palavra não sofre alteração, porém, como há fonemas distintos, a grafia é afetada. O kaiwá adapta com a ausência do fone [λ] ao fone [ʃ], utilizando a consoante <x>. A omissão do plural trata-se de uma adaptação morfológica justificada pela ausência de sufixo para número em kaiwá, o que caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno neológico fonológico. O mesmo ocorre com os exemplos a seguir:

³⁷ Nhandejáry Nhe'ẽ. O Novo Testamento na Língua Kaiwá.

³⁸ (a): Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas.

³⁹ (b): Bíblia Sagrada Traduzida por João Ferreira de Almeida.

⁴⁰ (c): A Bíblia Sagrada Tradução na Linguagem de Hoje.

2. **Vése (Mateus 18:22)**, do português **vezes**. Nas versões bíblicas em português: **(a) vezes;** **(b) vezes;** **(c) vezes.**

Ha Hesu he'i:

--- Sete *vése* anho peve nome'êi arã. Sete *vése* setenta *vése* peve ae katu eiporiahuverekori kori katu íxupe, he'i. --- Nde-rehe hembiaipo vairi iri ramo jepe, eiporiahuvereko meme meme joty katu íxupe, he'i Pedro-pe Hesu.

- (a)** Jesus disse-lhe: “Eu não te digo: Até sete *vezes*, mas: Até setenta e sete *vezes*.
- (b)** Jesus lhe disse: Não te digo que até sete, mas, até setenta *vezes* sete.
- (c)** --- Não. Você não deve perdoar sete *vezes* --- respondeu Jesus --- mas setenta *vezes* sete⁴¹.

O item lexical "vezes" do português é pronunciada em kaiwá como ['vɛse]. O significado da palavra não se altera e há uma adaptação na estrutura da palavra, evidenciada pela troca de fonemas.

Assim como no português, em kaiwá o fonema /s/ é sempre empregado para representar o fone [s], como em "sapo", "acessar", assado e açúcar. Segundo Bridgeman (2002, p. 1), “o fonema /z/ não existe na língua e o acento agudo (´) é utilizado para marcar a sílaba mais forte quando esta não é última”.

3. **Xikéro (João 10:1)**, do português **chiqueiro**. Nas versões bíblicas em português: **(a) aprisco;** **(b) curral;** **(c) curral.**

Ha upéi katu he'i jevy upe pygwa-pe Hesu:

--- Amombe'u-ta peẽ-my anhetegwa va'e. Jaike ramo xikéro-py ovexa oĩ há-my, okẽ-rupi jaike va'e. Ha imondaháry oporosakeahaty va'e

⁴¹ Setenta vezes sete; ou setenta e sete vezes.

ave katu okẽ-rupi ndoikéiry. Ojeupi ae ohasa *xikéro* ári-rupi oike hagwã ovexa oĩ ha-my, he’i.

- (a) “Digo-vos em toda a verdade: Quem não entra pela porta no *aprisco* das ovelhas, mas galga por outro lugar, esse é um ladrão e saqueador.
- (b) Na verdade, na verdade vos digo que aquele que não entra pela porta no *curral* das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador.
- (c) Jesus disse: --- Eu afirmo a vocês o seguinte: Quem não entra no *curral* das ovelhas pela porta, mas pula o muro é ladrão e assaltante.

A palavra “xikéro”, em kaiwá, é um empréstimo da palavra “chiqueiro” em português. Com a ausência dos grafemas <ch> e <qu> nessa língua indígena, utiliza-se segundo o sistema ortográfico proposto a eles, apenas os grafemas <x> e <k>, correspondendo aos fonemas /ʃ/ e /k/, sendo estes os mais próximos ao som emitido na palavra adotada do português.

Sabe-se que o grafema <x> representa, quase sempre o fonema [ʃ] em português. Contudo, o fonema /k/ da língua portuguesa é utilizado da mesma forma que em português, ou seja, o grafema <c> antes das vogais [a], [o], e [u] bem como [qu] antes de [e] e [i], como em português.

Parece-nos relevante apontar também o processo de monotongação ocorrido em relação à palavra portuguesa: embora esse fenômeno ocorra na fala, em português, a escrita ainda registra o ditongo. Em kaiwá, o ditongo desapareceu.

Durante a análise dos dados, foi possível encontrar outros exemplos de lexemas adotados pelo kaiwá provindos do português e adaptados pela ausência do grafema <c>: **kamisa** ‘camisa’; **kanóa** ‘canoa’; **kópo** ‘copo’ e **vaka** ‘vaca’.

Se considerarmos a definição encontrada no dicionário Houaiss (2009), podemos afirmar que, à alteração na forma, não correspondeu uma mudança de significado: “chiqueiro”, substantivo masculino que significa: “curral onde são criados ou recolhidos os porcos; pocilga; pequeno curral de bezerros, *ovelhas ou cabras*”. (destaque nosso)

4. Gáju (Mateus 26:34), do português galo. Nas versões bíblicas em português: (a) galo; (b) galo; (c) galo.

Anhetegwa va'e amombe'u-ta nde-vy, he'i Hesu Pedro-pe. --- Etería ko va'e pyhare-py, ne'irã osapukái ramo *gáju*, “Xe ndaikwaái voi” ere va'erã xe-rehe nbohapyha-rehe, he'i íxupe.

- (a) Jesus disse-lhe: “Deveras, eu te digo: Esta noite, antes de cantar o *galo*, repudiar-me-ás três vezes.”
- (b) Disse-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o *galo* cante, três vezes me negarás.
- (c) Mas Jesus lhe disse: --- Lembre-se disto: hoje à noite, antes que o *galo* cante, você me negará três vezes, dizendo que não me conhece.

A palavra "galo", do português, é adaptada em kaiwá e passa a ser utilizada como [ˈgadʒu]. Nota-se que a neutralização da oposição entre [o] e [u] átonos finais resulta no uso de /u/. A língua adapta-se à ausência do grafema <l> usando o grafema <j>, no qual som [dʒ] é representado pela forma grafemática <j> em kaiwá.

5. Kavara (Hebreus 10:4), do português cabra. Nas versões bíblicas em português: (a) bodes; (b) bodes; (c) bodes.

Vaka rugwy-py rei nhanhemopotĩ ukase ramo, “Xe py'a potĩ-ma” ndaja'éiry voi arã nhandéjehe kwéry. *Kavara* rugwy-py rei nhamboyke ukase mo'a ramo nhane rembiapo vaikwe, nomboykéiry voi nhandéhegwi Nhandejáry.

- (a) Porque não é possível que o sangue de touros e de *bodes* tire pecados.
- (b) Porque é impossível que o sangue dos touros e dos *bodes* tire os pecados.

- (c) Pois o sangue de touros e de *bodes* nunca poderá tirar os pecados de ninguém.

Observando a versão portuguesa e a tradução em kaiwá, percebemos que a palavra "bode" do português é substituída por [kava'ra] em kaiwá, que vem do empréstimo da português de "cabra". O fone [b] não faz parte dos sistema de som kaiwá, este é substituído por [v] ou em alguns casos o [w], que é o fonema mais semelhante articulatoriamente ao [b].

6. Kavaju (Apocalipse 6:2), do português *cavalo*. Nas versões bíblicas em português: (a) *cavalo*; (b) *cavalo*; (c) *cavalo*.

Ama'ê ramo ahexa-ma ou *kavaju* morotĩ ári ou va'e. Gwyrapa ave ogweru opo-py. Há ahexa omoĩ ramo inhakã-rehe ijegwakarã mburuvixagwasu pegwarã. Upe rire osẽ ipu'aka reheve onhembopu'aka hagwã opaixagwa-rehe *kavaju* morotĩ arigwa.

- (a) E eu vi, e eis um *cavalo* branco; e o que estava sentado nele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e ele saiu vencendo e para completar a sua vitória.
- (b) E olhei, e eis um *cavalo* branco: e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer.
- (c) Olhei e vi um *cavalo* branco. O cavaleiro tinha um arco, e lhe deram uma coroa real. E ele saiu vencendo e conquistando.

A palavra "cavalo", do português, é adaptada, em kaiwá, e passa a ser utilizada como [kava'dzu]. O significado da palavra não é alterado e a troca de fonemas justifica a classificação como empréstimo fonológico. O processo aqui realizado é o mesmo do item 5.

7. Entéro (Mateus 28:18), do português *inteiro*. Nas versões bíblicas em português: (a) *toda*; (b) *todo*; (c) *todo*.

Upe ramo onhemo'agwĩ-ma gwemimbo'e kwéry-gwi ou-vy:

--- Xe mbopu'aka-ma Nhandejáry enterove va'e-rehe, he'i.

--- Entéro yváy pygwa, *entéro* ko yvy-py oĩ va'e gwive ave oheja xe pogwy-py meme imoĩ-vy, he'i.

(a) E Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: “Foi-me dada *toda* a autoridade no céu e na terra.

(b) E, chegando-se Jesus, falou-lhes, dizendo: É-me dado *todo* o poder no céu e na terra.

(c) Então Jesus chegou perto deles e disse:

--- Recebi *todo* o poder no céu e na terra.

O lexema “entéro”, do kaiwá, origina-se de “inteiro”, do português, sinônimo da expressão “toda/todo”, conforme é apresentado em português, uma vez que a primeira forma não seria adequada em português no contexto em questão. A afirmação de que esses vocábulos são sinônimos baseia-se em suas definições de dicionário. A palavra “todo”, no dicionário Houaiss (2009), significa: “a que não falta nenhuma parte; *inteiro*, completo, total” e “inteiro” significa ‘com todas as suas partes; a que não falta nada; completo, total em sua totalidade ou extensão; *todo*’.

8. Kente (Mateus 4:19), do português **gente**. Nas versões bíblicas em português: **(a) homens; (b) homens; (c) gente**.

Peju katu xe moirũ, he'i íxupe kwéry. --- Nde katu pira jopói kwaahaty. ãy ae orohekombo'e-ta xe moirũ uka hagwã gwĩ *kente* kwéry-pe, he'i ohenói-vy íxupe kwéry Hesu.

(a) E disse-lhes: “Segui-me e eu farei de vós pescadores de *homens*.”

(b) E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de *homens*.

(c) Jesus disse:

--- Venham comigo, que eu ensinarei vocês a pescar *gente*.

O lexema “kente”, do kaiwá origina-se de “gente”, do português. Há uma adaptação fonológica de vido a falta de consoantes oclusivas velares sonoras, assim em kaiwá ao invés de utilizar a consoante [ɣ] adaptam para na fala para o fone [ŋ], sendo este representado ortograficamente <k>.

5.2 Neologismo por empréstimos sintáticos

Para Carvalho (1989, p. 37), a “tendência dos empréstimos é adotar a fisionomia morfológica e fonológica da língua importada” com a finalidade de enriquecer e renovar o léxico da língua, o que, em geral, implica o uso de sufixos e prefixos. Na verdade, trata-se de um “recorte analógico do mundo objetivo”, pois as línguas conservam suas formas, porém introduzem novas regras gramaticais, de modo que “os empréstimos pressupõem uma interpretação e uma adaptação à estrutura da língua importadora”⁴².

Na perspectiva de Barbosa (1998, p. 39), o processo de formação de neologismos sintáticos define-se como a produção de “uma nova palavra, a partir da junção de elementos mórficos já existentes na língua”, cuja combinatória ocorre por meio de sufixos e prefixos (derivação) e também por intermédio da composição de duas palavras-base, sintetizando uma frase que lhes corresponde em sintagmas, ou seja, “o neologismo sintático é produto da derivação e da composição de unidades lexicais”. (BARBOSA, 1996, p. 264).

Conforme analisa Alves (1994, p. 14), o neologismo sintático não é uma combinação inédita, mas sim uma combinação de elementos já existentes, podendo ser

[...] classificados em derivados, compostos, compostos sintagmáticos e compostos formados por siglas ou acronímicos, são denominados sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não está circunscrita exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas concerne também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base; a composição tem caráter coordenativo e subordinativo; os integrantes da composição sintagmática e acronímica constituem componentes frásicos com o valor de uma unidade lexical.

Ainda segundo Alves (1994), os neologismos formados por derivação dividem-se em: derivação prefixal, derivação sufixal e derivação parassintética; já os neologismos formados por composição são divididos em: composição subordinativa, composição coordenativa, composição satírica, convergência entre derivação e composição, composição

⁴² (idem, p. 42)

entre bases não autônomas, composição sintagmática e composição por siglas ou acronímica e, por fim, há os neologismos formados por conversão.

Nos itens seguintes, apresentamos uma síntese dos processos de formação dos neologismos por empréstimo sintáticos, iniciando pelo processo de derivação prefixal.

5.2.1 Flexão

Definimos a flexão como um processo morfológico que consiste no emprego de diferentes afixos acrescentados aos radicais ou aos temas (nominais e verbais) das palavras variáveis para exprimir as categorias gramaticais (número, gênero, pessoa, caso e tempo). Assim, podemos caracterizar a flexão como variante das desinências dos nomes e dos verbos. No entanto, sabemos que cada uma das formas flexionadas de uma palavra seja ela (substantivo, pronome ou verbo) variam segundo o caso, o gênero, o número e a pessoa, dessa forma a flexão pode ser definida como o conjunto das formas flexionadas de uma palavra.

1. Apaga (Mateus 18:26), do português **pagar**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [pagarei]; (b) [pagarei]; (c) [pagarei]**.

Upe-ma ramo upe hembigwái heta eterei oreve va'e onhesũ gwety'ã-rehe ojáry rovagwy-py. “Aníke nde poxy teĩ Xe-vy. ãy ndikatúiry *apaga* nde-vy. Emoĩ katu xe-vy araka'e pa aju-ta apagapa hagwã nde-vy” he'i ojáry-pe.

- (a)** Por isso, o escravo prostrou-se e começou a prestar-lhe homenagem, dizendo: ‘Tem paciência comigo, e eu te *pagarei* tudo de volta’.
- (b)** Então aquele servo, prostrando-se, o reverenciava, dizendo: Senhor, sê generoso para comigo, e tudo te *pagarei*.
- (c)** Mas o empregado se ajoelhou diante do patrão e pediu: “Tenha paciência comigo, e eu *pagarei* tudo ao senhor!”

Bridgeman (2002) afirma que “o prefixo **a-** é definido como a primeira pessoa do singular, o pronome (eu)”. Verifica-se que o prefixo **a-** não é o responsável pela mudança

neológica no vocábulo em questão. A adaptação consiste na remoção do <r> do verbo “pagar” em português, cabendo ao prefixo a marcação de tempo do verbo (futuro do presente do indicativo): “pagarei”, da primeira pessoa do singular.

No entanto, observamos que {a-} marca número e pessoa, evidenciando o processo de neologismo por flexão (apaga = 1º pessoa do singular > adaptação sintática).

Segundo Cardoso (2008, p. 66), “a língua kaiwá, morfologicamente, flexiona o verbo por meio de prefixos e clíticos marcadores de número e pessoa”.

2. Japaga (Colossenses 1:14), do português **pagamento/pagar**. Nas versões bíblicas em português: **(a)[resgate]; (b) [redenção]; (c) [liberta]**.

“Hesu Cristo Katu onheme’ê va’ekwe nhande rekove-rehe, jaiko rei hagwã *japaga* e’ÿ reheve. Ha’e omboy ke va’e nhandé hegwi nhane rembiapo vaikwe”.

- (a)** Mediante quem temos o nosso livramento por meio de *resgate*, o perdão dos nossos pecados.
- (b)** Em quem temos a *redenção* pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados;
- (c)** É ele quem nos *liberta*, e é por meio dele que os nossos pecados são perdoados.

No kaiwá, não há uma palavra que represente a ideia de “pagamento”⁴³. Diante disso, houve um empréstimo linguístico do verbo “pagar”, do português, para “paga”, em kaiwá. Trata-se do sujeito nós (pessoa pronominal), uma derivação, no português: pagar/pagamento. Já no kaiwá, trata-se de uma flexão, ou seja, um neologismo por flexão de substantivo. Ressaltamos que não foi encontrada a palavra “paga” isoladamente; esta aparece sempre acompanhada por prefixos, sendo eles: **a-**, **o-**, **ja-** e **mbo-**, os quais são analisados ao longo desta breve descrição.

⁴³ Afirmação justificada por uma “questão cultural”. A cultura do não índio influenciou a vida dos povos indígenas: antigamente os índios viviam à base de *troca*; não existia compra, venda, *pagamento*, etc., atualmente a integração cultural é considerada responsável pela miscigenação e mudança de comportamento dos indígenas.

No exemplo, ‘Japaga’, como já citado, o verbo “pagar”, do português, é adaptado para “paga”, em kaiwá, e este aparece acompanhado pelo prefixo **ja-**.

Bridgeman (2002) afirma que “o prefixo **ja-** indica o ‘sujeito *nós (inclusivo)* da primeira pessoa do plural’. Verifica-se, no exemplo, que o prefixo não é o responsável pela mudança neológica no vocábulo em questão. A adaptação pode ser explicada pela remoção do <r> do verbo “pagar”, em português, que resulta na palavra “paga”, em kaiwá. Cabe ao prefixo **ja-** a marcação de pessoa: “nós pagamos”.

Na versão bíblica kaiwá, a palavra “japaga” substitui as palavras “resgate”, “redenção” ou “liberta” nas versões em português, porém o contexto atribui à palavra “resgate” o sentido de “pagamento pelo pecado”. Assim, a adaptação não altera o sentido da palavra; apenas a forma.

Com base no dicionário Houaiss (2009), “resgate” significa: “ato ou efeito de resgatar(-se), mediante o *pagamento* de quantia determinada; a quantia *paga* por essa libertação; ato de libertar, de livrar; livramento, libertação; salvamento; extinção de um débito em consequência de *pagamento*” e “pagar” significa: “entregar ou restituir (uma quantia que se deve); cobrir despesa ou débito”. Essas definições nos remetem ao contexto de “efeito pelo instrumento” registrado por Ullmann (1964).

3. Ovende (Lucas 17:28), do português **vender**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [vendiam]; (b) [vendiam]; (c) [vendiam]**.

Upéixa ave ojehu araka’e myamyri Sodomã tetã mygwa kwéry-pe. Oiko-ma jave Ló amyri upe pygwa kwéry oiko rei ave araka’e. Okaru, oy’u rei, ojogwa omba’erã, **ovende** ave omba’ekwe, kokwe ojaty, gwogarã omopu’ã ave. Upéixa rei okwa araka’e.

(a) Igualmente, assim como ocorreu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, **vendiam**, plantavam, construíam.

(b) Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, **vendiam**, plantavam e edificavam;

(c) A mesma coisa aconteceu no tempo de Ló. Todos comiam e bebiam, compravam e **vendiam**, plantavam e construíam.

Assim como ocorre com o verbo “pagar”, no kaiwá não há uma palavra que represente a ideia de “vender”⁴⁴. Diante disso, houve um empréstimo linguístico do verbo “vender”, do português, para “vende”, em kaiwá. Sendo ele um verbo, sempre deve ocorrer prefixado pela marca de pessoa, ou seja, trata-se também de um neologismo por flexão (ele/eles 3º pessoa pronominal). Também observamos que não foi encontrada a palavra “vende” isoladamente; esta aparece sempre acompanhada por prefixos; neste caso, observa-se a prefixação do morfema **o-**.

Bridgeman (2002) afirma que o prefixo **o-** indica “o sujeito *ele, ela* da terceira pessoa do singular e *eles, elas* da terceira pessoa do plural”. Verifica-se que o prefixo **o-** não é o único responsável pela mudança neológica no vocábulo em questão. É preciso dar atenção para a explicação linguística cultural: a prática da vendição não fazia parte da rotina de vida dos indígenas, contudo, para a sobrevivência, hoje em dia, esse artifício foi adaptado à cultura; logo essa adaptação justifica a nomeação da nova palavra, por meio de um empréstimo linguístico.

5.2.2 Derivação

Os derivados podem ocorrer por (1) prefixação, (2) sufixação ou (3) prefixação e sufixação juntos e (4) parassíntese. O prefixo une-se a uma base ou a um radical e tem função de acréscimo de significado. Já o sufixo atribui uma ideia acessória à palavra-base, podendo até mesmo alterar a classe gramatical do vocábulo, e o último processo, denominado derivação parassintética, exige que dois afixos sejam incorporados à palavra-base ao mesmo tempo. (ALVES, 1994).

5.2.3 Derivação prefixal

A derivação prefixal consiste na formação de uma nova palavra por meio do acréscimo de um prefixo a uma base já existente, ou seja, a prefixação é um mecanismo de criação de nomes e verbos a partir de palavras existentes com auxílio de prefixos.

Alves (1994, p. 14-15) afirma que, “ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados”, ou seja, prefixos são “partículas

⁴⁴ Afirmação justificada por uma “questão cultural”: a cultura do não índio influenciou a vida dos povos indígenas. Antigamente, os índios viviam à base de *troca*; não existia compra, *venda*, pagamento, etc.

independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma idéia acessória e manifestam-se de maneira recorrente, em formações em série”.

Alves (1994, p. 23) critica o fato de que algumas gramáticas costumam afirmar que os elementos prefixais, diferentemente dos elementos sufixais, são caracterizados pela não alteração da classe gramatical das bases a que se associam. A autora esclarece que um prefixo unido a uma base substantiva pode atribuir uma função adjetiva ou adverbial. “Alguns prefixos sofrem um processo de nominalização quando, empregados independentemente de qualquer base, exercem função substantiva”⁴⁵. Por exemplo, o substantivo masculino “possível”, acrescido do prefixo **im-**⁴⁶, “impossível”, recebe uma mudança de classe gramatical, de “substantivo” passa a ser um “adjetivo” de dois gêneros.

1. Mbopaga (Lucas 18:10), do português pagar. Nas versões bíblicas em português: (a) [cobrador de impostos]; (b) [publicano]; (c) [cobrador de impostos].

Mokõi kwimba’e oho ojeporahéi haty-py ojapo hagwã oração. Peteĩ fariseu va’e, outro plata-py nhane *mbopaga* va’ety.

- (a) Dois homens subiram ao templo para orar, um sendo fariseu e o outro *cobrador de impostos*.
- (b) Dois homens subiram ao templo, a orar; um fariseu, e o outro *publicano*.
- (c) --- Dois homens foram orar no Templo. Um era fariseu e o outro, *cobrador de impostos*.

No exemplo, “mbopaga”, o verbo “pagar”, do português, é adaptado para “paga”, em kaiwá, e este aparece acompanhado pelo prefixo **mbo-**.

Bridgeman (2002) afirma que o prefixo **mbo-** significa: “prefixo causativo; pode ser colocado nos verbos intransitivos e também nas palavras descritivas e forma-se um verbo transitivo”. Verifica-se, no entanto, que o prefixo não é o único responsável pela mudança

⁴⁵ (idem, p. 25-26)

⁴⁶ Segundo o dicionário Houaiss (2009), “o prefixo **im-** é equivalente a ‘privação’; ocorre antes de b ou p”.

neológica no vocábulo em questão. A adaptação pode ser explicada pela remoção do <r> do verbo “pagar” em português.

Na versão analisada, a palavra “mbopaga”, do kaiwá, substitui a expressão “cobrador de impostos” do português, porém o contexto do versículo bíblico citado remete a ‘aquele que faz pagar’, sentido perfeitamente representado por **mbo-**, tornando evidente o processo em que o sentido de agente “cobrador” é substituído pelo de agente “pagador”. Nota-se que o contexto preserva o significado da palavra adotada, formando um neologismo sintático por derivação prefixal.

Durante a análise dos dados, foi possível encontrar outros exemplos de lexemas adotados pelo kaiwá provindos do português e adaptados pelo acréscimo de prefixo ao verbo “pagar”. Podemos observar o sujeito ele, ela, da terceira pessoa do singular, em kaiwá, apresentado pelo prefixo **o-** mais o verbo “pagar”, do português, na terceira pessoa do singular pretérito imperfeito do subjuntivo, nos exemplos:

- (1) **Oporombopaga**, do português **pagar**, nas versões bíblicas em português **cobrador de impostos** (aquele que faz pagar).
- (2) **Opaga**, do português **pagar**, nas versões em português **pagasse**.

5.2.4 Derivação sufixal

Na derivação sufixal, o sufixo pode associar à palavra-base uma ideia secundária e ainda pode alterar-lhe a classe gramatical. A derivação sufixal pode ser definida como acréscimo de um sufixo à palavra primitiva, também chamado de sufixação. Os sufixos são elementos pospostos a uma base ou radical para formar novas palavras. Segundo Alves (1994, p.29), o sufixo é um “elemento de caráter não-autônomo e recorrente, atribui à palavra-base a que se associa uma idéia acessória e, com frequência, altera-lhe a classe gramatical”. Ainda segundo a autora, “dentre os sufixos verbais, -ar e -izar são os que, com mais frequência, formam unidades neológicas cujas bases são constituídas por um nome substantivo”⁴⁷.

⁴⁷ (idem, 1994, p. 34)

1. **Trigoty (Mateus 12:1)**, do português **trigo**. Nas versões bíblicas em português: **(a)** [espigas]; **(b)** [espigas]; **(c)** [espigas]⁴⁸.

“Ha upéi katu nhande py tu’uha áry-py oho ogwata Hesu. **Trigoty** mby te-rupi oho ogwata. Ha hemimbo’e kwéry katu ivare’a a-ma oho-vy. Upéa-gwi oipo’o-ma oho-vy trigo rope ho’u hagwã”.

(a) “Naquela época, Jesus passou pelas searas, no sábado. Seus discípulos ficaram com fome e principiaram a arrancar *espigas* e a comer”.

(b) Naquele tempo passou Jesus pelas searas, em um sábado; e os seus discípulos, tendo fome, começaram a colher *espigas*, e a comer.

(c) Poucos dias depois, num sábado, Jesus estava atravessando uma *plantação de trigo*. Os seus discípulos estavam com fome e por isso começaram a colher *espigas* e a comer os *grãos de trigo*.

A palavra “trigoty”, usada na versão bíblica kaiwá, origina-se de “trigo”, do português, embora as versões bíblicas analisadas usem a palavra “espigas”, de sentido genérico. Quando a tradutora utiliza o lexema “trigo”, logo nos perguntamos por que ela não utilizou a palavra milho, já que o milho é bem mais conhecido pelos índios do que o trigo. Supomos que a resposta esteja ligada à agricultura praticada da região em que vivem, visto que, nesse território, a cultura do milho foi substituída pelas de trigo e soja.

O sufixo **-ty**, segundo Bridgeman (2002), significa “plantação, amontoado, acumulação”. Cardoso (2008, p. 70) explica o {-ti} como ‘coletivo ou abundancial’. [pakowa'ti] banana - coletivo - ‘bananal’. Assim, o acréscimo do sufixo **-ty** à palavra “trigo” transmite, ao contexto, o significado de ‘plantação de trigo’, alterando o sentido da palavra emprestada do português, “trigo”. Assim, ressaltamos que o acréscimo do sufixo **-ty** caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno sintático por derivação sufixal, no entanto o vocábulo também pode ser classificado como neologismo por empréstimo semântico por apresentar uma adaptação ou mudança de significado, o que o caracteriza como empréstimo semântico por adaptação de sentido.

⁴⁸ Note-se que, na terceira versão apresentada, o tradutor utiliza-se das expressões: “*plantação de trigo*” e “*grãos de trigo*”, e estas, além de não serem citadas nas duas versões anteriores, caracterizam exatamente o lexema apresentado na versão bíblica em Kaiwá, “trigoty”, significando “plantação de trigo” em uma tradução literal.

2. **Uvaty (Marcos 12:1)**, do português **uva**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [vinhedo]; (b) [vinha]; (c) [plantação de uvas]**⁴⁹.

Ha upéi katu Hesu omombe'u jevy judeu ruvixa kwéry-pe. Arandu rehegwa nhe'ẽ uvaty rehegwa-rami omombe'u:

--- Oĩ va'ekwe uva onhotỹ va'ekwe. Oho onhotỹ uva ojapo hagwã **uvaty**. Upéi ogweroajere imboty-vy. Ojo'o itakwa hykwere ryrurã. Omboyvate ojeupi hagwã orepara hagwã. Upéi ijáry oiporuruka omba'apo va'erã-pe. Hi'aju ramo, oipota omboja'o yva ojeupe. Há upe rire katu oho mombyry. Tetã ambue-py oho.

(a) Principiou também a falar-lhes com ilustrações: “Um homem plantou um **vinhedo** e pôs uma cerca em volta dele, e escavou um recipiente para o lagar, e erigiu uma torre, e o arrendou a lavradores, e foi viajar para fora.

(b) E começou a falar-lhes por parábolas: Um homem plantou uma **vinha**, e cercou-a de um valado, e fundou nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra;

(c) Depois, Jesus começou a falar por meio de comparações. Ele disse:

--- Certo homem fez uma **plantação de uvas** e pôs uma cerca em volta. Construiu um tanque para esmagar as uvas e fazer vinho, e uma torre para vigiar tudo. Em seguida, arrendou a plantação para alguns lavradores e foi viajar.

A palavra “uvaty”, do kaiwá, origina-se de “uva”, do português, no entanto, nas versões bíblicas analisadas em português, os autores usam as palavras “vinhedo”, “vinha” e “plantação de uvas”.

Uva (português) + {-ti} = sufixo coletivo ou abundancial.

⁴⁹ Note que, na terceira versão apresentada, o tradutor usa a expressão: “*plantação de uvas*”. Esta, além de não ser citada nas duas versões anteriores, caracteriza exatamente o lexema apresentado na versão bíblica em Kaiwá, “uvaty”, significando ‘plantação de uvas’ em uma tradução literal.

3. Kanoagwasu (Mateus 13:2), do português **canoa**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [barco]; (b) [barco]; (c) [barco]**.

Ha heta eterei ijatypa typa henda-py. Upéa-gwi onhemboyru *kanoa/gwasu*-py íxugwi kwéry. Kanóa py-py ogwapy-ma. Ha ha'e kwéry ijaty va'e kente opyta rei yvy-py. Onhembo'y oĩ-vy y rembe-py hikwái.

- (a)** E ajuntaram-se a ele grandes multidões, de modo que entrou num *barco* e se assentou, e toda a multidão estava em pé na praia.
- (b)** E ajuntou-se muita gente ao pé dele, de sorte que, entrando num *barco*, se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia.
- (c)** A multidão que se ajuntou em volta dele era tão grande, que ele entrou num *barco* e sentou-se. E o povo ficou em pé na praia.

A palavra 'kanóa', do kaiwá, corresponde a um empréstimo da palavra "canoa", do português. O grafema <k> é utilizado em kaiwá para representar o que em português é representado pelo grafema <c>. Já o sufixo **-gwasu** é definido por Bridgeman (2002) como 'grande'; 'corpulento (desc)', justificando a derivação sufixal [-guasu] 'augmentativo'. Já no ponto de vista de Cardoso (2008, p. 62), [gwasu] é um adjetivo e não um sufixo.

No versículo traduzido em kaiwá, o vocábulo caracteriza-se como um empréstimo linguístico sintático por derivação sufixal: o substantivo feminino "kanoa" e o sufixo "-guasu" formam uma nova palavra, "Kanoa/gwasu". A palavra derivada pode ser traduzida como 'barco grande' ou 'canoa grande'.

4. Kurusugwasu (Mateus 26:2), do português **cruz**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [estaca]; (b) [crucificado]; (c) [crucificado]**.

Peikwaa mokõi áry rire oiko-ta aretegwasu héry va'e *páscoa*. Upe áry-py xe Nhande Ryke'y tee va'e *kurusugwasu-rehe* xe moĩ va'erã po-py xe me'ẽ va'erã xe reraha-vy xe juka uka hagwã, he'i ójehe, aretegwasu páscoa-rehe ave.

- (a) “Sabeis que daqui a dois dias é a *páscoa*, e o Filho do homem há de ser entregue para ser pregado numa *estaca*.”
- (b) Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o filho do homem será entregue para ser *crucificado*.
- (c) --- Vocês sabem que daqui a dois dias será comemorada a Festa da Páscoa, e o Filho do Homem será entregue para ser *crucificado*.

A palavra “kurusu”, do kaiwá, remete à ideia de “cruz”, no português, segundo o versículo analisado. O grafema <k> é utilizado em kaiwá para representar o que em português é representado pelo grafema <c>. Já o sufixo **-gwasu** é definido por Bridgeman (2002) como “grande; corpulento (desc)”.

No versículo traduzido em kaiwá, o vocábulo usado é um empréstimo linguístico por sufixação, na união do substantivo feminino “kurusu” que também pode ser tratado como um neologismo fonológico, pois há uma ressilabificação com o acréscimo do fone [u] entre os encontros consonatais [kr] e no final do item lexical. Soma-se a isso o acréscimo do sufixo “-guasu”, formando a palavra “Kurusu/gwasu”.

5.2.5 Derivação parassintética

A parassíntese pode ser definida como a junção simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base adjetiva ou substantiva para a formação de uma palavra nova.

De acordo com Alves (1994, p. 40), “as formações neológicas parassintéticas, em que o prefixo e o sufixo juntam-se simultaneamente a uma base nominal, não se apresentam com muita produtividade no português contemporâneo. Nesse processo, é fundamental que os dois afixos incorporem-se ao mesmo tempo à palavra-base”. No entanto, percebe-se que há uma proximidade entre as definições de *derivação prefixal e sufixal* e a *derivação parassintética*. A maneira mais fácil de estabelecer a diferença entre ambas é retirando-se o prefixo, ou o sufixo; se a palavra que sobrou da supressão de um ou outro afixo existir, será *derivação prefixal e sufixal*; caso contrário, será *derivação parassintética*.

1. Ndopagái (Mateus 17:27), do português **pagar**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [leva-a e dá-lha por mim e por ti]; (b) [toma-o, e dá-o por mim e por ti]; (c) [dará para pagar o meu imposto e o seu].**

Ha “Hesu *ndopagái imposto*, nopenái ra’e Nhandejáry roga-rehe” ndaipotáí he’i ra’e xe-rehe. Upéa-gwi ekwa tereho yugwarusu-py. Eity nde pinda erenohẽ hagwã pira. erenohẽ ypy va’e eipyhy pira ejurupe’a. Ijuru-py erejohu-ta peteĩ itaendy plata. Eraha ereme’ẽ hagwã oporombopaga va’e-pe. Xe-rehe, nde-rehe ave eme’ẽ íxupe, he’i Pedro-pe Hesu.

- (a) Mas, para que não os façamos tropeçar, vai ao mar, lança o anzol e toma o primeiro peixe apanhado, e, quando lhe abrires a boca, acharás uma moeda de estáter. *Leva-a e dá-lha por mim e por ti.*
- (b) Mas, para que os não escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, tira o primeiro peixe que subir, e, abrindo-lhe a boca, encontrarás um estáter; *toma-o, e dá-o por mim e por ti.*
- (c) Mas nós não queremos ofender essa gente. Por isso vá ao lago e jogue o anzol. Puxe o primeiro peixe que você pescar e encontrará na boca dele uma moeda que *dará para pagar o meu imposto e o seu. Depois vá pagar os nossos impostos.*

Para Taylor e Taylor (s/d, p. 4), o circunfixo {**nd-** -i} marca “negação”. O prefixo **o-** indica o “sujeito ele, ela da terceira pessoa do singular”.

Consideradas as reflexões de Givón (1936), podemos afirmar que o prefixo **o-** e o circunfixo {**nd-** -i} não são os responsáveis pelo fenômeno neológico de derivação prefixal apresentado no vocábulo em questão, no entanto o neologismo é justificável pelo empréstimo linguístico de um verbo com alteração morfossintática.

Esse exemplo apresenta um empréstimo sintático por derivação parassintética, com mudança de significado, ou seja, com adaptação semântica, pois o sentido apresentado no contexto sofre uma alteração. A tradução evidencia especificamente a ação de um pagamento de dívida [imposto] e não apresenta *negação* no contexto.

5.2.6 Composição

Enquanto a derivação envolve um afixo, que é um elemento estável, com função sintática ou semântica pré-determinada, o processo de composição envolve a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos e não há funções pré-determinadas no nível dos elementos, conforme conceitua Basilio (1991, p. 29). A composição é um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais e é definida como a formação de novas palavras a partir de dois ou mais radicais.

Na esteira de Alves (1994, p. 41), a formação de palavras pelo mecanismo da composição caracteriza-se de maneira bastante criativa:

[...] o processo da composição implica a justaposição de bases autônomas ou não-autônomas. A unidade léxica composta, que funciona morfológica e semanticamente como um único elemento, não costuma manifestar formas recorrentes, o que a distingue da unidade constituída por derivação. Revela um caráter sintático, subordinativo ou coordenativo.

Por fim, observamos que a estrutura da palavra caracteriza e define a função do processo de composição, ou seja, as bases unidas com o intuito de formar uma nova palavra possuem seu papel definido pela estrutura. Na composição por justaposição, os radicais não sofrem qualquer alteração em sua estrutura, ao passo que, na composição por aglutinação, pelo menos um dos radicais sofre alteração em sua estrutura.

1. Figo Máta (Marcos 11:13), do português **figo**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [figueira]; (b) [figueira]; (c) [figueira].**

Mombyry-gwi ohexa **figo máta** hogwe porã va'e. Oho ohexa: "Hi'a para'e" he'i oho-vy. Ha ogwahẽ ramo, ndahi'áiry íxupe. Hogwe rei oĩ. Ndaipóri figo. Ndaha'úi vyteri hi'aha Ary:

(a) E avistando de certa distância uma **figueira** que tinha folhas, dirigiu-se para ela, para ver se acharia nela algo. Mas, chegando-se a ela, não encontrou nada senão folhas, pois não era a estação dos figos.

- (b) E, vendo de longe uma *figueira* que tinha folhas, foi ver se nela acharia alguma coisa; e, chegando a ela, não achou senão folhas, porque não era tempo de figos.
- (c) Viu de longe uma *figueira* cheia de folhas e foi até lá ver se havia figos. Quando chegou perto, encontrou somente folhas porque não era tempo de figos.

A palavra “figo máta”, do kawaiá, do português “figo”, nos direciona à palavra “figueira”, do português. Considerando que a palavra “máta”⁵⁰ em kawaiá significa “tronco, caule, folha, árvore”, a junção do vocábulo “figo”, do português, à palavra “máta”⁵¹, um lexema próprio do kawaiá, leva-nos a um fenômeno neológico denominado empréstimo por composição, com características de hibridismo.

Observamos que o empréstimo do substantivo masculino “figo”, associado à palavra “mata”, forma uma nova palavra no kawaiá, “figo máta”. A tradução ao pé da letra desse item lexical é “figo árvore”; na tradução em português, a palavra utilizada é “figueira”, evidenciando que o contexto preserva o significado da palavra adotada, ou seja, ‘a árvore que produz o figo’. Figueira é um substantivo feminino que, segundo o dicionário Houaiss (2009), significa “árvore pequena, de casca lisa, cinzenta, e folhas lobadas, pela infrutescência, o figo, um sicônio piriforme, verde ou arroxeadado, com polpa doce e avermelhada, mundialmente consumido fresco, seco, em calda, cristalizado ou em doces”.

2. Uva máta (João 15:1), do português *uva*. Nas versões bíblicas em português: (a) [videira]; (b) [videira]; (c) [videira].

Upéi he’i jevy gwemimbo’e kwéry-pe Hesu:

--- Amombe’u-ta peẽ-my xe reheqwa nhe’ẽ uva máta reheqwa nhe’ẽ-rami. Uva máta tee va’e he’ise xe-rehe. *Uva máta* járy he’ise xe Ru-rehe.

(a) Eu sou a verdadeira *videira* e meu Pai é o lavrador.

⁵⁰ A definição da palavra *máta* apresentada foi obtida por intermédio de entrevistas com indígenas kawaiás, que trabalham na área de tradução do português para o Kawaiá.

⁵¹ Apenas como acréscimo de informação, o item lexical *Máta* está registrado em **Mat. 12:33**, do português *árvore*.

(b) Eu sou a *videira* verdadeira, e meu Pai é o lavrador.

(c) Jesus disse:

--- Eu sou a *videira* verdadeira, e o meu Pai é o lavrador.

A palavra “uva máta”, do kaiwá, do português “uva”, remete-nos à ideia de ‘videira’. Considerando que a palavra máta, em kaiwá, significa “tronco, caule, folha, árvore”, ocorre a junção do vocábulo “uva”, com a palavra **máta**, um lexema próprio do kaiwá, configurando o fenômeno neológico denominado empréstimo por composição.

O versículo traduzido em kaiwá apresenta o vocábulo como um empréstimo linguístico sintático por composição, resultante de duas bases: o substantivo feminino “uva” acrescido da palavra **máta** formam uma nova palavra “uva máta”. A tradução ao pé da letra desse item lexical é “uva árvore”; em português, a palavra utilizada é “videira”, evidenciando que o contexto preserva o significado da palavra adotada, ‘a árvore que produz a uva’, ou seja, ‘videira’, um substantivo feminino que, segundo o dicionário Houaiss (2009), significa: “design. comum às spp. e aos numerosos cultivares e variedades do gên. *Vitis*, da fam. das vitáceas, cultivados desde a Antiguidade por seus frutos, as uvas”.

Segundo Ullmann (1964, p. 192-193), “em muitos casos, uma palavra é motivada tanto morfológica como semânticamente”. Trata-se de uma “motivação mista”, ou seja, “é um composto transparente e, ao mesmo tempo, uma metáfora”.

Assim, de acordo com a declaração de Ullmann (1964), afirmamos que a expressão “uva máta” é motivada pela sua estrutura morfológica e também pela metonímia⁵² que a fundamenta: a parte dá o nome ao todo ou <<parte pelo todo>>.

5.3 Conversão (derivação imprópria)

A conversão pode ser definida como um processo sintático-semântico que consiste na mudança da categoria gramatical da palavra sem alterar-lhe a estrutura morfológica. Em face disso, a conversão está intimamente ligada à neologia semântica, que será abordada de uma forma mais abrangente no próximo item.

Basilio (1991, p. 60) ressalta que “o processo de transposição de uma palavra de uma classe gramatical para outra é tradicionalmente conhecido pelo nome de derivação

⁵² Segundo Ullmann (1964, p. 161-162), o grupo metonímico está “baseado em qualquer relação, que não a semelhança: a que há entre o inventor e a invenção, entre o produto e o lugar de origem, etc”.

imprópria”, ou conversão. Ainda do ponto de vista da autora, podemos ter conversões de adjetivo para substantivo e vice-versa, de verbo para substantivo e de adjetivo para advérbio.

Já Alves (1994, p. 60) argumenta que, por intermédio da derivação por conversão, forma-se uma nova palavra sem alterações na forma: “a conversão, também denominada derivação imprópria, designa um tipo lexical pelo qual uma unidade léxica sofre alterações em sua distribuição, sem que haja manifestação de mudanças formais”.

Segundo Ullmann (1964, p. 111), no processo chamado conversão, as palavras podem passar de uma classe para outra.

1. Ovale (Hebreus 9:16-17), do português valer. Nas versões bíblicas em português: **(a) [válido]; (b) [valor]; (c) [valor].**

Jaikove vyteri ramo, nhamoĩ kwatia-rehe nhane nhe’ẽ. Kiva’e va’e-pe pa opyta-ta Xe mba’e mba’ekwe já’e jahai-vy kwatia-rehe. Upe kwatia nhe’ẽ ne’irã vyteri *ovale* nhande jaiko jave. Ha nhamano rire katu, ipokatu-ma va’erã voi. Upéa-gwi kwatia upeixagwa ndovaléi ndajaikwaái ramo ihaihare omanoha. Jaikwaa tee-ma ramo ae, *ovale* voi.

(a) Pois, onde há um pacto, precisa ser provida a morte do pactuante [humano]. Porque um pacto é *válido* baseado em [vítimas] mortas, visto que nunca está em *vigor* enquanto o pactuante humano está vivo.

(b) Porque onde há testamento necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento tem *força* onde houve morte; ou terá ele algum *valor* enquanto o testador vive?

(c) Porque, onde há um testamento, é necessário provar que a pessoa que o fez já morreu. Pois o testamento não *vale* nada enquanto estiver vivo quem o fez; só tem *valor* depois da morte dessa pessoa.

O exemplo “ovale” é um caso específico de conversão: apresenta mudança de classe decorrente de prefixação: faz uma atribuição de valor do estático para o dinâmico. No entanto, nota-se que “ovale” também continua sendo verbo, mesmo sendo traduzido como

nome para o português: valer/válido/valor. Mantem-se o verbo no kaiwá, terceira pessoa no singular, um prefixo verbal “valer” no português e “ovale” no kaiwá evidenciando não ser uma conversão e sim um caso de flexão por prefixação no kaiwá.

Assim como o caso dos verbos “pagar” e “vender”, no kaiwá não há uma palavra que signifique “valor”. Diante disso, houve um empréstimo linguístico do verbo “valer”, do português, para “vale”, em kaiwá. Contudo, nas versões bíblicas analisadas em português, obtivemos as opções: “válido” (adjetivo) e “valor” (substantivo), no lugar de “valer” (verbo). Essas mudanças de classe gramatical evidenciam o fenômeno neológico de conversão.

Sabemos que, na língua kaiwá, o verbo sempre deve ocorrer prefixado pela marca de pessoa, no entanto observamos que não foi encontrada a palavra “vale” isoladamente. Esta aparece sempre acompanhada por prefixos; neste exemplo, observa-se a prefixação do morfema **o-** como justificativa da afirmação. Bridgeman (2002) afirma que o prefixo **o-** indica “o sujeito *ele, ela* da terceira pessoa do singular e *eles, elas* da terceira pessoa do plural”.

Além dos exemplos já citados, durante a análise dos dados foi possível encontrar outros exemplos de lexemas adotados pelo kaiwá provindos do português e adaptados pelo acréscimo de prefixos: **imenda** ‘casar’; **omenda** ‘casamento’⁵³; **onhembocristo** ‘Eu sou o Cristo’ e **inúmero** ‘número’.

5.4 Neologismo por empréstimos semânticos

Para Ullmann (1964, 342), “o empréstimo semântico será frequente quando houver um contato íntimo entre duas línguas, das quais uma sirva de modelo à outra”. Segundo o autor, a dificuldade está em determinar até que ponto uma língua pode influir na outra. Sabemos que a necessidade de um nome novo como causa da mudança semântica manifesta-se de três maneiras (1) podemos formar uma palavra nova a partir de elementos já existentes; (2) podemos importar um termo de uma língua estrangeira ou de qualquer outra fonte; (3) e, finalmente, podemos alterar o significado de uma palavra antiga. (ULLMANN, 1964, p. 436).

De acordo com Alves (1984, p. 123), segundo o critério semântico, “a instalação do termo estrangeiro ocorre quando tal elemento introduzido na língua receptora com um

⁵³ Espíndola (2002) afirma que a palavra “menda” origina-se de juntar, morar juntos, casar.

único significado, torna-se polissêmico”. Dessa forma o processo de formação do *neologismo semântico* pode ser caracterizado como um empréstimo de significado, pois constitui-se de palavras já existentes, porém utilizadas com novas construções e significações.

Já para Barbosa (1996), a neologia semântica é “definida como o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico”, que passa a exercer a função de nova unidade de significação. Enfim, “as neologias semânticas aparecem, quando se empregam signos já existentes no código, em combinatórias inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado” (BARBOSA, 1996, p. 202-203).

Os neologismos semânticos não sofrem modificações no nível do significante. Enquanto a neologia fonológica cria um item lexical cujo significante é total ou parcialmente inédito, a neologia semântica é processada sem nenhuma mudança formal, ou morfofonológica, ocorrendo apenas uma significação nova para o mesmo segmento fonológico. Nesse caso, não temos um novo significante, e sim um novo significado atribuído ao mesmo significante, sem perda do significado original, em combinatórias inéditas com outros signos.

Segundo Carvalho (1989, p. 29), “necessidades novas são as causas mais frequentes para iniciar uma alteração semântica”, no entanto forma-se uma palavra por neologismo semântico quando se dá um novo significado, somado ao que já existe. Ainda segundo a autora, a forma de estruturação do léxico em campos semânticos é definida de duas maneiras: como campo semântico da palavra, “que engloba todos os sentidos e conotações da palavra e se situa do lado do receptor” e como campo semântico da noção, “que engloba todos os termos a ela ligados”. (CARVALHO, 1989, p. 31),

Ainda da perspectiva da autora, afirmamos que “o aspecto semântico está ligado às dificuldades de tradução, pois quando se traduz algo ou se faz um empréstimo linguístico transfere-se algo de um sistema linguístico e cultural para outro, onde nem todos os traços coincidem”. Nessa transferência, as transformações de natureza semântica perdem-se ou modificam-se muito; “a semelhança de forma leva o falante a tomá-lo num sentido novo, diverso ou inverso ao sentido original” (CARVALHO, 1989, p. 51).

Assim, o neologismo semântico ocorre quando há “mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica” (ALVES, 1994, p. 62), e essa mudança corresponde a um novo recorte cultural. Os novos significados podem neutralizar os significados já existentes ou coexistir com eles, permitindo que novos e velhos significados convivam harmonicamente em um mesmo plano temporal.

Ullman (1964, p. 440) menciona a possibilidade de inclusão das mudanças semânticas em duas categorias: “as que se baseiam na associação entre os sentidos e as que envolvem uma associação entre os nomes”, no interior das quais pode ocorrer outra divisão: as associações por semelhança e as associações por contiguidade. Desses “dois pares de critérios”, continua o autor, emergem “quatro tipos principais de mudança semântica”. (ULLMANN, 1964, p. 440), a saber:

1) Semelhança de sentidos (metáfora) – “meio de preencher lacunas no vocabulário”, entre outras funções. Uma das manifestações da metáfora é a transposição do concreto ao abstrato.

2) Contiguidade de sentidos (metonímia), ou associações e “transferências metonímicas”, que podem basear-se em relações “espaciais” (proximidade física), relações temporais (antes x depois), que muitas vezes envolvem a relação parte pelo todo (ou vice-versa). Também são comuns as relações de contiguidade entre autor e obra, concreto e abstrato, e nos casos em que “o nome de uma ação designará o seu resultado, o nome de uma qualidade, a pessoa ou o objeto que a exhibe”. (ULLMANN, 1964, p. 458).

3) Semelhança de nomes (etimologia popular)

4) Contiguidade de nomes (elipse): transposição de classe ou “mudanças drásticas” de significado. (ULLMANN, 1964, p. 463).

Essas mudanças semânticas não são sempre casuais; às vezes há um modelo ou regularidade, porém não é fácil determinar onde estaria essa regularidade.

Há que se considerar, ainda, os casos em que ocorre a extensão ou restrição do âmbito do significado. São causas da restrição: especialização do significado, eufemismo (tabu), elipse, preenchimento de lacuna ao vocabulário. Já a extensão do significado (assim como a restrição) deriva de fatores sociais: do uso limitado para uso comum, da necessidade de termos generalizantes, de preconceitos.

1. Trigo (1 Timóteo 5:18), do português **trigo**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [debulha o grão]; (b) [debulha]; (c) [pisando o trigo]**.

Upéixa he’i Nhandejáry kwátia nhe’ê: “Vaka *trigo*-rehe eremopyrũ ramo, omoha’yi hagwã ani erejoko katu ijuru. Eheja katu to’u” he’i. Pono ovare’a reheve omba’apo, pono omba’apo rei omba’apo va’e,

he’i upéixa. He’i ave, “Omba’apo va’e-pe nhamé’ê íxupe imba’apo repy” he’i Nhandejáry kwatia nhe’ê.

- (a) Porque a escritura diz: “Não debes açaimar o touro quando *debulha o grão*”; também: “O trabalhador é digno do seu salário.”
- (b) Porque diz a Escritura: Não ligarás a boca ao boi que *debulha*. E: Digno é o obreiro do seu salário.
- (c) Porque as Escrituras Sagradas dizem: “Não amarre a boca do boi quando ele estiver *pisando o trigo*.” E dizem ainda: “O trabalhador merece o seu salário.”

O vocábulo “trigo” é utilizado como empréstimo linguístico do português “trigo” para corresponder a “grão”, de sentido genérico. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido.

A definição do dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dos significados tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução. O lexema “trigo” significa: “cereal mais usado na alimentação do homem desde a Antiguidade”. Essa definição ratifica a informação de mudança de sentido em relação à palavra “grão”, utilizada em português e que, segundo o dicionário Houaiss, significa: “fruto ou semente das gramíneas (como a cevada, o trigo, o milho etc.)”.

2. Oração (Filipenses 1:4-5), do português **oração**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [súplica]; (b) [oração]; (c) [oro]**.

Yma gwive pehendu ypy va’ekwe ãy peve peê xe pytygwõ tygwõ amosarambi porã hagwã Hesu rehegwa nhe’ê porã. Upéa-gwi avy’a meme Aiko-vy pende-rehe. Ajopo jave *oração* ajerure rure pende-rehe Nhandejáry-pe, atima ave íxupe pende-rehe.

- (a) Em toda *súplica* minha a favor de todos vós, ao oferecer a minha *súplica* com alegria, por causa da contribuição que fizestes para as boas novas, desde o primeiro dia até este momento.

- (b) Fazendo sempre com alegria *oração* por vós em todas as minhas *súplicas*. Pela vossa cooperação no evangelho desde o primeiro dia até agora.
- (c) E todas as vezes que *oro* em favor de vocês, *oro* com alegria por causa da maneira como vocês me ajudaram no trabalho de anunciar a Boa-Notícia do Evangelho, desde o primeiro dia até agora.

O vocábulo “oração” é empréstimo linguístico do português “oração”. Assim concebido, não se caracteriza a alteração de sentido. Se, no entanto, for considerada a palavra “súplica”, pode-se afirmar que, sem um correspondente em kaiwá, é substituída por um item lexical conhecido pelo povo, em face da convivência com os não índios.

O sentido de “ato ou efeito de suplicar; suplicação; pedido insistente e humilde, frequentemente desesperado; oração a Deus ou a um santo para se obter uma graça muito grande” (HOUAISS, 2009), contido em “súplica”, é suavizado pelo tradutor na escolha de “oração”, que, no contexto, equivale a ‘prece’ ou ‘reza’, itens conhecidos pelos kaiwá.

Entretanto, convém ressaltar que, embora esteja classificado como neologismo semântico, se considerarmos que o empréstimo linguístico ocorreu da palavra “oração” e não de “súplica”, esta mesma unidade lexical pode ser classificada como xenismo.

3. Capitão (Mateus 8:5), do português **capitão**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [oficial do exército]; (b) [centurião]; (c) [oficial romano]**.

Ha upéi katu ogwahẽ oho-vy Hesu Cafarnaum tetã-my. Upe-py oike rire ogwahẽ ou-vy iha-py *capitão, soldado* kwéry ruvixa va'e:

- (a) Quando entrou em Cafarnaum, veio a ele um *oficial do exército*, suplicando-lhe.
- (b) E, entrando Jesus em Cafarnaum, chegou junto dele um *centurião*, rogando-lhe,
- (c) Quando Jesus entrou na cidade de Cafarnaum, um *oficial romano* foi encontrar-se com ele e pediu que curasse o seu empregado.

O vocábulo “capitão”, usado na versão kaiwá, é um empréstimo linguístico do português “capitão”; trata-se de um neologismo semântico, uma vez que percebemos claramente a existência de uma alteração de sentido, sem alteração formal: como na cultura kaiwá não há exército, o tradutor usa “capitão”, palavra conhecida pelos kaiwás, como o líder da aldeia.

4. Coronel (Atos 21:33), do português **coronel**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [comandante militar]; (b) [tribuno]; (c) [comandante]**.

Upe rire *coronel* ogwahẽ ou-vy oipyhy Paulo-pe. He’i oipokwa hagwã íxupe mokõi ipo-rehe. Upéi oporandu upe-py oĩ va’e kwéry-pe:
 --- Kiva’e tipo kóa? Mba’éixa tipo héry? Mbava’e tipo ojapo ko va’e? he’i upe pygwa-pe.

- (a)** O **comandante militar** chegou-se então perto, agarrou-o e mandou que fosse amarrado com duas cadeias; e passou a indagar quem ele era e o que tinha feito.
- (b)** Então, aproximando-se o **tribuno**, o prendeu e o mandou atar com duas cadeias, e lhe perguntou quem era e o que tinha feito.
- (c)** Aí o **comandante** chegou perto de Paulo, prendeu-o e mandou amarrá-lo com duas correntes. Depois perguntou:
 --- Quem é este homem? O que foi que ele fez?

O vocábulo “coronel” é utilizado como empréstimo linguístico do português, na condição de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido, em relação à versão portuguesa do versículo citado.

Segundo Houaiss (2009), o lexema “coronel” significa: “posto superior do Exército e da Aeronáutica (hierarquicamente acima de tenente-coronel e abaixo de general de brigada, no Exército; acima de tenente-coronel-aviador e abaixo de brigadeiro do ar, na Aeronáutica); oficial que ocupa esse posto”, enquanto “comandante militar” (substantivo masculino) significa: “que comanda, que dá ordens a subordinados; dirigente; aquele que exerce um comando; título que se dá ao oficial que exerce o comando de um navio mercante

ou de uma aeronave comercial; título atribuído a oficiais de qualquer arma e patente quando em exercício de comando; na hierarquia militar de alguns países, posto equivalente ao de major nos exércitos do Brasil e Portugal; o oficial que tem qualquer desses postos”.

Pode-se inferir que, na escolha de “coronel”, há, em relação a “comandante militar”, não só a explicação do princípio de economia linguística, mas também o efeito de superioridade do militar, um princípio que, à época da tradução vigorava no Brasil do regime.

5. Polícia (Mateus 5:25), do português *polícia*. Nas versões bíblicas em português: **(a) [oficial de justiça]; (b) [oficial]; (c) [carcereiro].**

Embojoja mani katu nde-rehe ija'e'ÿha-pe peho jave mburuvixa happy. Ne'írã vyteri eregwahê jave, embojoja ranhe katu NE nhe'ê nde rapixa ndive erembovy'a jevy hagwã íxupe. Nerembojojái ramo íxupe, ne me'ê arã mburuvixa po-py. Upéi mburuvixa ne me'ê va'erã *polícia* po-py. Upéi nde reja va'erã preso.

- (a)** Resolve prontamente os assuntos com aquele que se queixa de ti em juízo, enquanto ainda estás com ele em caminho para lá, para que, de algum modo, o queixoso não te entregue ao juiz, e o juiz, ao *oficial de justiça*, e sejas lançado na prisão.
- (b)** Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele, para que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao *oficial*, e te encerrem na prisão.
- (c)** --- Se alguém fizer uma acusação contra você e levá-lo ao tribunal, faça amizade com essa pessoa enquanto há tempo, antes de chegarem lá. Porque, depois que você chegar ao tribunal, será entregue ao juiz o entregará ao *carcereiro*, e você ficará preso.

O vocábulo “polícia” é um empréstimo linguístico do português “polícia”. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido, sem alteração morfofonológica no lexema da língua-fonte. Como na cultura kaiwá não existe a figura do

“oficial de justiça”, o tradutor opta por um item lexical conhecido pelos kaiwás e usa-o com sentido genérico: de todo pela parte.

Importa considerar que as definições do dicionário Houaiss (2009) auxiliam na compreensão dos significados tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução. A palavra “polícia” é um substantivo masculino que significa: “indivíduo que pertence à polícia; policial”. Essa definição comprova a afirmação de mudança de sentido em relação a “oficial de justiça”, expressão utilizada na tradução em português que significa “a designação genérica dos magistrados e outros funcionários judiciais. Hoje em dia, dá-se a designação específica de ‘oficial de justiça’ a um grupo profissional de funcionários judiciais”.

6. Soldado:

(1) **Soldado (Mateus 5:41)**, do português **soldado**. Nas versões bíblicas em português: (a) [alguém sob autoridade]; (b) [qualquer]; (c) [soldados estrangeiros].

“Eraha katu areko va’e peteĩ quilômetro” he’i ramo nde-vy peteĩ **soldado** omanda-vy, ejapo katu inhe’ê. Ejapove joty inhe’ê. Eraha joty katu ogwereko va’e mokõi quilômetro.

(a) E, se *alguém sob autoridade* te obrigar a prestar serviço por mil passos, vai com ele dois mil.

(b) E, se *qualquer* te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

(c) Se um dos *soldados estrangeiros* forçá-lo a carregar uma carga um quilômetro, carregue-a dois quilômetros.

(2) **Soldado (Mateus 22:7)**, do português **soldado**. Nas versões bíblicas em português: (a) [exércitos]; (b) [exércitos]; (c) [?].

Ha mburuvixagwasu ogweropoxy eterei-ma upe hembiaipo vai vai va’ekwe-rehe. Omondo **soldado** kwéry hese ogweru hagwã hereko asy uka-vy. Ojuka hagwã gwĩ oporojuka va’ekwe-pe, omondo heko heko há-rupi ohapy hagwã.

- (a) “O rei, porém, ficou furioso e enviou os seus *exércitos*, e destruiu aqueles assassinos e queimou a cidade deles.
- (b) E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus *exércitos*, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.
- (c) O rei ficou com tanta raiva, que mandou matar aqueles assassinos e queimar a cidade deles.

(3) **Soldado (Filipenses 1:13)**, do português **soldado**. Nas versões bíblicas em português: (a) [Guarda Pretoriana]; (b) [Guarda Pretoriana]; (c) [guarda do palácio].

Cristo-rehe ha-py xe xe moïha *preso* opa-rupi ojekwaa. Ojehexa uka porã entéro *soldado* mburuvixagwasu nhangarekoha-pe.

- (a) De maneira que as minhas *cadeias* se têm tornado conhecimento público, em associação com Cristo, entre toda a *Guarda Pretoriana* e todos os demais;
- (b) De maneira que as minhas prisões em Cristo foram manifestas por toda a *guarda pretoriana*, e por todos os demais lugares;
- (c) Pois foi assim que toda a *guarda do palácio* e todos os outros souberam que estou na prisão porque sou servo de Cristo.

O vocábulo “soldado” é utilizado em kaiwá como empréstimo linguístico do português “soldado”, sob a forma de um neologismo semântico, em que a parte (soldado), específica, representa o todo, genérico (alguém sob autoridade, exércitos e guarda pretoriana).

A definição do dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dos significados: a palavra “soldado” significa: ‘homem das armas; guerreiro militar que ocupa o mais baixo grau da hierarquia das Forças Armadas e das Forças Auxiliares’. Essa definição ratifica a informação de mudança de sentido em relação à sentença “alguém sob autoridade”, que nos remete a uma pessoa que obtém o direito ou poder de ordenar, de decidir, de atuar, de se fazer obedecer, que, para o kaiwá, pode ser “soldado”, termo bem mais objetivo que “alguém sob autoridade”. A mesma explicação pode ser feita para a alteração de sentido com a palavra ‘exércitos’, que nos remete a “força armada de uma nação, destinada a fazer a

guerra em terra; grande unidade de forças terrestres que compreende várias divisões; conjunto de tropas que entram num combate; grande porção de pessoas; legião”, e para a sentença “Guarda Pretoriana”⁵⁴, que significa “relativo ou pertencente à guarda dos imperadores da Roma antiga”, conhecimento muito distante da realidade dos kaiwá.

Nota-se que o único traço semântico mantido das versões bíblicas na palavra “soldado” é o de “autoridade”. Uma hipótese a ser destacada é que, como a tradução foi realizada durante o período da ditadura⁵⁵, existiu uma forte tendência à relação com a questão militar.

7. Preso:

(1) **Preso (Romanos 16:7)**, do português **preso**. Nas versões bíblicas em português: (a) [cativeiro]; (b) [prisão]; (c) [prisão].

Amombe’u uka-ta ave Andrônico-pe Júnias ndive. Ha’e xe rugwy re’yí tee voi. **Preso** ãi ramo xe moirũ-ma va’ekwe upe-py. Hesu remimondo upéa. Enterove mandu’a porãha. Voive ogwerovia-ma va’ekwe Cristo-pe xe renonde-py. Hapykwéri-ma xe ajerovia va’ekwe Hesu-rehe.

(a) Cumprimentai Andrônico e Júnias, meus parentes e meus companheiros de **cativeiro**, que são homens notáveis entre os apóstolos e que têm estado em união com Cristo por mais tempo do que eu.

(b) Saudai a Andrônico e a Júnia, meus parentes e meus companheiros na **prisão**, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo.

⁵⁴ “Guarda pretoriana” do (latim: *Praetoriani*) era o grupo de legionários experientes encarregados da proteção do *praetorium*, parte central do acampamento de uma legião romana, onde ficavam instalados os oficiais. Com a tomada do poder por Otaviano, transformou-se na guarda pessoal do imperador.

⁵⁵ A versão impressa utilizada nesta pesquisa é datada de 1986, no entanto a missionária Loraine Irene Bridgeman inicia a tradução da bíblia em kaiwá em 1956; em 1960, recebe a ajuda da família Taylor na tradução e, em 1985, finaliza seu trabalho. Essas datas deixam evidente que foi exatamente durante o período de ditadura que a missionária desenvolveu seu trabalho, e esta pode ser a justificativa de muitas palavras utilizadas na tradução com características do período da ditadura militar, iniciado em 31 de março de 1964.

(c) Abraços a Andrônico e a Júnias, meus patrícios judeus, que estiveram comigo na *prisão*. Eles são bem conhecidos entre os apóstolos e se tornaram cristãos antes de mim.

(2) **Preso (Efésios 6:20)**, do português **preso**. Nas versões bíblicas em português: (a) [cadeias]; (b) [cadeias]; (c) [prisão].

Upe va'e-rehe apyta *preso*. Ajepokwa ramo jepe xe sã-rehe aĩ-vy, amombe'u joty inhe'ẽ. Hesu Cristo réry-py amombe'u mbe'u inhe'ẽ. Ejapo oração xe-rehe atĩ e'ỹ reheve amombe'u joty hagwã, Cristo ombou gwekovía onhe'ẽ mombe'u hagwã va'e-rami joty amombe'u hagwã.

- (a) Para as quais atuo como embaixador em *cadeias*; para que, em conexão com ele, eu fale com denodo assim como devo falar.
- (b) Pelo qual embaixador em *cadeias*; para que possa falar dele livremente, como me convém falar.
- (c) Eu sou o embaixador a serviço desse Evangelho, mesmo estando agora na *prisão*. Portanto, orem para que eu seja corajoso e anuncie essa mensagem como devo anunciar.

(3) **Preso (Hebreus 13:23)**, do português **preso**. Nas versões bíblicas em português: (a) [foi livrado]; (b) [solto]; (c) [já saiu da prisão].

Timóteo rehegwa nhe'ẽ amombe'u-ta peẽ-my. *Preso* onhemoĩ há-gwi, osẽ jevy-ma oho-vy. Pya'e ogwahẽ ou-vy ramo xe ha-py araha-ta íxupe. Pende ha-py aha ramo, araha-ta íxupe ave.

- (a) Tomai nota de que o nosso irmão Timóteo *foi livrado*, sendo que vos verei junto com ele, se vier em breve.
- (b) Sabei que já está *solto* o irmão Timóteo, com o qual (se vier depressa) vos verei.

- (c) Quero que saibam que o nosso irmão Timóteo *já saiu da prisão*.
Se ele vier logo, eu o levarei comigo quando for ver vocês.

(4) **Preso (Efésios 3:1)**, do português **preso**. Nas versões bíblicas em português: (a) [prisioneiro]; (b) [prisioneiro]; (c) [prisioneiro].

Upe va'e-rehe ajapo-ta *oração* Nhandejáry-pe pende-rehe. Xe Paulo Cristo-rehe ha-py anhemoi ave va'e *preso*. Peẽ ore kwéry e'ỹ-rehe happy, anhemoi va'e *preso*. Anhemoi ramo jepe, ajapo-ta joty *oração* Nhandejáry-pe pende-rehe.

- (a) Por causa disso, eu, Paulo, o *prisioneiro* de Cristo Jesus em benefício de vós, as pessoas das nações —
(b) Por esta causa eu, Paulo, sou o *prisioneiro* de Jesus Cristo por vós, os gentios;
(c) Por essa razão eu, Paulo, que sou *prisioneiro* de Cristo Jesus por amor a vocês, os não-judeus, oro a Deus.

(5) **Preso (Mat. 18:30)**, do português **preso**. Nas versões bíblicas em português: (a) [prisão]; (b) [prisão]; (c) [prisão].

Ha ndoiporiahuverekovéi-ma íxupe. Omoi uka *preso* opagaha óra peve.

- (a) No entanto, ele não estava disposto, mas foi e mandou lançá-lo na *prisão*, até que pagasse de volta o que devia.
(b) Ele, porém, não quis, antes foi encerrá-lo na *prisão*, até que pagasse a dívida.
(c) --- Mas ele não concordou. Pelo contrário, jogou o outro na *prisão* até que pagasse a dívida.

A exemplo do que ocorreu com o vocábulo “moeda”, uma mesma unidade lexical, no caso “preso”, foi empregada, de acordo com diferentes versões bíblicas, em contextos e

com significados diversificados. O item lexical “preso” é utilizado como empréstimo linguístico do português, sob a forma de um neologismo semântico.

A palavra “preso”, segundo Houaiss (2009), significa: “encerrado num local fechado; impedido de se movimentar com liberdade; tolhido; fixado ou unido a outra coisa; colado, ligado, atado; ligado psicológica ou espiritualmente; extremamente impressionado pelas qualidades de alguém ou algo; obcecado, enleado; interessado vivamente por (algo ou alguém); fixo; diz-se de forma linguística que jamais ocorre na fala sem se unir a outra(s) [p.ex., *cant-* (raiz de *canto*, *cantar* etc.)]; indivíduo encarcerado numa prisão; indivíduo detido ou capturado por agentes da autoridade policial ou judicial para procedimento posterior”. Já o vocábulo “cativeiro”, usado em português, significa “qualidade ou estado de quem se acha cativo; lugar em que alguém se encontra cativo; prisão, clausura; escravidão, servidão; opressão ou prisão moral ou espiritual; domínio”. Assim, pelo uso de “preso”, perde-se a noção de lugar e enfatiza-se o sujeito.

Nesse sentido, comprova-se que a tradução é de certa maneira, uma prática subjetiva e, por isso mesmo, pode variar de acordo com a interpretação do tradutor ou mesmo a época em que foi realizada.

8. Trinta e sete metro (Atos 27:28), do português **trinta e sete metros**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [vinte braças]; (b) [vinte braças]; (c) [trinta e seis metros]**.

Upéa-gwi oikutu y rye py imbogwejy-vy oikwaa hagwã hypyha:
Trinta e sete metro nipo ra'e, he'i oikwaa ramo. Oho vyteve.

- (a)** E sondando a profundidade, acharam-na de *vinte braças*; passaram assim uma curta distância e fizeram de novo sondagem, e acharam-na de *quinze braças*.
- (b)** E, lançando o prumo, acharam *vinte braças*; e passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam *quinze braças*.
- (c)** Então jogaram no mar uma corda com um peso na ponta e viram que a água ali tinha *trinta e seis metros* de fundura. Mais adiante tornaram a medir, e deu *vinte e sete metros*.

O sintagma “trinta e sete metro” é utilizada em kaiwá como empréstimo do português. Ao traduzir para o kaiwá, o tradutor terá considerado o fato de a palavra “braças”, como unidade de medida, estar em desuso no português e optou por adaptá-la, por meio de sua “tradução” para o português atual.

O dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dos significados, tanto da expressão emprestada quanto da adotada na versão portuguesa. A palavra “metro” significa: “unidade de medida de comprimento do Sistema Internacional de unidades (SI), definida como a distância percorrida pela luz, no vácuo, durante um intervalo de tempo, e que corresponde a uma fração de 1/299.792.458 do segundo [símb.: *m*]”, ao passo que “braças” corresponde a “antiga medida (ainda em uso no Brasil), com variações de país para país, equivalente à extensão que vai de um punho ao outro, ou da extremidade de uma mão aberta à outra, ou da ponta de um polegar em abdução ao outro, num adulto com os braços estendidos horizontalmente para os lados (em Portugal e no Brasil, 2,2 m lineares); medida de comprimento anglo-saxônica equivalente a 2 jardas (1,829 m) [Ainda em uso para indicar profundidade nas sondagens de marinha.]”.

Considerando o que foi exposto, compreendemos que o acervo lexical de todas as línguas vivas sempre se renova, porque o léxico é um sistema aberto e em constante evolução; enquanto algumas palavras caem em desuso, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada. (ALVES, 1994). Isso pode ser comprovado observando o item lexical “braças”, já não mais usado pela população em geral, quando se refere a unidade de medida, sendo substituído pela palavra “metro”, embora o dicionário Houaiss (2009) ainda afirme ser uma construção ainda em uso em algumas partes do Brasil.

O mesmo pode ser comprovado na utilização da unidade lexical “denário”, que será abordada adiante.

9. Dois mil e duzentos quilômetros (Apocalipse 21:16), do português dois mil e duzentos quilômetros. Nas versões bíblicas em português: **(a) [doze mil estádios]; (b) [doze mil estádios]; (c) [dois mil e duzentos quilômetros].**

Ipekwe-rami joty ipukukwe. Upe Nhandejáry rembigwái oipapa ramo oyvyra ramigwa-py otopa hese:

--- *Dois mil e duzentos quilômetros* ipukukwe, he’i hese.

Ha ipekwe ijyvatekwe ave peteĩxante ave. Ijyvatekwe-py ave ogwereco dois mil e duzentos ave.

- (a) E a cidade é quadrada, e o seu comprimento é tão grande como a sua largura. E ele mediu a cidade com a cana, *doze mil estádios*; o comprimento, e a largura, e a altura dela são iguais.
- (b) E a cidade estava situada em quadrado; e o seu comprimento era tanto como a sua largura. E mediu a cidade com a cana até *doze mil estádios*: e seu comprimento, largura e altura eram iguais.
- (c) A cidade era perfeitamente quadrada, pois tinha o comprimento igual à largura. O anjo mediu a cidade com a vara, e viu que media *dois mil e duzentos quilômetros*. O seu comprimento, largura e altura são iguais.

O sintagma “dois mil e duzentos quilômetros” é utilizada como empréstimo linguístico do português para corresponder ao “original” “doze mil estádios”, pelas mesmas razões por que se usou “metros” em lugar de “braças”: “estádios” não é, no português atual, uma expressão corrente, como unidade de medida.

Pela definição do dicionário Houaiss (2009), o lexema “quilômetros” significa: “medida de comprimento correspondente a mil metros [símb.: *km*]”, enquanto “estádios”, utilizado em português, significa: “antiga medida de distância grega, equivalente a 125 pés geométricos, ou seja, 206,25 m”.

10. Duzentos milhões (Apocalipse 9:16), do português **duzentos milhões**. Nas versões bíblicas em português: (a) [duas miríades de miríades]; (b) [duzentos milhões]; (c) [duzentos milhões].

Ahendu ave onhendu ramo kavaju heta eta reheve ou va'e. *Duzentos milhões* ou va'e.

- (a) E o número dos exércitos de cavalaria era de *duas miríades de miríades*: ouvi o número deles.
- (b) E o número dos exércitos dos cavaleiros era de *duzentos milhões*; e ouvi o número deles.

(c) E ouvi o barulho das tropas; eram *duzentos milhões* de cavaleiros.

O sintagma “duzentos milhões” é utilizada em kaiwá como empréstimo linguístico do português. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido em relação à expressão “duas miríades de miríades” que consta na versão do versículo citado.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), o lexema “milhões” significa: “mil milhares (10); grande quantidade, grande número; quantia muito elevada”, enquanto “miríades” significa: “número, grandeza, correspondente a dez mil; quantidade indeterminada, porém considerada imensa”.

Nota-se que as funções são similares, mas mesmo assim, o item lexical sofre alteração de significado; há no mínimo, uma hipérbole, assim como na língua fonte.

Novamente, convém ressaltar que, a exemplo do que ocorreu com o item lexical “oração”, assim como nas construções “sessenta e quatro metro”, “milhões” e “domingo”, (exemplos apontados mais adiante), mesmo classificado como neologismo semântico, se considerarmos que o empréstimo linguístico ocorreu das palavras originais do português, essas mesmas unidades lexicais podem ser classificadas como xenismo.

11. Sessenta e quatro metro (Apocalipse 21:17), do português **sessenta e quatro metros**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [cento e quarenta e quatro côvados]; (b) [cento e quarenta e quatro côvados]; (c) [sessenta e quatro metros de largura]**.

Oipapa ave ijokoha ha otopa *sessenta e quatro metro* ipekwe
Nhandejáry rembigwái yváy pygwa kwéry oipapaha-rami.

(a) Ele mediu também a sua muralha, *cento e quarenta e quatro côvados*, segundo a medida de homem, sendo também a de anjo.

(b) E mediu o seu muro, de *cento e quarenta e quatro côvados*, conforme à medida de homens, que é a dum anjo.

(c) O anjo mediu também a muralha e viu que tinha *sessenta e quatro metros de largura*⁵⁶, conforme as medidas comuns que o anjo estava usando.

⁵⁶ Largura; ou altura.

O sintagma “sessenta e quatro metro” é utilizada como empréstimo linguístico do português para corresponder ao “original” “cento e quarenta e quatro côvados”, pelas mesmas razões por que se usou “metros” em lugar de “braças”: “côvados” não é, no português atual, uma expressão corrente.

A definição do dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dos significados tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução: “metro” significa: “unidade de medida de comprimento do Sistema Internacional de unidades (SI), definida como a distância percorrida pela luz, no vácuo, durante um intervalo de tempo, e que corresponde a uma fração de 1/299.792.458 do segundo [símb.: *m*]”; “côvados” equivale a “cúbito; medida de comprimento equivalente a 66 cm”.

Nota-se que as funções são similares, mas, mesmo assim, o item lexical sofre alteração de significado e esta caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno semântico.

12. Milhões (Mateus 18:24), do português **milhões**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [dez mil talentos, sessenta milhões de denários]; (b) [dez mil talentos]; (c) [milhões de moedas de prata]**.

Ohenói rire gwembigwái upe mburuvixagwasu, ou ijáry há-py peteĩ hembigwái heta eterei oreve va’e, heta *milhões* oreve va’e.

(a) Quando começou a ajustá-las, trouxeram-lhe um homem que lhe devia *dez mil talentos [sessenta milhões de denários]*.

(b) E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia *dez mil talentos*;

(c) Logo no começo trouxeram um que lhe devia *milhões de moedas de prata*.

O vocábulo “milhões” é utilizado como empréstimo linguístico do português “milhões”. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido, em que a palavra corresponde a “dez mil talentos”, “sessenta milhões de denários” e “milhões de moedas de prata” das versões analisadas.

Podemos afirmar que, apesar de ortograficamente os lexemas permanecerem idênticos no processo de adoção da palavra, há uma mudança de sentido e esta caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno semântico.

13. Banco (Mateus 25:27), do português **banco**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [banqueiros]; (b) [banqueiros]; (c) [banco]**.

Aipo ramo, ma'erã nerenhongatúiry xe mba'e banco-py? Ma'erã neremoĩry ojeporu hagwã-py **banco** pygwa kwéry oiporu hagwã. Aipo ramo, xe aju jevy ramo, ome'ẽ jevy-vy xe-vy, hetave ome'ẽ arã mo'ã xe-vy" he'i upe peteĩ ome'ẽ íxupe va'ekwe-pe.

(a) Pois bem, devias ter depositado meu dinheiro de prata junto aos **banqueiros**, e, na minha chegada, eu estaria recebendo o meu com juros.

(b) Devias então ter dado o meu dinheiro aos **banqueiros**, e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros.

(c) Por isso você devia ter depositado o meu dinheiro no **banco**, e, quando eu voltasse, o receberia com juros.

Podemos afirmar que o fato de a tradutora não utilizar “banqueiros” em kaiwá pode decorrer de alguma incompatibilidade sintática, ou até mesmo porque, ao sufixo -eiro, não há uma correspondência em kaiwá, porém também é possível que “banco” esteja mais próximo da realidade kaiwá.

No dicionário Houaiss (2009), a palavra “banco” é definida como um “estabelecimento ou sociedade mercantil de crédito, que tem por objetivo receber depósitos de dinheiro em conta-corrente, aplicar capital, realizar empréstimos, operar em câmbio etc.” Já a palavra “banqueiros”, utilizada em português, significa: “aquele que é proprietário de um banco; um indivíduo com a função de diretor num banco; aquele que executa operações bancárias”.

Ortograficamente, os lexemas permanecem idênticos no processo de adoção da palavra, mas há uma mudança de sentido e esta caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno semântico.

14. Erva doce (Mateus 23:23), do português **erva-doce**. Nas versões bíblicas em português: (a) [endro]; (b) [endro]; (c) [erva-doce].

Upéi he'i jevy judeu rekombo'ehaty kwéry ndive fariseu kwéry-pe:
 --- Apomboasy peẽ-my. Pehasa asy va'erã, peẽ pende py'a ky'aha pemo'ã kwaa va'e. Heta oĩ pene remityĩ ikarape va'e. Oĩ hortelã, oĩ *erva doce*, oĩ cominho. Upéa pene remi'urã ndive pene remimbojehe'arã pembohe porã hagwã tembi'u.

- (a) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque dais o décimo da hortelã, e do *endro*, e do cominho, mas desconsiderastes os assuntos mais importantes da Lei, a saber, a justiça, a misericórdia e a fidelidade. Estas eram as coisas obrigatórias a fazer, sem, contudo, desconsiderar as outras.
- (b) Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! Pois que dizimais a hortelã, o *endro* e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém fazer estas coisas, e não omitir aquelas.
- (c) --- Ai de vocês, professores da lei e fariseus, hipócritas! Pois dão a Deus a décima parte até mesmo da hortelã, da *erva-doce* e do cominho, mas deixam de obedecer aos ensinamentos mais importantes da Lei, como a justiça, a bondade e a obediência a Deus. Vocês deviam fazer estas coisas, sem desprezar aquelas.

É possível que hoje (ou na região) não haja “endro”. E, se houver, não é conhecido. Então, o tradutor buscou um correspondente que fosse do domínio dos kaiwá.

Segundo Houaiss (2009), a palavra “erva doce” significa: “s.f. Planta herbácea da família das umbelíferas, também chamada *anis* e *anis-verde*, que tem muitos usos em culinária e na fabricação de licores; o mesmo que *funcho*”; já a palavra ‘endro’, usada em português, é um substantivo masculino, que, segundo o dicionário Houaiss (2009), significa: “m.q. **aneto** (*Anethum graveolens*), uma erva aromática também conhecida por aneto”. Em latim *Anethum graveolens* significa “cheiro forte” e também significa “calmaria”.

Para melhor esclarecer as diferenças que justificam o uso de “erva doce” em lugar de “endro”, buscamos apresentar seus significados de acordo com informações do senso comum. A erva doce é uma erva utilizada para chá, é digestiva, diurética, carminativa e expectorante, e o infuso das sementes facilita a digestão, alivia flatulência e cólicas intestinais, acalma excitação nervosa e insônia. Na área de cosméticos, a erva doce é utilizada pelas suas propriedades de remover impurezas, sob forma de sabonetes, suavizando a pele. Tem também efeito antirrugas. Já o chá da semente do **endro** é considerado um remédio excelente para prevenir pesadelos, para acalmar a pessoa na hora de dormir e evitar a insônia; “é muito usado na cozinha sueca, finlandesa e polonesa para aromatizar salmão e batatas novas. Tem um aspecto semelhante ao do funcho (erva doce), mas o sabor é muito diferente”⁵⁷.

De acordo com as definições apresentadas, nota-se que “erva endro” não é o mesmo que a “erva doce”. E essa mudança de sentido é o que caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno semântico.

15. Governo:

(1) **Governo (Lucas 5:27)**, do português **governo**. Nas versões bíblicas em português: (a) [coletoria]; (b) [recebedoria]; (c) [lugar onde eram pagos os impostos].

Upe rire-ma osẽ oho-vy. Ohexa plata-py **governo** pegwarã nhane mbopaga uka va’ety-pe. Héry va’e Levi. Ohexa íxupe ogwapy oĩ-vy nhane mbopaga haty-py. He’i íxupe:
 --- Eju, Xe moirũ, he’i íxupe.

- (a) Então, depois destas coisas, ele saiu e observou um **cobrador de impostos**, de nome Levi, sentado na **coletoria**, e disse-lhe: “Sê meu seguidor.”
- (b) E, depois disto, saiu, e viu um **publicano**, chamado Levi, assentado na **recebedoria**, e disse-lhe: Segue-me.
- (c) Depois disso Jesus saiu e viu um **cobrador de impostos**, chamado Levi, sentado no **lugar onde eram pagos os impostos**. Jesus lhe disse:

⁵⁷Informação disponível no dicionário online denominado “dicionário informal”.

--- Venha comigo.

(2) Governo (Mateus 10:3), do português **governo**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [cobrador de impostos]; (b) [publicano]; (c) [cobrador de impostos]**.

Oĩ ave Filipe Bartolomeu ndive. Oĩ Tomé Mateus ndive. Mateus nhane mbopaga uka va'ety plata-py **governo** pegwarã. Oĩ Alfeu ra'y Tiago. Oĩ Tadeu ave.

- (a)** Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o ***cobrador de impostos***; Tiago, [filho] de Alfeu, e Tadeu.
- (b)** Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o ***publicano***; Tiago, filho de Alfeu, e Lebeu, apelidado Tadeu;
- (c)** Filipe e Bartolomeu, Tomé e Mateus, o ***cobrador de impostos***; Tiago, filho de Alfeu; Tadeu.

O vocábulo “governo” é um empréstimo linguístico do português “governo”. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido no lexema da língua-fonte. Como na cultura kaiwá não existe arrecadação de impostos, coletas, o tradutor utiliza uma unidade lexical com sentido genérico: de todo pela parte, mais conhecida pelos índios.

Importa considerar que as definições do dicionário Houaiss (2009) auxiliam na compreensão dos significados, tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução. A palavra “governo” é um substantivo masculino que, entre outros significados, remete à “capacidade ou possibilidade de exercer controle”; “poder executivo”. Por outro lado, “cobrador” é “aquele que cobra ou faz cobranças” e “imposto” é uma “contribuição monetária devida por pessoas físicas ou jurídicas ao Estado”; “tributo”, “ônus”. E a palavra “coletoria” é um substantivo feminino e significa: “repartição pública arrecadadora de coletas ou impostos”.

Ortograficamente, os lexemas permanecem idênticos no processo de adoção da palavra, mas há uma mudança de sentido e esta caracteriza o empréstimo linguístico como fenômeno semântico.

16. Satanás (2 Tessalonicenses 2:3), do português **satanás**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [filho da destruição]; (b) [filho da perdição]; (c) [Perverso]**.

Upéixa omombe’u ramo, ani pene mbotavy uka rei va’erã. ãy ete katu nogwahẽ mo’ãi Nhandejáry áry igwejy hagwã. Kente kwéry yvypóry va’e gwive ojere ranhe va’erã Nhandejáry rekoha-gwi. Ojekwaa ranhe va’erã pehekoha vaive eterei va’e, anháy ruvixa **Satanás** rembieraharã. Upe rire ae katu ogwejy va’erã ou-vy Nhandejáry Hesu.

- (a)** Que ninguém vos seduza, de maneira alguma, porque não virá a menos que venha primeiro a apostasia e seja revelado o homem que é contra a lei, o **filho da destruição**.
- (b)** Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o **filho da perdição**;
- (c)** Não deixem que ninguém os engane de nenhum jeito. Porque, antes desse Dia, terá de vir a Revolta contra Deus, e terá de aparecer o **Perverso**, que está condenado ao inferno.

A palavra “satanás” é utilizada em kaiwá como empréstimo linguístico do português, o que, a princípio, não implica alteração de sentido. Se, no entanto, tomarmos como fonte a expressão “filho da destruição”, usada em português, observaremos que o tradutor, ao usar “satanás”, não considerou o tabu religioso, que leva as pessoas a não pronunciarem certas palavras. Em português, foram usados os eufemismos “filho da destruição” e “filho da perdição”, como uma forma de suavizar a carga semântica da palavra mais corrente.

17. Moeda:

(1) Moeda (Mateus 10:9), do português **moeda**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [cobre]; (b) [cobre]; (c) [cobre]**.

Ani ereraha teĩ plata nde ku’akwaha gwy-py. Hepy va’e ouro ani ereraha teĩ. Ani ereraha plata. **Moeda** jepe ani ereraha teĩ.

- (a) Não adquirais nem ouro, nem prata, nem *cobre*, para os bolsos dos vossos cintos.
- (b) Não possuais ouro, nem prata, nem *cobre*, em vossos cintos;
- (c) Não levem nos bolsos nem ouro, nem prata, nem moedas de *cobre*.

(2) **Moeda (Mateus 25:15)**, do português **moeda**. Nas versões bíblicas em português: (a) [talentos]; (b) [talentos]; (c) [cinco mil moedas de prata].

Oĩ oito *moeda* tuvixa va'e hepy va'e ouro gwigwa ogwereko va'e. Peteĩ va'e-pe cinco ome'ẽ. Peteĩ va'e-pe ome'ẽ mokõĩ. Peteĩ va'e-pe peteĩ ome'ẽ oiporuruka-vy. Peteĩ teĩ oiporu kwaa hagwã-rami ome'ẽ. Ope-ma ramo osẽ oho-vy.

- (a) E a um deles deu cinco *talentos*, a outro dois, e a ainda outro um, a cada um segundo a sua própria capacidade, e viajou para fora.
- (b) E a um deu cinco *talentos*, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.
- (c) E lhes deu dinheiro de acordo com a capacidade de cada um: ao primeiro deu *cinco mil moedas de prata*; ao outro, duas mil; e ao terceiro, mil. Então foi viajar.

(3) **Moeda (Marcos 12:15)**, do português **moeda**. Nas versões bíblicas em português: (a) [denário]; (b) [moeda]; (c) [moeda].

Ha ha'e ohexa kwaa hese hekoha vai: “Omo'ã kwaa voi opy'a ky'aha” he'i ojéupe hese. Upéi he'i judeu ruvixa kwéry-pe:
 --- Ma'erã xe monhe'ẽ avyse? he'i. --- Eru xe-vy *moeda* mburuvixagwasu remimbopaga uka tahexa, he'i íxupe kwéry.

- (a) Devemos pagar ou não devemos pagar? Percebendo a hipocrisia deles, disse-lhes: “Por que me pondeis à prova? Trazei-me um *denário* para ver.

- (b) Então ele, conhecendo a sua hipocrisia, disse-lhes: Por que me tentais? Trazei-me uma *moeda*, para que a veja.
- (c) Mas Jesus notou o fingimento deles e respondeu:
 --- Por que é que vocês querem me pegar em contradição? Tragam uma *moeda* para eu ver.

Como hoje já não se fazem mais moedas de cobre, a expressão (metonímica)⁵⁸ foi substituída pelo tradutor por uma palavra conhecida e pertencente ao vocabulário ativo dos indígenas em questão. A palavra “moeda” é utilizada em kaiwá como empréstimo do português, “moeda”. Ao traduzir para o kaiwá, o tradutor terá considerado o fato de as palavras “talento”, “denário” e “cobre” estarem em desuso no português e optou por sua tradução para o português atual.

Segundo a Bíblia Sagrada, o “talento” é a maior das unidades hebraicas de peso e de valor monetário. (Êxodo 38:29; 2Samuel 12:30; 1Reis 10:10; 2Reis 23:33; 1Crônicas 29:7; 2Crônicas 36:3; Esdras 8:26) Calculado à base de sua equivalência a 60 minas ou 3.000 siclos (Êxodo 38:25, 26), um talento pesava 34,2 kg. Em valores atuais, um talento de prata valeria US\$ 6.606,00 e um talento de ouro, US\$ 385.350,00.

De acordo com o Houaiss (2009), a palavra “moeda” significa: “peça de metal, ger. circular, cunhada por instituição governamental para ser usado. Como meio de pagamento; meio pelo qual são efetuadas transações monetárias; aquilo a que se dá valor moral ou intelectual”. Esta definição ratifica a informação de mudança de sentido em relação à palavra “denário”, que significa “moeda romana da Antiguidade que correspondia a dez asses”.

De acordo com a Bíblia Sagrada, o “denário” é uma moeda romana de prata, que pesava cerca de 3,85 g, e assim teria um valor atual de uns US\$ 0,74. Levava a imagem da cabeça de César e era a “moeda do imposto por cabeça”, que os romanos exigiam dos judeus. (Mateus 22:19-21) Nos dias do ministério terrestre de Jesus, os lavradores recebiam em geral um denário por um dia de 12 horas de trabalho. (Mateus 20:2) Assim, o livro de Revelação (Apocalipse 6:6) retrata uma condição extrema ao declarar que um litro de trigo ou três de cevada custariam um denário (o salário de um dia inteiro).

⁵⁸ Segundo Ullmann (1964, p. 454), a metonímia “não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si [...], mas a metonímia oferece um interesse limitado para o estudioso do estilo, ela é um fator importante na mudança semântica”.

Como pudemos constatar, uma mesma unidade lexical, no caso “moeda” foi empregada, de acordo com diferentes versões bíblicas, em contextos e com significados completamente diversificados, o que comprova que a tradução de certa maneira é uma prática subjetiva e, por isso mesmo, pode variar de acordo com a interpretação do tradutor ou mesmo da época em que é realizada.

18. Praça (Mateus 20:3), do português **praça**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [feira]; (b) [praça]; (c) [praça]**.

Ha upéi katu asaje ramo osê jevy oho-vy ijáry. *Praça-py* omba’apose va’e omomba’apoharã-pe oha’arõ haty-py oho ramo, ohexa omba’apo e’ÿ va’e.

- (a)** Saindo também por volta da terceira hora, viu outros parados, sem emprego, na *feira*.
- (b)** E, saindo perto da hora terceira, viu outros que estavam ociosos na *praça*.
- (c)** Às nove horas, saiu outra vez, foi à *praça* do mercado e viu ali alguns homens que não estavam fazendo nada.

A palavra “praça” é utilizada no kaiwá como empréstimo linguístico do português, sob a forma de um neologismo semântico, pois há alteração de sentido. A palavra tomada como empréstimo passa por uma adaptação para corresponder a “feira”, da versão em português, cujas conotações podem não ser pertinentes ao discurso religioso.

O dicionário Houaiss (2009) define a palavra “praça” como: “área pública sem construções, dentro de uma cidade; largo; local aberto onde se compra e se vende; mercado, feira; lugar fortificado; fortaleza; área urbana arborizada e/ou ajardinada, para descanso e lazer; jardim público; comunidade comercial e financeira de uma cidade; hasta pública”. Essa definição ratifica a informação de mudança de sentido em relação ao vocábulo “feira”, que significa: “reunião de vendedores e compradores em determinado local e hora, com a finalidade de comércio; exposição competitiva, ou para exibição de novos produtos; comercialização de diversos artigos, com finalidade beneficente ou para dar baixa em estoques antigos; o que se compra em feira(s), esp. na feira livre”.

19. Semana:

(1) **Semana (Mateus 26:17)**, do português **semana**. Nas versões bíblicas em português: (a) [primeiro dia dos Pães não Fermentados]; (b) [primeiro dia da festa dos pães asmos]; (c) [primeiro dia da Festa dos Pães sem Fermento].

Ha upéi katu aretegwasu-py ogwahẽ ou-vy Hesu ha-py hemimbo'e kwéry. Upe va'e semana-py mbojape ovu e'ÿ va'e ja'u. Oiko-ma ramo upéa *semana*, ogwahẽ ou-vy Hesu ha-py hemimbo'e kwéry:

--- Kipy tipo orombogwejy-ta nde-vy ne remi'urã nhane mandu'a hagwã páscoa-rehe jakaru-vy? he'i oporandu-vy Hesu-pe.

(a) No *primeiro dia dos Pães não Fermentados*, os discípulos vieram a Jesus, dizendo: “Onde queres que preparemos para comeres a páscoa?”

(b) E, no *primeiro dia da festa dos pães asmos*, chegaram os discípulos junto de Jesus, dizendo: Onde queres que façamos os preparativos para comeres a páscoa?

(c) No *primeiro dia da Festa dos Pães sem Fermento*, os discípulos chegaram perto de Jesus e perguntaram:

--- Onde é que o senhor quer que preparemos o jantar da Páscoa?

(2) **Semana (Lu. 9:28)**, do português **semana**. Nas versões bíblicas em português: (a) [oito dias depois]; (b) [oito dias depois]; (c) [uma semana depois].

Peteĩ *semana* rire mbohapy ogweraha gwupive Hesu. Pedro, João, Tiago ave ogweraha omondo hagwã onhe'ẽ Nandejáry-pe. Ogwerojeupi yvyatyrsu-rehe heraha-vy.

(a) Em realidade, cerca de *oito dias depois* destas palavras, tomou consigo a Pedro, e a João, e a Tiago, e subiu ao monte para orar.

(b) E aconteceu que, quase *oito dias depois* destas palavras, tomou consigo a Pedro, a João e a Tiago, e subiu ao monte a orar.

- (c) Mais ou menos *uma semana depois*, Jesus levou Pedro, João e Tiago e subiu o monte para orar.

(3) Semana (Atos 20:6), do português *semana*. Nas versões bíblicas em português: **(a) [sete dias]; (b) [dias dos pães asmos]; (c) [uma semana]**.

Upe-py opyta ore ra'arõ-vy. Ha ore katu oropyta Filipos tetã-my. Oiko-ma areteguasu. Upe areteguasu-py ja'u meme va'e mbojape ovu e'ÿ va'e. Areteguasu opa rirem ante oroho jevy. Upe-gwi ygwasu rembe-py orogwahẽ ramo, oronhemboyru kanoagwasu-py oroho hagwã y-rupi. Upéi cinco áry jave orogwahẽ oroho-vy Trôade tetã-my. Upe-py *peteĩ semana* oropyta.

- (a)** Mas nós nos fizemos ao mar, de Filipos, depois dos dias dos pães não fermentados, e em cinco dias fomos ter com eles em Trôade; e passamos ali *sete dias*.
- (b)** E, depois dos dias dos pães asmos, navegamos de Filipos, e em cinco dias fomos ter com eles a Trôade, onde estivermos *sete dias*.
- (c)** Depois da Festa dos Pães sem Fermento, nós partimos da cidade de Filipos. Cinco dias depois nos encontramos com eles em Trôade e ficamos ali *uma semana*.

O vocábulo “semana” é utilizado como empréstimo linguístico do português, sob a forma de um neologismo semântico, pois há uma mudança significativa de sentido em relação às expressões adotadas nas versões bíblicas em português.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), o lexema “semana” significa “período de sete dias fixado pelo calendário, de domingo a sábado; período de sete dias consecutivos; série de seis ou de cinco dias úteis, anteriores ao domingo, dedicados ao trabalho; trabalho realizado nesses dias”. Já a expressão “dia dos pães não fermentados” refere-se à “Festividade dos Pães Não Fermentados que ocupava os sete dias após o dia da Páscoa”. Durante esses dias, não se devia achar nas casas dos israelitas, nem ser “visto” com eles, nada fermentado, nem massa lèveada. (Êx 12:14-20; 13:6, 7; 23:15) Isso servia para

lembrar-lhes sua apressada libertação do Egito, pela mão de Jeová Deus, quando não tiveram tempo para deixar a massa fermentar, mas, na sua pressa, carregaram-na junto com suas amassadeiras. Há, neste caso, uma generalização do sentido da expressão usada em português, que se aplicava a um feito específico, a uma espécie de ritual que não ocorre mais na atualidade.

O vocábulo “semana” é utilizado em kaiwá como empréstimo linguístico do português, na condição de neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido: a expressão da língua-fonte é sintetizada em kaiwá, em que o todo representa as partes que o compõem.

20. Domingo:

(1) (1Coríntios 16:2), do português **domingo**. Nas versões bíblicas em português: (a) [primeiro dia da semana]; (b) [primeiro dia da semana]; (c) [os domingos].

Domingo meme, pemono’õ plata. Heta ogwereco va’e tomono’õ heta. Há mixĩ ogwereco va’e mixĩ mate tomono’õ. Upéixa pejapo pono aju-ma ramo peheka heka pene remime’ẽrã.

- (a) Todo *primeiro dia da semana*, cada um de vós, na sua própria casa, ponha algo de lado, em reserva, conforme tiver prosperado, para que, quando eu chegar, não se façam então as coletas.
- (b) No *primeiro dia da semana* cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade, para que se não façam as coletas quando eu chegar.
- (c) Todos *os domingos* separem e guardem algum dinheiro, de acordo com o que cada um conseguir. Assim na haverá necessidade de recolher ofertas quando eu chegar.

(2) Domingo (Mateus 28:1), do português **domingo**. Nas versões bíblicas em português: (a) [depois de sábado, no primeiro dia da semana]; (b) [no fim do sábado, o primeiro dia da semana]; (c) [Depois do sábado, no domingo].

Pytu'uha áry rire, voi ete *domingo*-py, nako'êi vyteri ramo, oho ohexa Hesu retekwe renda. Upe-py oho Maria Madalena, Tiago sy ndive.

- (a) *Depois do sábado*, quando estava ficando claro, **no primeiro dia da semana**, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro.
- (b) E, *no fim do sábado*, quando já despontava *o primeiro dia da semana*, Maria Madalena, e a outra Maria foram ver o sepulcro;
- (c) *Depois do sábado, no domingo* bem cedo, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo.

De acordo com dicionário Houaiss (2009), a palavra “domingo” significa: “primeiro dia da semana, que se segue ao sábado e precede a segunda-feira; dia consagrado, entre os católicos e outros cristãos, à oração e ao descanso”. As definições são similares, mas mesmo assim, o item lexical possui alteração de significado.

Pode ser um xenismo, porém pode ser que, por questões doutrinárias do catolicismo, o tradutor tenha preferido usar “domingo”. No quarto mandamento, a determinação é que se guarde o sétimo dia, o sábado, que a Igreja Católica “transferiu” para o domingo. Dizer “primeiro dia da semana” para representar o domingo significaria suscitar questionamentos que poderiam comprometer a obediência a princípios cristãos provavelmente arraigados entre os kaiwá.

Ademais, há o princípio da economia linguística: usa-se um vocábulo único em detrimento de construções perifrásticas. Assim concebido, pode ser um neologismo semântico, pois há a perda do sema “primeiro dia”.

21. Uva:

(1) **Uva (Mateus 26:29)**, do português **uva**. Nas versões bíblicas em português: (a) [produto da **videira**]; (b) [fruto da **vide**]; (c) [**vinho**].

Ha'e-ta peẽ-my. Ha'u-ma kuri *uva* rykwere. ãy ae katu nda'u mo'ãvéi-ma. Ha upe rire katu, xe Ru pende ruvixa oiko haty-py, ha'u jevy va'erã, he'i.

--- Upe-py agwahê ramo uva rykwere pyahu ha'u jevy va'erã. Pene ndive ha'u jevy va'erã, he'i gwemimbo'e kwéry-pe.

- (a) Eu vos digo, porém: Doravante, de modo algum beberei deste produto da *videira*, até o dia em que o beberei novo, convosco, no reino de meu Pai.
- (b) E digo-vos que, desde agora, não beberei deste fruto da *vide* até aquele dia em que o beba de novo convosco no reino de meu Pai.
- (c) Eu afirmo que nunca mais beberei deste *vinho* até o dia em que beber com vocês um vinho novo no Reino do meu Pai.

(2) Uva (Lucas 5:37), do português *uva*. Nas versões bíblicas em português: (a) [*vinho*]; (b) [*vinho*]; (c) [*vinho*].

Upéi katu oiporu jevy arandu nhe'ê teko pyahu-rehe omombe'u jevy-vy. *Uva rykwere ryru* rehegwa nhe'ê-rami oiporu.

--- Nanhanhunhãiry *uva rykwere* pyahu va'e hyru tujakwe vakapi va'e-py. Nhanhunha ramo, ombovu omondoro arã ra'e gwyrú vakapi tujakwe. Osyrypa arã pe *uva rykwere* osoropa arã hyrukwe.

- (a) Além disso, ninguém põe *vinho* novo em odres velhos; mas, se o fizer, então o *vinho* novo rebentará os odres e se derramará, e os odres ficarão arruinados.
- (b) E ninguém deita *vinho* novo em odres velhos; doutra sorte o *vinho* novo romperá os odres, e entornar-se-á o *vinho*, e os odres se estragarão;
- (c) Ninguém põe *vinho* novo em odres velhos. Se alguém fizer isso, os *odres* rebentam, o *vinho* se perde, e os odres ficam estragados.

A palavra “uva” é utilizada no kaiwá, nos dois exemplos, como empréstimo linguístico do português, “uva”, no entanto, trata-se de um neologismo semântico, pois há, nos exemplos, uma alteração de sentido: a palavra tomada como empréstimo passa por uma

adaptação: o tradutor põe em evidência a matéria prima em lugar do produto (vinho, vide, videira).

A definição do dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dos significados tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução. A palavra “uva” significa: “fruto da videira, uma baga ovoide ou elipsoide, verde, rosada, rubra, azulada ou preta, ger. doce e mais ou menos ácida, comestível ao natural e tb. como passa, em geleias, doces e refrescos, e de que se fazem o vinho e o vinagre; cacho de uvas”. Já “fruto da videira” ou “produto da videira” equivale a “vinho”, nos contextos em português.

Segundo Ullmann (1964, p. 192-193), “em muitos casos, uma palavra é motivada tanto morfológica como semanticamente”. Na escolha de “uva”, e não de “vinho”, há que se considerar, em nosso entender, uma motivação cultural ou até ideológica.

Ullmann (1964, p. 455), “as metonímias podem classificar-se melhor de acordo com as associações que estão por baixo delas”. Nos casos em análise podemos supor que o tradutor evita a palavra “vinho”, seja pela situação cultural de vulnerabilidade dos índios da RID à ingestão de bebidas alcoólicas, conforme comentado no capítulo I seja pela “ideologia religiosa” de fugir do vinho.

22. Festa dos Tabernáculos (João 7:2), do português **Festa dos Tabernáculos**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [festividade das tendas]; (b) [a dos Tabernáculos]; (c) [Festa das Barracas]**.

Ha upéi katu hi’agwĩ-ma oĩ ogwahẽ haggwã *judeu* kwéry arete áry, héry va’e *Festa dos Tabernáculos*, kwarahy ãy-my jaiko ramo peteĩ semana.

(a) No entanto, estava próxima a festividade dos judeus, a *festividade das tendas*.

(b) E estava próxima a festa dos judeus, *a dos tabernáculos*.

(c) A festa dos judeus, chamada de *Festa das Barracas*, estava perto.

A definição do dicionário Houaiss (2009) auxilia na compreensão dessa adaptação. O lexema “tabernáculo” significa: “santuário portátil onde os hebreus guardavam e transportavam a arca da aliança e demais objetos sagrados; no templo de Jerusalém, o lugar

mais recôndito ao qual só tinham acesso os sacerdotes, e onde ficava a arca da aliança; local onde são guardados objetos sagrados, imagens ou ícones; sacrário; festa judaica, que dura sete dias, também conhecida como Festa da Colheita (em heb. *sukot*), durante a qual os judeus comem e moram em cabanas, com teto de folhas, em memória da permanência no deserto”. Já “tendas” significa: “barraca de lona ou de outro tecido mais ou menos impermeável que se usa em campanha, excursionismo etc.; pequeno estabelecimento comercial onde se vendem esp. gêneros alimentícios secos; mercearia; oficina de marceneiro, ferreiro, sapateiro etc.; lugar onde ficam os tachos, nos engenhos de açúcar; centro onde se realizam sessões espíritas ou umbandistas”.

Na tradução, foi usado “Tabernáculos” por seu sentido religioso, compatível com o contexto de uso. Assim, houve a especificação de sentido a que se refere Ullmann (1964).

23. Kilo:

(1) (Apocalipse 6:6), do português **quilo**. Nas versões bíblicas em português: (a) [litros]; (b) [medida]; (c) [quilo].

Upe irundy Nhandejáry apyka jere-rehe oiko va’ety apyte-gwi ahendu ave nhe’ê. He’i:

--- Ivare’apa rei va’erã okwa-vy. Temi’urã ojogwa hagwã kente kwéry hepy voi va’erã, he’i.

--- Peteĩ áry repy-rehe *peteĩ kilo* mate ojogwa arã *trigo*, he’i.

--- Ha *cevada* ojogwase ramo *mbohapy kilo* ojogwa arã peteĩ áry repy-rehe. Upéixa hepy eterei ramo jepe hemi’urã ani joty erembohepy eterei teĩ nhandy há vinho ave, he’i.

(a) E eu ouvi uma voz como que no meio das quatro criaturas viventes dizer: “Um *litro de trigo* por um denário, e três *litros de cevada* por um denário; e não façam dano ao azeite de oliveira e ao vinho.

(b) E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: *Uma medida de trigo* por um dinheiro, e *três medidas de cevada* por um dinheiro: e não danifiquem o azeite e o vinho.

(c) Ouvi o que parecia ser uma voz, que vinha do meio dos quatro seres vivos e dizia:

--- *Meio quilo de trigo* custa o que vocês ganham num dia inteiro de trabalho; e *um quilo e meio de cevada* custa a mesma coisa. E não misturem nada no azeite e no vinho.

(2) (Apocalipse 16:21), do português **quilo**. Nas versões bíblicas em português: (a) [peso de um talento]; (b) [peso de um talento]; (c) [pesavam até quarenta quilos].

Yváy-gwi Nhandejáry ombou amandaugwasu ho'a hagwã kwimba'e kwéry-rehe. Amandaugwasu pohyikwe ogwereko va'e quarenta *kilo* voi. Upéi-gwi gwĩ kente kwéry onhe'ẽ vai vai voi Nhandejáry-rehe ombou-ma ramo marány amandaugwasu reheve íxupe kwéry. Maranygwasu vai eterei-gwi ombopoxy íxupe kwéry Nhandejáry-rehe.

Upéixa mba'e ryrupaha-gwi onhohẽmba uka-ma Nhandejáry marány ogwereko asy hekoha vaikwe.

(a) E uma grande saraivada, cada pedra tendo aproximadamente o *peso de um talento*, caiu do céu sobre os homens, e os homens blasfemaram a Deus devido à praga da saraiva, porque a praga dela era extraordinariamente grande.

(b) E sobre os homens caiu do céu uma grande saraiva, pedras do *peso de um talento*; e os homens blasfemaram de Deus por causa da praga da saraiva: porque a sua praga era mui grande.

(c) Chuvas de pedra caíram do céu sobre as pessoas. Eram grandes pedras que *pesavam até quarenta quilos*. E as pessoas amaldiçoaram a Deus por causa da praga de chuvas de pedra, pois ela era terrível.

A palavra “kilo” é utilizada em kairá como empréstimo do português. Ao traduzir para o kairá, o tradutor terá considerado o fato de a sentença “peso de um talento” estar em desuso no português e optou por sua tradução para o português atual.

Segundo a Bíblia Sagrada, o “talento” é a maior das unidades hebraicas de peso e de valor monetário. (Êxodo 38:29; 2Samuel 12:30; 1Reis 10:10; 2Reis 23:33; 1Crônicas 29:7; 2Crônicas 36:3; Esdras 8:26).

Com a definição do dicionário Houaiss (2009), melhor compreendemos os significados, tanto da palavra emprestada quanto da palavra adotada na tradução. A palavra “quilo” corresponde a medida de peso, ao passo que “litro” é “unidade de capacidade do sistema métrico (utilizada para líquidos e certos gêneros secos) que equivale a um decímetro cúbico de água pura na condição normal da temperatura atmosférica [símb.: l]; quantidade correspondente a um litro; garrafa com capacidade para um litro”.

Houve, no caso, uma especificação do sentido, já que, na cultura contemporânea, usa-se “quilo” para substâncias sólidas, reservando “litro” para as líquidas, embora ainda se encontrem, em determinados tipos de casas, comerciais, recipientes que “pesam” produtos sólidos vendidos a granel. Essa prática era muito comum nas antigas “vendas”, em mercearias e mercadinhos.

24. Sardônio (Apocalipse 4:3), do português **Sardônio**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [pedra preciosa de cor vermelha]; (b) [sardônica]; (c) [sardônia]**.

Ogwapyha ári ha'e omimbioĩ-vy. Ita kyra jaspe endy hesakã porã tee va'e-rami voi omimbipa ogwapy oĩ-vy oapykagwasu ári. Ita kyra hesakã *sardônio* pytã tee opiriri va'e-rami ave ogwapyha ári omimbipa oĩ-vy. Ha ijapykagwasu jerekwe-rehe oĩ jy'y. Ita kyra endy hesakã esmeralda hovy va'e mimbi-rami opyryrypa voi jy'y ijere-rehe.

- (a)** E o sentado é, em aparência, semelhante à pedra de jaspe e a uma *pedra preciosa de cor vermelha*, e ao redor do trono [há] um arco-íris, em aparência semelhante à esmeralda.
- (b)** E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e *sardônica*; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

- (c) O seu rosto brilhava como brilham as pedras de jaspe e *sardônia*. Em volta do trono havia um arco-íris que brilhava como uma esmeralda.

O vocábulo “sardônio” é utilizado como empréstimo linguístico do português para equivaler a ‘pedra preciosa de cor vermelha’. Trata-se de um neologismo semântico, pois há uma especificação de sentido, em relação à versão portuguesa do versículo citado.

25. Carroça (Apocalipse 9:9), do português **carroça**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [carros de muitos cavalos]; (b) [carros]; (c) [carros]**.

Ipyti’a kwéry-rehe oĩ va’e anheĩ-rami voi hatã va’e ijukaharãgwe jepe ndojukái arã voi íxupe. Ipepo kwéry hyapupa voi oje’óiv vy hikwái. Anheĩ-rami voi oje’óiv vy hikwái. Anheĩ-rami voi onhorairõ hagwã-py oho va’e-rami heta voi **carroça** reheve kavaju kwéry reheve ave ohoha-rami voi hyapupa voi ipepo kwéry.

- (a) E tinham couraças como couraças de ferro. E o som das suas asas [era] como o som de **carros de muitos cavalos** correndo à batalha.
- (b) E tinham couraças como couraças de ferro; e o ruído das suas asas era como o ruído de **carros**, quando muitos cavalos correm ao combate.
- (c) As armaduras para proteger o peito eram parecidas com armaduras de ferro. O barulho das suas asas era como o barulho de **carros** puxados por muitos cavalos quando correm para a batalha.

A palavra “carroça” significa: “carro grosseiro quase sempre feito de madeira, ger. puxado por animais, us. para transporte de carga”. Como hoje já não existem “carros de muitos cavalos” no sentido bíblico, denotativo, o tradutor usa “carroça”, palavra que faz referência a um objeto conhecido pelos índios. Perdem-se os semas ‘relativo a guerra’ e ‘tração por várias animais’, configurando-se a mudança semântica.

26. Bucha (João 19:29), do português **bucha**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [esponja]; (b) [esponja]; (c) [esponja]**.

Ope-py oĩ uva rykwere hepy e’y va’e *ryru*. Upéi *bucha* omoakỹ. Yvyra apy-rehe, hissopo héry va’e apy-rehe omoĩ imondo-vy íxupe. Oipyte uka ho’u uka-vy íxupe.

- (a)** Havia ali um vaso cheio de vinho acre. Portanto, puseram uma *esponja* cheia de vinho acre numa [haste] de hissopo e a chegaram à sua boca.
- (b)** Estava pois ali um vaso cheio de vinagre. E encheram de vinagre uma *esponja*, e, pondo-a num hissopo, lha chegaram à boca.
- (c)** Estava ali uma vasilha cheia de vinho barato. Molharam nela uma *esponja*, puseram numa vara de hissopo e a encostaram na boca de Jesus.

O vocábulo “bucha” é usado como empréstimo linguístico do português e corresponde a um neologismo semântico, pois há uma alteração de sentido: suprime-se o sema “maciez” que caracteriza “esponja” e, com isso, o tradutor representa com maior força expressiva o fato relatado.

No dicionário Houaiss (2009), a palavra “bucha” é definida como: “material fibroso extraído do interior do fruto seco da bucha (planta), us. como esfregão para banho ou lavação de utensílios; bucha-dos-paulistas, bucha-dos-pescadores, esfregão, esponja”. “Esponja”, por sua vez, significa: “qualquer substância com as características anteriores, porosa, macia e absorvente objeto esponjoso (us. para ensaboar, limpar, espalhar pó etc.)”.

27. Arca do acordo (Apocalipse 11:19), do português **arca do acordo**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [arca do pacto]; (b) [arca do seu concerto]; (c) [arca do acordo]**.

Upéi ojepe’a yváy-py oĩ va’e Nhandejáry-pe omboete haty rokẽ. Ikoty tee-py ojehexa hyru. Nhandejáry nhe’ẽ mokõi ita-rehe oĩ va’e ryru upe va’e. Ymagware nhane moingokwaa Nhandejáry irurã rehegwa nhe’ẽ ryru, *arca do acordo* héry va’e. Ojehexa jave overa vera voi osunu

hatã-ma, hyapu atã atã voi oĩ-vy. Yvy katu oryrýi ha amandaugwasu ave ho'a-ma hese.

- (a) E abriu-se o [santuário do] templo de Deus, que está no céu, e viu-se a *arca do seu pacto* no [santuário do] seu templo. E houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e um terremoto, e grande saraivada.
- (b) E abriu-se no céu o templo de Deus, e a *arca do seu concerto* foi vista no seu templo: e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva.
- (c) Então se abriu o Templo de Deus, que está no céu, e a *arca do acordo* foi vista no Templo. E houve relâmpagos, estrondos, trovões, um terremoto e uma forte chuva de pedra.

Houaiss (2009) define o vocábulo “acordo” como um “ajuste formal; pacto, convenção, concerto; resultado da comunhão de ideias, de sentimentos etc.; entendimento recíproco; concórdia, harmonia; mudança para adaptação a novas condições; acomodação, combinação, conciliação; consentimento, permissão; decisão ou resolução conjunta”. “Pacto”, por sua vez, significa: “ajuste, contrato, convenção entre duas ou mais pessoas”. Ao escolher “acordo”, o tradutor traz, para o sintagma, o sema [+ formalidade], corroborando o sentido contextual.

28. Bronze (Apocalipse 1:15), do português **bronze**. Nas versões bíblicas em português: **(a) [cobre]; (b) [latão reluzente]; (c) [bronze]**.

Ipy ave hyverapa. *Bronze* tata-py ombohyku jave onhembohyvera vera va'e-rami ipy. Inhe'ẽ ryapu etei. Y hyapu hatãha-rami voi hyapu atã inhe'ẽ.

- (a) E os seus pés eram semelhantes a *cobre* excelente quando se escandescer na fornalha; e a sua voz era como o som de muitas águas.

- (b) E os seus pés, semelhantes a *latão reluzente*, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas.
- (c) Os pés brilhavam como o *bronze* refinado na fornalha e polido, e a voz parecia o barulho de uma grande cachoeira.

Na definição do dicionário Houaiss (2009), a palavra “bronze” corresponde a “liga de cobre e estanho, a que por vezes se adicionam outros metais, como o zinco; qualquer objeto (p.ex., medalha, moeda) feito de bronze”, e o vocábulo “cobre” a “elemento químico de número atômico 29, avermelhado, muito us. em fios condutores de eletricidade, encanamentos, em ligas como latão com zinco, bronze com estanho etc. (símb.: *Cu*); moeda desse metal; qualquer moeda; dinheiro (tb. us. no pl.); placa gravada em cobre; a estampa obtida dessa placa; dinheiro miúdo ou em moedas; trocados”.

Na escolha de “bronze”, em lugar de “cobre”, perde-se o efeito de pureza do original.

29. Três Vendas (Atos 28:15), do português **Três Vendas**. Nas versões bíblicas em português: (a) [Três Tavernas]; (b) [Três Vendas]; (c) [Três Vendas].

Ha Hesu nhe'ẽ renduha Roma pygwa va'e ohendu-ma ramo ore rerakwã, ou ore rogwaitĩ. Ou voi ore rape ra'arõha ore rogwaitĩ-vy. Oĩ ou va'e ore rape ra'arõha Praça de Ápio-py. Oĩ ave ou va'e *Três Vendas* peve. Orohogwaitĩ-ma ore rape ra'arõha-pe. Ha Paulo ohexa ramo:

--- Atima porã nde-vy, xe Járy, he'i imboete-vy. Ipy'agwapy jevy-ma.

- (a) E os irmãos de lá, quando ouviram a notícia a nosso respeito, vieram ao nosso encontro até a Feira de Ápio e as *Três Tavernas*, e, avistando-os, Paulo agradeceu a Deus e tomou coragem.
- (b) E de lá, ouvindo os irmão novas de nós, nos saíram ao encontro à praça de Ápio e às *três Vendas*, e Paulo, vendo-os, deu graças a Deus, e tomou ânimo.

(c) Os irmãos de Roma ouviram falar que estávamos chegando e foram se encontrar conosco nos povoados de Praça de Ápio e de *Três Vendas*. Quando Paulo os viu, agradeceu a Deus e ficou animado.

De acordo com o dicionário Houaiss (2009), “venda” significa: “pequeno armazém ou mercearia”, enquanto “taverna” significa: “m.q. TABERNA; estabelecimento de venda, esp. de vinho, jeropiga e bagaceira, para consumo local, além de petiscos (queijo, chouriços etc.), mas que não serve pratos de comida”.

Ao usar “venda”, o tradutor parece evitar remeter a questões sociais e de saúde muito comuns entre os kaiwá, como é o caso do consumo de bebidas. Há, aqui, uma questão cultural que a supressão do sema [+ venda de bebida] parece camuflar ou evitar.

5.5 Outros processos neológicos: xenismo

Carvalho (1989, p. 44) denomina as palavras emprestadas que não sofrem adaptações de *xenismo* e cita os “nomes próprios e nomes de lugares” como sendo os principais representantes do fenômeno, pois estes são respeitados nas traduções, “permanecem na forma original, apesar da grande frequência de uso”. No cópua analisado, foram encontrados muitos casos de xenismo, porém não foram numerosas as ocorrências em onomásticos ou topônimos. Predomina o uso dos xenismos na representação de números. Como não há alterações formais ou de sentido, limitamo-nos a apresentar a lista desse tipo de empréstimo (88 ocorrências) no quadro a seguir.

Quadro 9. Empréstimos linguísticos: xenismos

1. Alabastro (Mat. 26:7), do português alabastro.
2. Altar (Mat. 23:18), do português altar.
3. Amém (Ro. 11:36; Ro. 15:33; Ro. 16:27; Ef. 3:21), do português Amém.
4. Armagedom (Apo. 16:16), do português Armagedom.
5. Belzebu (Mat. 10:25), do português Belzebu.
6. Berilo (Apo. 21:20), do português Berilo.
7. Betsaida (Mat. 11:21), do português Betsaida.
8. Cabrito (Mat. 25:32), do português cabritos.
9. Cada (1 Cor. 15:30-31), do português cada.
10. Camelo (Mat. 3:4), do português camelo.
11. Cem (Mat. 13:8), do português Cem.
12. Cento e quarenta e quatro mil (Apo. 14:1), do português Cento e quarenta e quatro e mil.
13. Cento e vinte (Atos 1:15), do português cento e vinte.
14. Cevada (apoc. 6:6), do português cevada.
15. Chave (Apo. 3:7; Apo. 9:1), do português Chave.
16. Cinco (Mat. 16:9; Mat. 25:2), do português Cinco.
17. Cinco mil (Mat. 14:21; Mat. 16:9; Mr. 8:19), do português Cinco mil.
18. Cinquenta (Mr. 6:40), do português Cinquenta.
19. Cominho (Mat. 23:23), do português cominho.
20. Copo (Mat. 26:27), do português copo.
21. Crisólito (Apo. 21:20), do português Crisólito.
22. Crisópraso (Apo. 21:20), do português Crisópraso.
23. Cristo (Mat. 1:17; Mat. 24:23; Mr. 1:1), do português Cristo.
24. Dez (Apo. 12:3; Apo. 2:10), do português Dez.
25. Dezoito (Lu. 13:4-5), do português Dezoito.
26. Doze (Mat. 10:1; Mat. 14:20; Mr. 9:35), do português Doze.
27. Esmeralda (Apo. 21:19; Apo. 4:3), do português Esmeralda.
28. Fariseu (Mat. 3:7), do português Fariseu.
29. Fermento (Mat. 13:33), do português fermento.

30. Figo (Apo. 6:13; Mat. 7:16), do português figo.
31. Grego (Jo. 19:20), do português Grego.
32. Harpa (1 Co. 14:7), do português Harpa.
33. Hortelã (Mat. 23:23), do português hortelã
34. Impostos (Rom. 13:6-7), do português impostos.
35. Jaspe (Apo. 4:3), do português Jaspe.
36. José Justo (At. 1:23), do português José Justo.
37. Judeu (Mat. 1:16), do português Judeu.
38. Justo (Col. 4:11), do português Justo.
39. Latim (Jo. 19:20), do português Latim.
40. Leão (Apo. 5:5), do português Leão.
41. Maná (Jo. 6:49), do português Maná.
42. Marfim (Apo. 18:12), do português marfim.
43. Messias (Jo. 1:41), do português Messias.
44. Mil (2Pe. 3:8), do português Mil.
45. Mirra (Jo. 19:39), do português mirra.
46. Mostarda (Mat. 13:31), do português mostarda.
47. Mundo (Col. 2:20-21; Col. 2:8), do português Mundo.
48. Noventa e nove (Mat. 18:12), do português Noventa e nove.
49. Número (Apo. 15:2; 13:18), do português Número.
50. Oitenta (Lu. 16:7), do português Oitenta.
51. Oito (Lu. 2:21), do português Oito.
52. Oliveiras (Mat. 24:3; Mat. 26:30; Mr. 13:3), do português Oliveiras.
53. Onze (Mat. 28:16; Mr 16:14), do português Onze.
54. Oração (Ro. 12:12; Ef. 6:18; Col. 4:2), do português oração.
55. Ouro (Mat. 2:11; Hebreus 9:4; Apo. 9:20), do português ouro.
56. Outro (Mat. 6:24; Mr. 12:4), do português Outro.
57. Páscoa (Mat. 26:2), do português Páscoa.
58. Pentecostes (At. 2:1), do português Pentecostes.
59. Pérola (Apo. 21:21), do português Pérola.
60. Prata (Apo. 9:20), do português prata.

61. Prato (Mat. 23:25), do português prato.
62. Quarenta (Atos 4:22), do português quarenta.
63. Quarenta e dois (Apo. 11:2), do português Quarenta e dois.
64. Quatorze (2 Co. 12:2), do português Quatorze.
65. Quatrocentos (At. 5:36), do português Quatrocentos.
66. Quatrocentos e trinta (Gál. 3:17), do português Quatrocentos e trinta.
67. Querubim (heb. 9:5), do português querubins.
68. Quilômetro (João 11:18), do português quilômetros.
69. Quinhentos (1 Co. 15:6), do português Quinhentos.
70. Quinze (Gál. 1:18), do português Quinze.
71. Sábado (Jo. 19:31), do português Sábado.
72. Safira (Apo. 21:19), do português Safira.
73. Sárdio (Apo. 21:20), do português Sárdio.
74. Satanás (1 Co. 5:5; 1 Co. 7:5; Mat. 4:10; Mr. 4:15) , do português Satanás.
75. Seis (Mat. 17:1), do português Seis.
76. Semana (Lu. 18:12), do português Semana.
77. Sessenta (Mat. 13:8), do português Sessenta.
78. Sete (Mat. 12:45; Mr. 12:23; Mr. 16:9), do português Sete.
79. Setenta (Mat. 18:22), do português Setenta.
80. Setenta e cinco (At. 7:14), do português Setenta e cinco.
81. Soldado (Mr. 15:16; Jo. 18:3), do português Soldado.
82. Tinta (2 João 1:12-13), do português tinta.
83. Trigo (Lu. 3:17), do português Trigo.
84. Trinta (Mat. 13:8; Mat. 27:3; Lu. 3:23), do português Trinta.
85. Trinta e oito (Jo. 5:5), do português Trinta e oito.
86. Urso (Apo. 13:2), do português Urso.
87. Vinte e quatro (Apo. 4:4), do português Vinte e quatro.
88. Vinte mil (Lu. 14:31), do português Vinte mil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A sociedade vem sofrendo profundas transformações e as culturas e as línguas estão se interpenetrando sendo necessárias pesquisas que investiguem de que forma essas transformações afetam a língua. Que o léxico das línguas está em constante desenvolvimento e que a criação neológica é parte da história das línguas, é incontestável. Por isso, por intermédio desta pesquisa, procuramos mostrar como as unidades lexicais neológicas estabelecem relações com os níveis da fonologia, da morfologia, da sintaxe, da semântica e do texto.

Para tanto, propusemo-nos a descrever e analisar neologismos por empréstimo linguístico do português para o kaiwá, em um contexto específico explorando os aspectos linguísticos ou culturais dos dados e observando a relação desse fenômeno neológico com a realidade sociolinguística do kaiwá, que vive em situação de contato linguístico com não indígenas falantes de português.

Entendíamos que, desse contato, derivariam interferências linguísticas do português em textos escritos em kaiwá, e, por serem estes muito raros, escolhemos um texto que circula entre esses índios - o Novo Testamento da versão bíblica traduzida para a língua, em que julgávamos poder encontrar marcas da proximidade cultural e linguística.

Durante as atividades de campo e o tratamento dos dados, observamos que um dos resultados desse contato linguístico entre os kaiwá e o mundo exterior tem sido a criação lexical, ou seja, o uso de novas palavras para designar objetos e expressões introduzidos pelo não indígena, fenômeno denominado neologia, fato linguístico que, de acordo com Basilio (1991, p. 9), pode decorrer da utilização da ideia de uma nova palavra em outra classe gramatical, ou da “necessidade de um acréscimo semântico numa significação lexical básica”.

Barbosa (1996, p. 174-175) faz uma síntese dos processos de formação de palavras neológicas, destacando cinco aspectos importantes: (1) o neologismo pode decorrer da criação de um novo signo; (2) derivar de uma alteração no plano do significante, que ocasione mudança de significado; (3) pode provir de uma alteração no significado, conservando o mesmo significante; (4) pode resultar de uma transformação sintagmática, em que não há mudanças e sim combinações inéditas de morfemas no plano do significante com a conseqüente alteração no plano do significado; (5) o neologismo pode decorrer da importação de um termo que pertença a outro sistema linguístico.

Na síntese desses cinco aspectos, configuram-se três tipos básicos de empréstimo linguístico. O primeiro ocorre quando a forma e a significação das palavras são emprestadas ao sistema fonológico da nova língua (xenismo); o segundo realiza-se quando a significação é emprestada, mas a forma é a original (semântico); o terceiro pode ser verificado quando a significação é emprestada, mas a forma é adaptada ou traduzida (sintático e fonológico).

Assim, o neologismo semântico ocorre quando há “mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica” (ALVES, 1994, p. 62), sem alterações formais, e essa mudança corresponde a um novo recorte cultural.

Já as relações entre fonologia e neologia dão lugar aos neologismos fonológicos, enquanto, das relações entre morfologia e sintaxe, resultam os neologismos sintáticos, formados pelos processos de flexão, derivação prefixal, derivação sufixal, derivação parassintética e composição, além da conversão (que não implica mudança formal).

Com a análise dos itens lexicais encontrados, podemos afirmar a existência das influências linguísticas do português sobre o kaiwá, materializadas nos neologismos por empréstimo fonológico, semântico e sintático.

De um total de 137 neologismos por empréstimo analisados, 88 foram classificados como xenismo; 29 como empréstimos semânticos; 12, sintáticos – subdivididos em 3 por flexão, 1 por derivação prefixal, 4 por derivação sufixal, 1 por derivação parassintética, 2 por composição, 1 por conversão/flexão e 8 como empréstimos fonológicos. Esses resultados permitem-nos concluir que os empréstimos semânticos são fontes produtivas de neologismos no kaiwá, representando **21,17%**, e se destacam dos empréstimos fonológicos, com apenas **5,84%**, e sintáticos, com **8,76%**, porém o que predomina são os casos de xenismo **64,23%**, confirmando a forte influência do contato com o português sobre a língua kaiwá.

Enfim, podemos afirmar que os resultados deste trabalho poderão subsidiar outras pesquisas e proporcionar uma reflexão tanto para os kaiwá e guarani, quanto para os não indígenas sobre a realidade atual da língua. Abordamos os mecanismos de formação de neologismos por empréstimo, utilizando algumas teorias, como forma de melhor contextualizar e descrever o fenômeno.

Por meio dos dados coletados em campo e com o auxílio de trabalhos já desenvolvidos com essa língua, podemos afirmar que os empréstimos adotados são decorrentes do contato linguístico existente entre o português e o kaiwá falado dentro das

aldeias, em virtude da convivência dos falantes indígenas com os não índios, em face da proximidade territorial.

Esperamos que este trabalho desperte interesses e desencadeie futuras pesquisas direcionadas a fenômenos linguísticos decorrentes do contato entre a língua portuguesa e as línguas indígenas a seu redor, como, por exemplo, o caso do fenômeno a que se denomina “xenismo”: seria mera transposição de uma língua a outra, ou assumiria, na língua-alvo, peculiaridades culturais ideológicas e identitárias?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCÂNTARA, Maria de Lourdes Belti de. *Jovens indígenas e lugares de pertencimento*. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.

ALVES, Ieda Maria. A integração dos neologismos por empréstimo ao léxico português. *Alfa*. São Paulo, 28 (supl.): 119-126, 1984.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo – Criação Lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

AMORIM, Rodrigues. *Os neologismos de Sagarana e sua tradução para a língua inglesa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”. Assis, 2002.

ASSIS, Cecy Fernandes de. *Ñe'eryru: Avañe'e-Portuge/Portuge-Avañe'e*. São Paulo: 2008.

AYLWIN, José. *Os direitos dos povos indígenas em Mato Grosso do Sul, Brasil*. Confinamento e tutela no século XXI. São Paulo: IWGIA, 2009.

AZEREDO, José Carlos de. *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. 5. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. Edições Loyola, São Paulo, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. 3. ed. – São Paulo: Plêiade, 1996.

_____. *Da neologia à neologia na literatura*. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* / Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquierdo, organizadoras. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998.

_____. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEREDO, José Carlos de (org.). *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BASILIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

_____. Em torno da palavra como unidade lexical: Palavras e composições. *Veredas*, Revista de estudos lingüísticos Juiz de Fora, v.4, n.2 p.9-18, 2009. Disponível em <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo110.pdf>, acesso em: 12 de março de 2011.

_____. *O conceito de vocábulo na obra de Mattoso Câmara*. D.E.L.T.A., vol. 20: Especial, 2004 (71-84).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BRAND, A. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da palavra*. Porto Alegre, 1997. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. PUC/RS.

_____. “*O bom mesmo é ficar sem capitão*”: o problema da “administração” das Reservas Indígenas Kaiowá/Guarani, MS. *Tellus*, a .1. v .1. Campo Grande, UCDB, 2001.

_____. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 1, N. 2, Mar. 2001.

_____. *Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS*. *Tellus*, a.4. n.6. vol.1. Campo Grande, UCDB, 2004.

_____. *Capitães e Lideranças Kaiowá e Guarani*. In: *Projeto Criança Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: a Realidade na visão dos índios* / organizadores: Adir Casaro Nascimento, Suzana Gonçalves Batista e Suzi Maggi Kras. Campo Grande: UCDB, 2005.

_____. *Relações sociais e a erva-mate em terra indígena Kaiowá e Guarani*. In: *Multitemas*, n. 36. Campo Grande – MS: UCDB, 2008.

_____. *Considerações sobre território para os Kaiowá e Guarani*. In: *tellus*, a. 8. v. 15. Campo Grande, UCDB, 2008.

BRAND, Antônio; ALMEIDA, Fernando Augusto Azambuja. *A ação do SPI e da FUNAI junto aos Kaiowá e Guarani, no MS*. Campo Grande: UCDB, 2006.

BRIDGEMAN, Loraine I. *A note on stress in Kaiwá*, 1960.

_____. *Kaiwa (Guarani) phonology*, 1961.

_____. *O parágrafo na fala dos kaiwá-guarani*, 1981.

_____. *Oral paragraphs in Kaiwa (Guarani)*, 1966.

_____. *Kwatia mitäygywe-pe gwarã (ABCDário em Kaiwá)*. Brasília: Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1991. 40 p. Circulação restrita.

_____. *Manual para o escritor Kaiwá*. Dourados: Missão Evangélica Caiuá, 1991. 8 p. Circulação restrita.

_____. *Dicas para quem quer escrever em Kaiwá*. Summer Institute of Linguistics, D.F. ISIL, 2002.

_____. *O parágrafo na fala dos Kaiwá-Guarani*. Edição Online. Cuiabá-MT: Associação Internacional de Língua – SIL Brasil. 2007.

_____. *Os parágrafos gramaticais, fonológicos y léxicais na língua Kaiwá*, 2008.

BORBA, Francisco da Silva, 1932. *Pequeno vocabulário de lingüística moderna*. São Paulo, editora Nacional e Editora da USP (1971) 152 p. (Iniciação científica, v.31).

BORGES, Valdinei Moreira. *O vocabulário de Gonçalves Dias: para a construção de um glossário neológico*. Dissertação - Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Instituto de Letras e Linguística - ILEEL 2007.

BOWERN, Claire. Introduction. in: *Linguistic Fieldwork: a practical guide*. Palgrave MacMillan, 2008.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara. Sobre as línguas indígenas do Mato Grosso. *Anais da 56ª Reunião Anual da SBPC - Cuiabá, MT - Julho/2004*. Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/56ra/banco_conf_simp/textos/AnaSuellyCabral.htm, acesso em 13 de dezembro de 2010.

CAMARA JR., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 6ª ed., Petrópolis: Vozes, 1975.

CARDOSO, Valéria Faria. Estudo preliminar da morfossintaxe verbal da língua kaiwá/guarani. *Estudos Lingüísticos XXXIV*, p. 714-719, 2005.

_____. *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: [s.n.], 2008.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos*. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Nelly. *Empréstimos linguísticos na língua portuguesa*. São Paulo: Cortez, 2009.

CARVALHO, Márcia Regina Pavoni de. *A propósito de um glossário de neologismos na imprensa escrita de Mato Grosso do Sul: um recorte*. Três Lagoas: Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. UFMS, 2003.

CHAMORRO, Graciela. *Terra Madura. Yvy araguyje: Fundamento da palavra guarani*. Dourados: UFGD, 2008.

COUTO, Hildo Honório do. *Linguística, ecologia e ecolinguística: contato de línguas*. São Paulo: Contexto, 2009.

CRAIG, C. G. Jacalteco: fieldwork in: Guatemala. *Language and then speakers*. Combidge iwinthrop, 1979.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *História dos índios no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura: FAPESP, 1992.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3ª ed.– Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DARRAULT-HARRIS, Ivan. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de criança Guarani/Kaiowá*; [tradução Sonia Grubits]. São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2000.

DUBOIS, Jean. et.alli. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1993.

ESPÍNDOLA, Sandra da Silva. *Breve estudo do Português oral dos índios da reserva “Francisco Horta Barbosa”- Dourados – MS*. Dissertação – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2002.

EVERETT, Daniel L. *Linguistic fieldwork: a student guide*. Illinois State University (formerly of University of Manchester), 2006.

FREITAS, Horácio Rolim de. *Princípios de morfologia: visão sincrônica*. 5. ed. rev. E ampliada com exercícios e respostas. – Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GARCIA, W. G. & RIBEIRO, Aniceto. *Mito dos Gêmeos (por 5 narradores diferentes)*. *Terra Indígena*. Assis: CEIMAM-UNESP, 2000.

GARCIA, Wilson Galhego. *Kayova Médico Renonde-pe - Termos Médicos Kayová (Kayová-Português; Português-Kayova); Frases e expressões mais utilizadas para o exame médico (Português-Kayová; Kayová-Português)*. Terra Indígena. Assis: CEIMAM-UNESP, 2000.

_____. *Nhande rembypy / Nossas origens*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

GIVÓN, T. *Verbs*. In: *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam, Philadelphia: I. Benjamins Pub, 1936.

GRESSLER, Lori Alice; SWENSSON, Lauro Joppert. *Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul*. Dourados, MS: LAG, 1988.

GUASCH, A. S. J. e D. S. J. Ortiz. *Dicionário castellano-guarani guaranicastellano: sintático-fraseológico-ideológico*. Assuncion, Paraguay: CEPAG. 1996.

GUASCH, A. S. J. *El idioma guarani: gramática y antología de prosa y verso*. Assuncion: Loyola. 1976.

GUILBERT, M. Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

_____. *Théorie du neologism. Cahiers de L'Association Internacionale des Études Françaises*, nº25, p. 9-29, [197?]

GUIMARÃES, Eduardo. *A noção de empréstimo em Mattoso Câmara*. Estudos da língua(gem). Vitória da Conquista. N.2 p. 95-104. Dezembro/2005.

GUIMARÃES ROSA, João. *Tutaméia: terceiras estórias*. 6.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HOUAISS, Antonio et alli. *Dicionário Eletrônico Houaiss da língua Portuguesa 3.0*. Rio de Janeiro, Instituto Antônio Houaiss/Objetiva Ltda, 2009.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico – brincando com as palavras*. 4. ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

JOSÉ FILHO, Antônio. *A língua dos Kaiowá/Guarani: Interferências, Empréstimos Linguísticos e xenismos*. Três Lagoas, MS. Dissertação – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2001.

KIBRIK, A. E. *The methodology of field investigations in linguistics*. Paris: Mouton, 1977.

LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e a sua estrutura*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

LOBATO, Monteiro. *Emília no País da Gramática*. SP: Círculo do Livro, 1979. Digitalizado por <http://groups.google.com/group/digitalsource>.

LOURENÇO, Renata. *A política indigenista do Estado republicano: junto aos índios da reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)*. Dourados, MS: UEMS, 2008.

MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. *Vocabulários Bilingües em Línguas Indígenas: o caso do tupi, os neologismos*. In: *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* / Ana Maria Pinto Pires de Oliveira, Aparecida Negri Isquierdo, organizadoras. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

MARQUES, Maria Helena Duarte. *Iniciação à semântica*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 1996.

MARTINS, Tatiana Azambuja Ujacow. *Direito ao Pão Novo – O Princípio da Dignidade e a Efetivação do Direito Indígena*. São Paulo: Pillares, 2005.

MATORÉ, Georges. *Le neologism: naissance et diffusion. Le français modern*, nº2, Paris: A D'Antrey, 1952, p. 87-92.

MELATTI, Julio Cezar. *Índios do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 2007.

MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. *Levantamento histórico sobre os índios Guarani Kaiwá*. Rio de Janeiro: Museu do índio, 2003.

MORGADO, Anastácio F. *Epidemia de Suicídio entre os Guarani-Kaiwá: Indagando suas Causas e Avançando a Hipótese do Recuo Impossível*. Cadernos de Saúde Pública, RJ, 7(4): 585-598, out/dez, 1991.

NASCIMENTO, Adir Casaro et al. *A criança guarani/kaiowá e a questão da educação infantil*. Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, n.22. Campo Grande: UCDB, 2007.

NETO, Gorete Maria. *Construindo interpretações para entrelinhas: cosmologia e identidade étnica nos textos escritos em português, como segunda língua, por alunos indígenas Tapirapé*. Campinas, SP: 2005. (Dissertação de mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

OLIVEIRA, Cleane S. de e NETO, Francisco Lotufo. *Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro*. Rev. Psiq. Clín. 30 (1): 4-10, 2003.

PAIVA, Zilda. *Língua e Sociedade: o que nos pode revelar a Língua Materna?*. 2007. Disponível em: <http://mha.home.sapo.pt/paginas/cd/pdfs/5.%20Zilda%20Paiva.pdf>. Acesso em: 01 de abril de 2011.

PASCHOALICK, Lelian Chalub Amin. *A arte dos índios Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados, MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica*. – Dourados, MS: Editora da UFGD, 2008.

PILLA, Éda Heloisa. *Neologismo e a face social da língua*. Porto Alegre, RS: AGE, 2002.

RENAULT-LESCURE, Odile. *As palavras e as coisas do contato*. Os neologismos Kali'na. In: *Pacificando o branco: cosmologias do contato no norte-amazônico/ organizadores Bruce Albert e Alcida Rita Ramos*. – São Paulo: Editora UNESP: Imprensa do Estado, 2002.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. *Sobre as Línguas Indígenas e sua pesquisa no Brasil*. Línguas do Brasil/Artigos, 2005.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1994.

_____. *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola. 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, I/ Ana Suely Arruda Câmara Cabral, Aryon Dall’Igna Rodrigues (organizadores). - Belém: EDUFPA, 2002. T.I.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna; CABRAL, Ana Suely Arruda Câmara. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história. *In: Revendo a classificação interna da família Tupi-Guaraní*. Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, I/ Ana Suely Arruda Câmara Cabral, Aryon Dall’Igna Rodrigues (organizadores). - Belém: EDUFPA, 2002. T.I.

SACCONI, Luiz Antonio. *Nossa Gramática. Teoria e Prática*. 25 ed. Revista e atualizada. São Paulo: Atual Editora, 1999.

SAMARIN, William. *Field Linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1967.

SANTOS, Clemilton Pereira dos. *Análise Semiótica dos casos de suicídio indígena na região de Dourados/MS (Anos de 1990 e 1991): a perspectiva polifônica do discurso jornalístico*. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2007.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. São Paulo: difusão européia do livro, 1962.

SCHADEN, Egon. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*. São Paulo: Pedagógica/USP, 1974.

SED/MS – Curso Normal em Nível Médio – Formação de Professores Guarani/Kaiowá – Projeto Ára Verá. Dourados/MS: Secretaria de Estado de Educação/MS, 1999.

SEKI, Lucy. *A linguística Indígena no Brasil*. D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº. Especial, 1999 (p. 257-290).

SEKI, Lucy. *Línguas Indígenas do Brasil no Limiar do Século XXI*. *Impulso*, volume 12, n. 27 (edição sobre os 500 anos do Brasil), 2000 (p. 233-256).

SILVA, José Pereira da. *Morfossintaxe da Língua Portuguesa*. São Gonçalo (RJ): Faculdade de Formação de Professores (UERJ), 2002. (Cadernos da Pós-Graduação em Língua Portuguesa, nº 2: Suplemento)

SILVA, Vanilda Alves da. *Noções de Contagem e Medidas Utilizadas pelos Guarani na Reserva de Dourados – Um Estudo Etnomatemático*. Campo Grande, MS: UFMS, 2006. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

SIQUEIRA, Eranir Martins de. *O serviço de proteção aos índios e as políticas de desenvolvimento na reserva Kaiowá e Guarani no Posto Indígena Beijamin Constant, 1940-1960*. Campo Grande, MS: UCDB, 2007. Dissertação – Universidade Católica Dom Bosco.

SOUZA, Neimar Machado de. *A Redução de Nuestra Señora de la Fe no Itatim: entre a cruz e a espada (1631 - 1659)*. Campo Grande: UCDB, 2004.

TAYLOR, John Michael and Audrey Helen Taylor. *Statement of Kaiwá Grammar from Clause to Morpheme Level*. Associação Internacional de Linguística, Anápolis, GO, 2010 (1966).

_____. Gramática Pedagógica da Língua Kaiwá. Summer Institute of Linguistics, D.F. ISIL, s/d.

_____. "Nove contos contados pelos kaiwás e guaranis." *Revista de Antropologia* 14: 81-104. 1966 a (c.f. p. 26).

TAYLOR, John M. *Kaiwá texts*, 1976.

TAYLOR, John. *A interrogação na língua Kaiwá*. 1984. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/KWInterr.pdf>, acesso em: 07 de dezembro de 2010.

_____. *Marcação temporal na língua Kaiwá* 1984. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/ling/KWMarc.pdf>, acesso em: 07 de dezembro de 2010.

TROQUEZ, M. C. C. *Professores índios e transformações socioculturais em um cenário multiétnico: a Reserva Indígena de Dourados (1960-2005)*. 2006. Dissertação (Mestrado História). Dourados, MS: UFGD.

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. Fundação Calouste Gulbenkian/Lisboa. 1964. Tradução de J. A. Osório Mateus.

VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.

WENCESLAU, Marina Evaristo. *O índio Kayowá e a comunidade dos brancos*. 1990. 182 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

Sites Consultados:

http://proel.org./index.php?pagina=mundo/amerindia/ecuatorial/kariri_tupi/tupi_guaraniaceso

<http://proel.org./index.php?pagina=mundo/amerindia/tupian>

<http://www.etnolinguistica.org/lingua:kaiowa>

<http://www.tekoarandu.org>

<http://www.trabalhoindigenista.org.br>

<http://www.socioambiental.org>

<http://www.cimi.org.br/>

<http://www.neppi.org>

<http://www.dicionarioinformal.com.br/definicao.php?palavra=endro&id=6577>

<http://books.google.com.br>

<http://www.dimap.ufrn.br/pipermail/logica-l/2008-September/002927.html>.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Empréstimos de neologismos fonológicos

Português	Transcrição	Kaiwá	Transcrição
‘Veze’ (p. 83)	[ˈvezis]	Vése	[ˈvɛsɛ]
‘Chiqueiro’	[ʃiˈkeru]	Xikéro	[xiˈkɛru]
‘Galo’	[ˈgalu]	Gáju	[ˈgádʒu]
‘Cavalo’	[kaˈvalu]	Kavaju	[kavaˈdʒu]
‘Cabra’	[ˈkabra]	Kavara	[kavaˈra]
‘Inteiro’	[ĩnˈteru]	Entéro	[ɛnˈtɛro]
‘Jesus’	[ʒɛˈzʊs]	Hesu	[heˈsu]
‘Camisa’	[kaˈmisa]	Kamisa	[kamiˈsa]
‘Camisa’	[kaˈmisa]	Kamisa	[kamiˈsa]
‘Canoa’	[kaˈnoa]	Kanóa	[kaˈnoa]
‘gente’	[ˈgẽnte]	Kente	[kẽnˈte]
‘gente’	[ˈgẽnte]	Kente	[kẽnˈte]
‘gente’	[ˈgẽnte]	Kente	[kẽnˈte]
‘Copo’	[ˈkɔpu]	Kópo	[ˈkɔpu]
‘cruz’	[ˈkrus]	Kurusu	[kuruˈsu]
‘Ovelha’	[oˈvɛλɐ]	Ovexa	[oveˈfɛ]
‘Ovelha’	[oˈvɛλɐ]	Ovexa	[oveˈfɛ]
‘Ovelha’	[oˈvɛλɐ]	Ovexa	[oveˈfɛ]
‘Ovelha’	[oˈvɛλɐ]	Ovexa	[oveˈfɛ]
‘Vaca’	[ˈvaka]	Vaka	[vaˈka]
‘Vaca’	[ˈvaka]	Vaka	[vaˈka]
‘Vaca’	[ˈvaka]	Vaka	[vaˈka]
‘Vaca’	[ˈvaka]	Vaka	[vaˈka]
‘Vaca’	[ˈvaka]	Vaka	[vaˈka]
‘Oca’	[ˈɔka]	Óga	[ˈóga]
‘Hora’	[ˈɔra]	Óra	[ˈóra]
‘Prata’	[ˈprata]	Plata	[plaˈta]

Empréstimos de neologismos sintáticos: flexão

Flexão	Tradução
Ovende	‘Vender’
Apaga	‘Pagar’
Opaga	‘Pagar’
Ovale	‘Valor’
Japaga	‘Pagar’

Empréstimos de neologismos sintáticos: derivação

Derivação Prefixal	Tradução	Derivação Sufixal	Tradução
Mbopaga	‘Pagar’	Trigoty	‘trigo’ (plantação de trigo) unidade/concreto uso semântico e pragmático
Inúmero	Número	Uvaty	‘uva’ (plantação de uva - vinhedo) coletivo grupo de uva
Iména	‘Viúva’	Mendare’y	‘solteiro’
Imenda	‘casar’	Mendare	‘casado’
Omenda	‘Casamento’	Kanoagwasu	‘canoa’
Onhembocristo	‘Eu sou o Cristo’	Kurusugwasu	‘cruz’
Oporombopaga	‘Pagar’		

Empréstimos de neologismos sintáticos: composição

Composição	Tradução	Conversão (Derivação Imprópria)	Tradução
Figo Máta	‘Figueira’	Preso	‘Prisao’?
Uva Máta	‘Vinhedo/Videira’	Oração	‘Orar/orai/oramos’?
Vaka ra’y	‘Bezerro’?	Flauta	‘Flautista’?
Cem ángo	‘Cem anos’	Ovende	Vendiam

Empréstimos de neologismos sintáticos: parassíntese

Parassíntese	Tradução
Ndopagái	‘leva e dá-lha por mim e por ti’ (ele não pagou não)?

Empréstimos de neologismos semânticos

Vocábulo em Português	Vocábulo em Kaiwá
Arca do acordo	Arca do acordo
Babosa	Babosa
Banco	Banco
Bronze	Bronze
Bucha	Bucha
Capitão	Capitão
Carroça	Carroça
Coronel	Coronel
Dois mil e duzentos quilômetros	Dois mil e duzentos quilômetros
Domingo	Domingo
Domingo	Domingo
Domingo	Domingo
Duzentos milhões	Duzentos milhões
Erva doce	Erva doce
Festa dos Tabernáculos	Festa dos Tabernáculos
Figo	Figo
Governo	Governo
Governo	Governo
Imposto	Imposto
Elizabete	Isabel
Jesus	Josué
Quilo	Kilo
Quilo	Kilo

Lona	Lona
Milhões	Milhões
Moeda	Moeda
Moeda	Moeda
Moeda	Moedas
Oitenta litros e cem litros	Oitenta litro para'e, cem litro
Oração	Oração
Oração	Oração
Pão	Pão
Polícia	Polícia
Polícia	Polícia
Praça	Praça
Preso	Preso
Quilômetro	Quilômetro
Sardônio	Sardônio
Satanás	Satanás
Seis	Seis
Semana	Semana
Serra	Serra
Sessenta e quatro metros	Sessenta e quatro metro
Sete	Séte
Setenta e dois mil	Setenta e dois mil
Soldado	Soldado
Soldado	Soldado
Soldado	Soldado

Soldado	Soldado
Três Vendas	Três Vendas
Trigo	Trigo
Trinta e sete metros	Trinta e sete metro
Uva	Uva
Uva	Uva
Vinte e quatro	Vinte e quatro

Empréstimos de neologismos fonológicos e semânticos

Português	Transcrição	kaiwá	Transcrição
Cabra	['kabra]	Kavara	[kava'ra]
Chiqueiro	[xi'keru]	Xikéro	[xi'kɛro]
Inteiro	[in'teru]	Entéro	[ɛn'tɛro]
Gente	['gɛnti]	Kente	['kɛnte]

Empréstimo de neologismos sintáticos e semânticos

Português	Kaiwá
'trigo' (plantação de trigo)	Trigo(ty)

Outros processos neológicos: Xenismo

Português	Kaiwá
Alabastro	Alabastro
Altar	Altar
Amém	Amém
Armagedom	Armagedom
Belzebu	Belzebu
Berilo	Berilo
Betsaida	Betsaida

Cabrito	Cabrito
Cada	Cada
Camelo	Camelo
Cem	Cem
Cento e quarenta e quatro mil	Cento e quarenta e quatro mil
Cento e cinquenta e três	Cento e cinquenta e três
Cento e vinte	Cento e vinte
Cevada	Cevada
Chave	Chave
Cinco	Cinco
Cinco mil	Cinco mil
Cinquenta	Cinquenta
Cominho	Cominho
Copo	Copo
Crisólito	Crisólito
Crisópraso	Crisópraso
Cristo	Cristo
Dez	Dez
Dezoito	Dezoito
Doze	Doze
Esmeralda	Esmeralda
Fariseu	Fariseu
Fermento	Fermento
Figo	Figo
Grego	Grego
Harpa	Harpa
Hortelã	Hortelã
Impostos	Impostos
Jaspe	Jaspe
José Justo	José Justo
Judeu	Judeu

Justo	Justo
Latim	Latim
Leão	Leão
Maná	Maná
Marfim	Marfim
Messias	Messias
Mil	Mil
Mirra	Mirra
Mostarda	Mostarda
Mundo	Mundo
Noventa e nove	Noventa e nove
Número	Número
Oitenta	Oitenta
Oito	Oito
Oliveiras	Oliveiras
Onze	Onze
Oração	Oração
Ouro	Ouro
Outro	Outro
Páscoa	Páscoa
Pentecostes	Pentecostes
Pérola	Pérola
Prata	Prata
Prato	Prato
Quarenta	Quarenta
Quarenta e dois	Quarenta e dois
Quatorze	Quatorze
Quatrocentos	Quatrocentos
Quatrocentos e trinta	Quatrocentos e trinta
Querubim	Querubins
Quilômetro	Quilômetro

Quinhentos	Quinhentos
Quinze	Quinze
Sábado	Sábado
Safira	Safira
Sárdio	Sárdio
Satanás	Satanás
Seis	Seis
Semana	Semana
Sessenta	Sessenta
Sete	Sete
Setenta	Setenta
Setenta e cinco	Setenta e cinco
Soldado	Soldado
Tinta	Tinta
Trigo	Trigo
Trinta	Trinta
Trinta e oito	Trinta e oito
Urso	Urso
Vinte e quatro	Vinte e quatro
Vinte mil	Vinte mil

APÊNDICE 2

As referências que se seguem são direcionadas ao povo Kaiwá, em diferentes áreas acadêmicas, encontradas no decorrer da pesquisa.

ALMEIDA, Rubem F. Thomaz de e MURA, Fábio. *Guarani-Kaiowá*. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/guarani-kaiowa>>. Acesso em: 27 de agosto de. 2010.

ALMEIDA, Rubem F. Thomaz de. *O Projeto Kaiowá-Ñandeva: uma experiência de etnodesenvolvimento junto aos Guarani-Kaiowá e Guarani-Ñandeva contemporâneos do*

Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro, 1991. v. 2. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1991.

_____. *Do desenvolvimento comunitário a mobilização política : o Projeto Kaiowa-Ñandeva como experiência antropológica*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

AZEVEDO, Marta Maria. CIMI. *O suicídio entre os Guarani Kaiowá*. Terra Indígena, Araraquara: Centro de Estudos Indígenas, v. 8, n. 58, p. 6-28, jan./mar. 1991.

BELLO, Samuel Edmondo Lopez. *Educação matemática indígena: um estudo etnomatemático com os índios Guaraní-Kaiowá do Mato Grosso do Sul*. Curitiba: UFPR, 1995. (Dissertação de Mestrado)

_____. *Etnomatemática no contexto guarani-kaiowá: reflexões para a educação matemática*. In: FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Org.). *Idéias matemáticas de povos culturalmente distintos*. São Paulo: Global; Mari/USP, 2002. p. 297-325. (Antropologia e Educação)

BERNARDES, Margarida Gennari (Coord.). *Javy'a jalee-vy - Lendo com alegria*. Brasília: Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1992. 53 p. (Livro de Primeiras Leituras Kaiwá). Circulação restrita.

BEZERRA, Marcos Otávio. *Panambi: um caso de criação de uma terra indígena Kayowá*. Niterói: Eduff, 1994. 149 p. (Cadernos de Graduação, 5)

BOSCHIGLIA, Maria Angélica Bragança. *Doença e saúde Kaiowá: passado e presente*. Dourados, 1998. 53p. Monografia (Especialização em História do Brasil) – Centro Universitário de Dourados, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 1998.

BRAND, Antonio. *Revista Internacional de Desenvolvimento Local*. Vol. 1, N. 2, Mar. 2001.

_____. *“O bom mesmo é ficar sem capitão”*: o problema da “administração” das Reservas Indígenas Kaiowá/Guarani, MS. In: *Tellus*, a.1. v.1. Campo Grande, UCDB, 2001.

_____. *Biodiversidade, sócio-diversidade e Desenvolvimento: os Kaiowá e Guarani no Estado de Mato Grosso do Sul*. In: *Fragmentação Florestal e Alternativas de Desenvolvimento Rural na Região Centro-Oeste*. Reginaldo Brito da Costa (org.), Campo Grande: UCDB, 2003.

_____. *Capitães e Lideranças Kaiowá e Guarani*. In: *Projeto Criança Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul: a Realidade na visão dos índios/ organizadores*: Adir Casaro Nascimento, Suzana Gonçalves Batista e Suzi Maggi Kras. Campo Grande: UCDB, 2005.

_____. *Considerações sobre território para os Kaiowá e Guarani*. In: *tellus*, a. 8. v. 15. Campo Grande, UCDB, 2008.

_____. *O confinamento e seu impacto sobre los Pai-Kaiowa*. Porto Alegre : PUC-RS, 1993. (Dissertação de Mestrado)

_____. *O impacto da perda da terra sobre a tradição kaiowá/guarani: os difíceis caminhos da Palavra*. Tese de doutorado em História - PUC/RS, Porto Alegre, 1997.

_____. *Os complexos caminhos da luta pela terra entre os Kaiowá e Guarani no MS*. In: *Tellus*, a.4. n.6. vol.1. Campo Grande, UCDB, 2004.

_____. *Programa Kaiowa/Guarani: um trabalho de parceria em favor dos Kaiowa/Guarani*. *Multitemas*, Campo Grande: s.ed., n. 4, p. 45-67, out. 1997.

_____. *Quando chegou esses que são nossos contrários: a ocupação espacial e o processo de confinamento dos Kaiowa/Guarani no Mato Grosso do Sul*. *Multitemas*, Campo Grande : s.ed., n. 12, p. 21-51, nov. 1998.

_____. *Relações sociais e a erva-mate em terra indígena Kaiowá e Guarani*. In: *Multitemas*, n. 36. Campo Grande – MS: UCDB, 2008.

BRAND, Antônio; ALMEIDA, Fernando Augusto Azambuja. *A ação do SPI e da FUNAI junto aos Kaiowá e Guarani, no MS*. Campo Grande: UCDB, 2006.

BRAND, Antônio; VIETTA, Katya. *Programa Kaiowa-Guarani: uma proposta de pesquisa e intervenção*. Multitemas, Campo Grande : s.ed., n. 8, p. 191-209, fev. 1998.

BRIDGEMAN, Loraine I. *A note on stress in Kaiwá*, 1960.

_____. *Kaiwa (Guarani) phonology*, 1961.

_____. *O parágrafo na fala dos kaiwá-guarani*, 1981.

_____. *Oral paragraphs in Kaiwa (Guarani)*, 1966.

_____. *Os parágrafos gramaticais, fonológicos y léxicais na língua Kaiwá*, 2008.

_____. *Kwatia mitäyngwe-pe gwarã (ABCDário em Kaiwá)*. Brasília: Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1991. 40 p. Circulação restrita.

_____. *Manual para o escritor Kaiwá*. Dourados: Missão Evangélica Caiuá, 1991. 8 p. Circulação restrita.

BRIGHENTI, Clóvis Antônio. *Integração e desintegração: análise do tratamento dispensado pelos Estados brasileiros e argentino ao povo Guarani de Santa Catarina e da província de Misiones*. São Paulo: USP, 2001. 214 p. (Dissertação de Mestrado)

CAMY, Fernando Franco Serrou. *O direito consuetudinário Kaiowa/Guarani frente ao nosso direito positivo*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 96-9, nov. 1998.

CARDOSO, Valéria Faria. *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guarani)*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – UNICAMP, Campinas.

CHAMORRO-ARGUELLO, Cândida Graciela. *Os efeitos do universo no dizer Kaiowá*. In: ZWETSCH, Roberto (Org.). 500 anos de invasão - 500 anos de resistência. São Paulo : Cedi ; Paulinas, 1992. p.17-28.

CIMI. *Violência contra os povos indígenas no Brasil*. Ano 2009. Disponível em: <<http://www.cimi.org.br/?system=news&action=read&id=4835&eid=397>>. Acesso em: 27 ago. 2010.

CIMI; CPI-SP; PROCURADORIA REGIONAL DA REPÚBLICA DA 3a. REGIÃO (Orgs.). *Conflitos de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul*. São Paulo: Palas Athena, 2001. 487 p.

COIMBRA, Maria Célia Crepschi. *O grito sufocado de morte dos Kaiowá e o conceito psicanalítico de pulsão*. São Paulo: PUC/Cogea, 1997. 60 p. (Monografia)

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO. *A Reserva Kayowá e a fazenda Paraguaçu*. Cadernos da CPI/SP, São Paulo: CPI-SP ; São Paulo : Global, n.2, p.155-6, 1981.

DARRAULT-HARRIS, Ivan. *Psicossemiótica na construção da identidade infantil: um estudo da produção artística de criança Guarani/Kaiowá*; [tradução Sonia Grubits]. São Paulo: Casa do Psicólogo; Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco, 2000.

Edição experimental de *Dicas para quem quer escrever em Kaiowá*, elaborado pela missionária Loraine Bridgeman (SIL), julho de 2002.

ESPÍNDOLA, Sandra da Silva. *Breve estudo do Português oral dos índios da reserva "Francisco Horta Barbosa"- Dourados – MS*. Dissertação – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, 2002.

FATTAH JUNIOR, Said Mahmoud Abdul. *O conflito processório nas terras Kaiowá/Guarani no Estado de Mato Grosso do Sul*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 87-95, nov. 1998.

FERREIRA, Eva Maria Luiz. *A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Larangeira (1902-1952)*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD, Dourados.

GARCIA, W. G. & RIBEIRO, Aniceto. *Mito dos Gêmeos (por 5 narradores diferentes)*. Terra Indígena. Assis: CEIMAM-UNESP, 2000.

GARCIA, Wilson Galhego. *Introdução ao universo botânico dos Kayová de Amambaí: descrição e análise de um sistema classificatório*. São Paulo: USP, 1985. (Tese de Doutorado)

GARCIA, Wilson Galhego. *Kayova Médico Renonde-pe - Termos Médicos Kayová (Kayová-Português; Português-Kayova); Frases e expressões mais utilizadas para o exame médico (Português-Kayová; Kayová-Português)*. Terra Indígena. Assis: CEIMAM-UNESP, 2000.

GARCIA, Wilson Galhego. *Nhande rembypy / Nossas origens*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

GARCIA, Wilson Galhego. *Plantas medicinais entre os índios Kayovas*. Terra Indígena, Araraquara: Centro de Estudos Indígenas, v. 13, n. 77/78, p. 13-94, mar. 1996.

Gramática Pedagógica da Língua Kaiwá, elaborada por John e Audrey Taylor com o auxílio do Summer Institute of Linguistics (s/d. p.1).

GRÜNBERG, Georg G. *Por que os Guarani Kaiowá estão se matando? Tempo e Presença*, Rio de Janeiro: Cedi, v. 13, n. 258, p. 32-7, jul./ago. 1991.

HARRISON, Carl H. and TAYLOR John M. *Nasalization in Kaiwá*, 1971.

JOSÉ FILHO, Antonio. *A performatividade na linguagem da resistência Kaiowa/Guarani*. 2005. Tese (Doutorado em Lingüística) – UNICAMP, Campinas.

JOSÉ FILHO, Antônio. *Bilingüismo e educação bilingüe Kaiowá/Guarani, L1 - português, L2 na Reserva Indígena de Caarapo/MS*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 176-93, nov. 1998.

JULIÃO, Lubianca Galleano. *Origens e efeitos históricos da venda de mão-de-obra Kaiowá/Guarani as usinas de álcool, na região da grande Dourados, durante os últimos 20 anos*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 79-86, nov.

LEITE, Fábio Henrique Cardoso. *O Kaiowá de Dourados: sua vida espiritual num contexto histórico*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

LEWIS, M. Paul (editor). *Kaiwá: a language of Brazil*. SIL. 2009.

LOURENÇO, Renata. *A política indigenista do Estado republicano: junto aos índios da reserva de Dourados e Panambizinho na área da educação escolar (1929 a 1968)*. Dourados, MS: UEMS, 2008.

MACIEL, Nely Aparecida. *História dos Kaiowa da aldeia Panambizinho: da década de 1920 aos dias atuais*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

MANFROI, José. *Qual a função da escola indígena diferenciada na construção do futuro do povo Kaiowá/Guarani? Um estudo a partir das lideranças, rezadores, pais e professores indígenas*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 162-75, nov. 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *A morte como apelo para a vida: o suicídio Kaiowá*. In: SANTOS, Ricardo Ventura; COIMBRA JÚNIOR, Carlos E. A. (Orgs.). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994. p. 243-51.

_____. *Canto de morte Kaiowá: história oral de vida*. São Paulo: Loyola, 1991. 303 p.

_____. *Suicídio Kaiowá. Carta*, Brasília: Gab. Sen. Darcy Ribeiro, n. 9, p. 53-60, 1993.

MELIÀ, B. & GRÜNBERG, G. (1976). *Los Pai-Tavyterã; etnografía guaraní del Paraguay contemporáneo*. Suplemento Antropológico. Asunción.

MELIÀ, Bartomeu, GRÜMBERG, Georg, GRÜMBERG, FRIDL. *Los Pãi-Tavyterã-Etnografía Guarani del Paraguay contemporáneo*. Asunción: Centro de Estudios Antropologicos. Universidad Católica “N.S. de la Asunción”, 1976.

Mini-dicionário Kaiwá-Português, elaborado pela missionária Loraine Bridgeman.

MISSÃO EVANGÉLICA CAIUÁ; SIL. *Te'yi remimombe'ukwe 1, 2, 3, 4, 5 (Fábulas Kaiwá 1, 2, 3, 4, 5)*. Cuiabá: SIL, 1994. 16, 15, 20, 16 e 28 p. Circulação restrita.

MONTEIRO, Maria Elizabeth Brêa. *Levantamento histórico sobre os índios Guarani Kaiwá*. Rio de Janeiro: Museu do índio, 2003.

MORGADO, Anastácio F. *Epidemia de suicídio entre os Guarani-Kaiowá: indagando suas causas e avançando a hipótese do recuo impossível*. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro: Fiocruz, v. 7, n. 4, p. 585-98, out./dez. 1991.

MURA, Fabio. *À procura do “bom viver”*: território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiowa. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. *Habitações Kaiowá: formas, propriedades técnicas e organização social*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro.

_____. *Habitações Kaiowá: formas, propriedades, técnicas e organização social*. Rio de Janeiro: UFRJ-Museu Nacional, 2000. (Dissertação de Mestrado)

NASCIMENTO, Adir Casaro et al. *A criança guarani/kaiowá e a questão da educação infantil*. Série-Estudos – Periódico do Mestrado em Educação da UCDB, n.22. Campo Grande: UCDB, 2007.

NOAL, Mirian Lange. *As crianças Guarani/Kaiowá: o Mitã Reko na aldeia Pirakuá/MS*. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – UNICAMP, Campinas.

OLIVEIRA, Getúlio de. *Mokõi Kovoe - Os dois Jaós*. Cuiabá: Missão Evangélica Caiuá/SIL, 1993. (Livro de Leitura Kaiwá). Circulação restrita.

OLIVEIRA, Sônia Grubits Gonçalves de; BRAND, Antônio; GUIMARÃES, Liliana A. M. *Vida e morte na cultura Guarani/Kaiowá*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 8, p. 227-39, fev. 1998.

PACHECO, Rosely Aparecida Stefanos. *Mobilizações Guarani Kaiowá e Nhandeva e a (re)construção de territórios (1978-2003): novas perspectivas para o direito indígena*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

PASCHOALICK, Lelian Chalub Amin. *A arte dos índios Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados-MS: transformações e permanências, uma expressão de identidade e afirmação étnica*. 2001. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

PAULETTI, Maucir; SCHNEIDER, Nereu; MANGOLIM, Olivio. *Por que os Guarani e Kaiowá se suicidam?* Campo Grande: CIMI, 1997. 52 p.

PEREIRA, Levi Marques. *Imagens Kaiowá do sistema social e seu entorno*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – FFLCH/USP, São Paulo, 2004.

_____. *No mundo dos parentes: a socialização das crianças adotadas entre os Kaiowá*. In: SILVA, Aracy Lopes da; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (Orgs.). *Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global; Mari-USP, 2002. p. 168-87. (Antropologia e Educação)

PEREIRA, Levi Marques. *Parentesco e organização social Kaiowá*. Campinas: Unicamp, 1999. (Dissertação de Mestrado)

PEREIRA, Maria Aparecida da Costa. *Uma rebelião cultural silenciosa: investigação sobre os suicídios entre os Guarani (Nhandeva e Kaiowá) do Mato Grosso do Sul*. Brasília: Funai, 1995. 55 p. (Índios do Brasil, 3)

PICOLI, Renata Paloopoli. *A fonética e a fonologia na educação bilingüe, guarani e português, nas escolas indígenas Kaiowá/Guarani da Reserva de Caarapo, região da Grande Dourados/MS*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 194-7, nov. 1998.

PIMENTEL, Spensy. *O mistério dos suicídios: ninguém sabe com certeza por que tantos caiovás se matam*. Problemas Brasileiros, São Paulo: Senac, v. 38, n.338, p.14-7, mar./abr. 2000.

PROGRAMA KAIOWA GUARANI. *Censo escolar Kaiowá Guarani no Mato Grosso do Sul*. Campo Grande: PKG, 1999.

PROJETO ARA VERA. *Nembohoky ne'e tesai rehehape - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani*: livro de receitas tradicionais de remédios. Campo Grande: Seduc, 2002. 42 p.

_____. *Nemombe'u je'upy rehegua - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani: receitas tradicionais de comidas e bebidas*. Campo Grande: Seduc, 2002. 26 p.

_____. *Te'yi rembiapo - Mbo'ehara kuera kaiowa ha guarani: receitas tradicionais de artefatos*. Campo Grande: Seduc, 2002. 40 p.

ROSSATO, Veronice Lovato. *A luta pela educação escolar diferenciada entre os Kaiowá/Guarani de Mato Grosso do Sul*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 147-61, nov. 1998.

SANTOS, Ana Cristina Ribas dos. *Como se dão as relações sociais na família da comunidade Kaiowá/Guarani da Reserva de Caarapoto na região da grande Dourados no Mato Grosso do Sul*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 74-8, nov. 1998.

SANTOS, Ana Maria do Perpétuo Socorro dos. *O forte do Iguatemi: atalaia do império colonial e trincheira da memória dos índios Kaiowa da Paraguassu*. Campinas: Unicamp, 2002. 159 p. (Dissertação de Mestrado)

SANTOS, Delmira Alves dos, SILVA, Edna Ferreira da, LUNA, Izaura Ferreira. *Os Guarani-Kaiowá da Aldeia Panambizinho no município de Dourados, MS, e a luta pela terra*. Dourados, 1998. Monografia (Bacharelado em Geografia) – UFMS/Dourados.

SANTOS, Delmira Alves dos. *Terra e trabalho Kaiowá: a aldeia Panambizinho no município de Dourados, MS*. 2000. Monografia (Especialização em Geografia) – UFMS, Dourados.

SILVA, Joana A. Fernandes. *Os Kaiowa e a ideologia dos projetos econômicos*. Campinas, 1982. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 1982.

SILVA, Lélío Loureiro da. *As representações dos Kaiowa-Ñandeva no jornal O Progresso na década de 1980*. 2007. Dissertação (Mestrado e História) – UFGD, Dourados.

SILVA, Marina. *O drama Kaiowá: uma outra descoberta do Brasil*. Brasília: Senado Federal, 1999. 30 p.

SILVA, Meire Adriana da. *O movimento dos Guarani e Kaiowá de reocupação e recuperação de seus territórios em Mato Grosso do Sul e a participação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário): 1978-2001*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS, Dourados.

SILVA, Vanilda Alves da. *Noções de Contagem e Medidas Utilizadas pelos Guarani na Reserva de Dourados – Um Estudo Etnomatemático*. Campo Grande, MS: UFMS, 2006. Dissertação – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

SIQUEIRA, Eranir Martins de. *O serviço de proteção aos índios e as políticas de desenvolvimento na reserva Kaiowá e Guarani no Posto Indígena Beijamin Constant, 1940-1960*. Campo Grande, MS: UCDB, 2007. Dissertação – Universidade Católica Dom Bosco.

TAYLOR, John M. 1984. *Marcação temporal na língua kaiwá*, 1984.

_____. *A interrogação na língua kaiwá*, 1984.

TAYLOR, John M. and Audrey Taylor. 1966. "Nove contos contados pelos kaiwás e guaranis." *Revista de Antropologia* 14: 81-104.

_____. *Nove contos contados pelos kaiwás e guaranis*, 1966.

TAYLOR, John M. Created. *O papel das aves na cosmovisão do povo indígena Kaiwá*, 1997.

TAYLOR, John M. *Kaiwá texts*, 1976.

TAYLOR, John Michael and Audrey Helen Taylor. *Statement of Kaiwá Grammar from Clause to Morpheme Level*. Associação Internacional de Linguística, Anápolis, GO, 2010 (1966).

VIEIRA, Juliane Ferreira. *Uma análise crítica das relações de poder no gênero relatório: o caso dos Kaiowá da Aldeia Panambizinho*. Dourados. 2007. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Grande Dourados, MS: UFGD.

VIETTA, Kátia. *Histórias sobre terras e xamãs kaiowá: territorialidade e organização social na perspectiva dos Kaiowá de Panambizinho (Dourados-MS) após 170 anos de exploração e povoamento não indígena da faixa de fronteira entre o Brasil e o Paraguai*. Tese (Doutorado em Ciência Social (Antropologia Social) Universidade de São Paulo, USP. São Paulo, 2007.

_____. *Não tem quem orienta, a pessoa sozinha, que nem uma folha que vai com o vento: análise sobre alguns impasses presentes entre os Kaiowá/Guarani*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 12, p. 52-73, nov. 1998.

_____. *Programa Kaiowá/Guarani: algumas reflexões sobre antropologia e praticas indigenistas*. Multitemas, Campo Grande: s.ed., n. 4, p. 68-85, out. 1997.

WENCESLAU, Marina Evaristo. *Índio Kaiowá: suicídio pelo tekoha*. São Paulo: USP, 1994. 485 p. (Tese de Doutorado)

_____. *O índio Kayowa e a comunidade dos brancos*. São Paulo, 1990. 182 p. il. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1990.